

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL DOUTORADO

SABRINA VIER

QUANDO A LINGUÍSTICA ENCONTRA A LINGUAGEM:
da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire
ao estudo semiológico de uma obra literária

São Leopoldo

2016

Sabrina Vier

QUANDO A LINGUÍSTICA ENCONTRA A LINGUAGEM:
da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire
ao estudo semiológico de uma obra literária

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora em Linguística
Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação
em Linguística Aplicada da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Mattos Guimarães

Co-orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

São Leopoldo

2016

V665q

Vier, Sabrina

Quando a linguística encontra a linguagem : da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária / por Sabrina Vier. – 2016.
176 f.: il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2016.

“Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Mattos Guimarães; co-orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores.”

1. Linguagem. 2. Semiologia. 3. Linguística. 4. Dossiê Baudelaire. 5. Poético. I. Título.

CDU: 801

SABRINA VIER

**"QUANDO A LINGÜÍSTICA ENCONTRA A LINGUAGEM: DA ESCRITA DE
ÉMILE BENVENISTE PRESENTE NO DOSSIÉ BAUDELAIRE AO ESTUDO
SEMIOLÓGICO DE UMA OBRA LITERÁRIA"**

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Linguística Aplicada da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 15 de março de 2018

BANCA EXAMINADORA

Juciane Cavalheiro

Profa. Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro - UEA

Profa. Dra. Marcia Romero - UNIFESP

V. Mello

Profa. Dra. Vera Helena Dentee de Mello - UNISINOS

ORIENTADORA

Ana Maria de Mattos Guimarães

Profa. Dra. Ana Maria de Mattos Guimarães - UNISINOS

COORDENADOR

Valdir Flores

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores - UFRGS

À Marlene Teixeira, para sempre
minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

A meu esposo, Marcelo, pelo amor e pelo apoio incondicional;

À minha filha, Sofia, por lidar com os vários momentos em que precisei me ausentar com tranquilidade e bom humor;

À minha mãe Rita, pelo incentivo aos estudos desde a 1^a. série do Ensino Fundamental;

À Marlene Teixeira, professora e amiga desde os tempos da Graduação, que não está mais entre nós, mas que continua iluminando caminhos e inspirando pesquisas, por ter me desvelado o discurso e ensinado que ser professora é ser uma eterna aprendiz;

Às amigas enunciativas Jorama Stein e Sandra Klafke, pelos momentos de escuta, de estudo e de parceria: tudo isso não teria sido possível sem vocês!;

Ao Valdir Flores, que em meio ao turbilhão de afazeres, recebeu-me como orientanda, pelos ensinamentos, pelas palavras de conforto e por ter propiciado através deste estudo um reencontro com a Marlene;

À Márcia Duarte, pela escuta literária e pelos saberes compartilhados;

Às professoras Eliana Inge Pritsch e Rejane Pivetta de Oliveira, por apontarem no momento da qualificação da tese aspectos literários fundamentais a esta pesquisa;

À amiga Rita Cunha, por propiciar à Sofia momentos de diversão e a mim momentos de estudo;

À colega e amiga Vera Mello, pelo apoio, pelo incentivo e pela parceria enunciativa;

Aos meus alunos da IENH e da Unisinos, por me incentivarem a estudar a linguagem e por entenderem minha falta de tempo nestes últimos quatro anos;

À Rove Chishman, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, pela condução generosa e pela escuta amiga;

À Ana Guimarães, por, desde o momento da seleção de doutorado, ter acreditado em minha pesquisa e pela leitura atenta e produtiva de minha tese.

*De toda a maneira,
de todos os lados,
a linguagem é
primordial.*

Émile Benveniste
(FENOGLIO, 2012b)

RESUMO

Em 1992, manuscritos de Émile Benveniste sobre a linguagem poética foram anunciados e geraram o que hoje se conhece como Dossiê Baudelaire. Esse material foi depositado na Biblioteca Nacional da França em 2004, vindo a público em 2008, via tese de Chloé Laplantine, e em 2011, via editora Lambert-Lucas. O Dossiê Baudelaire, provável estudo de Benveniste para um artigo encomendado por Roland Barthes para a revista *Langages*, é composto por 367 fólios. Os poucos estudos já realizados concordam que o dossiê apresenta uma pesquisa de Benveniste sobre o discurso de Baudelaire. Indo além dessa constatação, esta tese objetiva verificar como a escrita de Benveniste presente no dossiê esboça um estudo semiológico de uma obra e, portanto, do poético na linguagem. A categoria de análise, inspirada em Fenoglio (2009) e em Nietzsche (2009, 2007, 2004), é denominada de *ruminação*, pois é pela insistência enunciativa verificada na escrita de Benveniste que serão estabelecidos os *atos enunciativos* para análise. O *corpus* não é constituído pela totalidade dos fólios, mas por aqueles que deixam ver termos e procedimentos ruminados na escrita de Benveniste. Dos 159 fólios selecionados, foram elencadas para análise duas perspectivas de pesquisa: (i) a particularidade e a singularidade do discurso de Baudelaire e (ii) o caráter radicalmente específico da língua poética. Em relação à primeira, dois procedimentos comparecem como os mais ruminados: (a) a escolha das imagens reveladoras e (b) a busca pela estrutura da obra inteira. No que se refere à segunda, dois aspectos parecem tornar e retornar na escrita de Benveniste: (a) a natureza e (b) o funcionamento da língua poética. Anotam-se os seguintes resultados: a particularidade e a singularidade do discurso de Baudelaire devem-se à imagem do *espelho*, que engendra outras imagens criativas, e às relações entre o tempo, a sonoridade e a invocação, que apontam para a *correspondência* primordial: o homem e o mundo. A *correspondência* é, então, o princípio que estrutura o universo poético baudelaireano. Esses resultados colocam em cena o caráter radicalmente específico da língua poética: o material – a *palavra-escrita* –, a unidade – a *palavra-ícone* – e o princípio de funcionamento – a *iconia*. Comprova-se, desta forma, que a escrita de Benveniste evidencia um estudo semiológico do poético na linguagem a partir de uma perspectiva linguística que transcende o signo saussuriano e encontra a emoção e a experiência humana.

Palavras-chave: Linguagem. Semiologia. Linguística. Dossiê Baudelaire. Poético.

ABSTRACT

In 1992, Émile Benveniste's manuscripts about poetic language were disclosed and generated what today is known as Baudelaire Dossier. This material was deposited at the National Library of France in 2004, and publicized in 2008 through Chloé Laplantine's thesis and in 2011 by Lambert-Lucas publishing house. The Baudelaire Dossier, probably a Benveniste's study for a paper commissioned by Roland Barthes for *Langages* magazine, consists of 367 folios. A few studies have shown that the dossier presents a Benveniste's research into Baudelaire's discourse. Going beyond that finding, this thesis aims to investigate how Benveniste's writing in the dossier can be delineated as a semiological study of a work and, thus, a study on the poetical in language. The analysis category, inspired by Fenoglio (2009) and by Nietzsche (2009, 2007, 2004), is named *ruminatio*, because it is by means of enunciation insistence verified in writing Benveniste to be established the *enunciation facts* for analysis. The *corpus* is not composed of the total of folios, rather, it comprises those evidencing terms and procedures ruminated in Benveniste's writing. Of the 159 selected folios, two research perspectives have been selected for analysis: (i) both the particularity and singularity of Baudelaire's discourse, and (ii) the radically specific character of the poetic language. Regarding the former, the most ruminated procedures were: (a) the selection of images, and (b) the search for the structure of the whole work. Concerning the latter, two aspects seemed to be repeatedly addressed in Benveniste's writing: (a) nature, and (b) the functioning of the poetic language. The following results could be evidenced: the particularity and singularity of Baudelaire's discourse are due to both the image of the *mirror*, which engenders the other images, and the relationships between time, sonority and invocation, which point out the primordial *correspondence*: the man and the world. The *correspondence* is thus the principle structuring Baudelaire's poetic universe. These results have brought into play the radically specific character of the poetic language: the material – the *written word* –, the unity – the *icon word* – and the functioning principle – the *iconicity*. It is verified so that the Benveniste writing shows a semiological study of poetic language from a linguistic perspective that transcends the saussurian sign and reaches emotion and human experience.

Keywords: Language. Semiology. Linguistics. Baudelaire Dossier. Poetic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LITERATURA E(M) BENVENISTE.....	19
2.1 UMA AUSÊNCIA-PRESENTE EM PLG I E II	19
2.2 UMA PRESENÇA PARA ALÉM DOS PLG I E II	29
2.3 AS PALAVRAS ALADAS E(M) BENVENISTE	34
3 DOSSIÊ BAUDELAIRE.....	38
3.1 DESCRIÇÃO DO MATERIAL	38
3.2 POR QUE BAUDELAIRE?	45
3.3 DIFERENTES PERSPECTIVAS DE LEITURA E DE PESQUISA	51
3.3.1 Émile Benveniste, o Inconsciente e o Poema	52
3.3.2 As Notas Manuscritas de Benveniste sobre a Língua de Baudelaire.....	54
3.3.3 Émile Benveniste: por uma Poética Geral.....	57
3.3.4 Síntese das Perspectivas de Leitura	60
3.4 <i>MANU SCRIPTUS</i> : UMA ESCRITA EM PRODUÇÃO.....	61
3.4.1 Movimentos Enunciativos em Manuscritos de Benveniste.....	63
3.4.1.1 A nota como suporte da interrogação metodológica do linguista	63
3.4.1.2 A nota como suporte de memória.....	64
3.4.1.3 A nota como lugar de validação de uma noção	64
3.4.1.4 A nota como lugar de formação do pensamento teórico	66
3.5 A RUMINAÇÃO E O DEVIR DA LÍNGUA	77
4 INSTAURAÇÃO DE UM PERCURSO DE ANÁLISE.....	83
4.1 DA ESCRITA DE BENVENISTE COMO OBJETO DE ESTUDO.....	84
4.1 DA NOÇÃO DE <i>FATO ENUNCIATIVO</i> E DE <i>RUMINAÇÃO</i> À CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	87
4.2 SOBRE A APRESENTAÇÃO DOS FATOS ENUNCIATIVOS	88
4.3 SOBRE O PERCURSO DE ANÁLISE	89
5 VIVÊNCIA DE UM PERCURSO DE ANÁLISE	90
5.1 PONTO DE PARTIDA: FÓLIO 323	90
5.2 A PARTICULARIDADE E A SINGULARIDADE DO DISCURSO DA LÍNGUA DE BAUDELAIRE.....	92
5.2.1 As Imagens e sua Articulação.....	93
5.2.2 A Estrutura Profunda do Universo Poético	113

5.2 O CARÁTER RADICALMENTE ESPECÍFICO DA LÍNGUA POÉTICA.....	135
5.2.1 A Natureza	137
5.2.3 O Funcionamento	144
5.3 SEMIOLOGIA DE SEGUNDA GERAÇÃO	157
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	164
REFERÊNCIAS	169
ANEXO A – DOSSIE BAUDELAIRE	176

1 INTRODUÇÃO

As recentes publicações de manuscritos de Émile Benveniste¹ e o anúncio de uma semiologia de segunda geração (BENVENISTE, 1969/1989²) têm inspirado diferentes estudiosos da enunciação em suas pesquisas, atestando o constante recomeçar da obra benvenistiana (BARTHES, 2012) e o alargado alcance de seu pensamento (FLORES; TEIXEIRA, 2013). E é por esse constante recomeçar que me inscrevo como pesquisadora e defino o objeto de estudo desta tese.

Essa inscrição começou no Mestrado³ quando, de forma indireta, via Gérard Dessons, professor de Língua e Literatura francesas na Universidade de Paris VIII, entrei⁴ em contato com parte de manuscritos de Benveniste sobre a linguagem poética – assim denominado pelo autor (DESSONS, 2006). Esses manuscritos foram anunciados em 1992 (MOÏNFAR, 1992) e geraram o que hoje conhecemos por Dossiê Baudelaire (doravante DB).

O DB é composto por 367 notas manuscritas de Benveniste sobre os poemas de Charles Baudelaire em *As Flores do Mal* e sobre o discurso poético. Esse material está conservado na Biblioteca Nacional da França (doravante BNF), vindo a público de duas maneiras: em 2008, via tese de doutorado da linguista Chloé Laplantine (LAPLANTINE, 2008a, 2008b) e, em seguida, em 2011, via publicação da editora Lambert-Lucas (BENVENISTE, 2011).

Em minha dissertação sobre a singularidade da/na linguagem poética, argumentei que essa “[...] singularidade é marcada, especialmente, pelo ‘tropeço’ no semiótico, evocado no semântico, evocação essa que implica sujeitos” (VIER, 2008, p. 8). O que eu queria dizer na

¹ Refiro-me à publicação das notas sobre o discurso poético e de sua transcrição efetuada por Chloé Laplantine, no livro *Baudelaire* (BENVENISTE, 2011), e das notas e anotações para aulas no Collège de France e de sua transcrição e organização por Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet, no livro *Dernières leçons: Collège de France 1968-1969* (BENVENISTE, 2012), recentemente publicado no Brasil sob o título *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (BENVENISTE, 2014).

² Para referir os textos de Émile Benveniste presentes nos *Problemas de Linguística Geral I e II*, utilizo o sistema data/data: a primeira é a data da publicação original; a segunda é a constante na tradução brasileira (cf. referências).

³ Realizei meu Mestrado, nos anos de 2007 e 2008, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Unisinos. Sob orientação da Profa. Dra. Marlene Teixeira, desenvolvi um estudo enunciativo da rima e de sua sintagmatização no poema. A partir da análise de duas canções de Chico Buarque presentes no disco *Carioca*, buscamos a singularidade da/na linguagem poética.

⁴ Durante este espaço de escrita, usarei os pronomes “eu” e “nós” para marcar a autoria deste estudo. Explico-me: ao utilizar “eu”, refiro-me ao espaço singular que encontro nesta tese, em diálogo com o “tu” – Profa. Dra. Marlene Teixeira, Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores e minhas colegas de pesquisa no grupo de estudos *Enunciação em Perspectiva* –, tendo em vista a presença de “ele” – os diferentes referentes aqui e agora produzidos. Ao utilizar “nós”, busco evidenciar a junção do “eu” e do “tu” aqui identificados, que colocam em destaque por onde os estudos em Benveniste têm se encaminhado em nosso grupo de pesquisa. A professora Marlene não está mais entre nós, mas seu estudo e sua interlocução permanecem interrogando-me e inspirando nossas investigações em e por Benveniste.

época com essa expressão, que aos olhos do linguista familiarizado com a distinção benvenistiana pode parecer estranha? Naquele momento, essa foi a maneira que encontrei para dizer que a significação da/na linguagem poética se dá por outra via, diferente daquela prevista pelo signo saussuriano.

Agora, nesta tese, a partir da publicação do DB, aventuro-me a dar sequência ao estudo da singularidade da/na linguagem poética; no entanto, desta vez, adentrarei na materialidade e especificidade do DB: o próprio dossiê será, pois, foco de meu estudo.

Em 1968, em entrevista a Guy Dumur, Benveniste é questionado se a linguagem poética tem interesse para a linguística, ao que ele responde:

Imensamente. Mas este trabalho apenas começou. Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos. Há tentativas interessantes mas que mostram a dificuldade de se abandonarem categorias utilizadas para a análise da linguagem ordinária (BENVENISTE, 1968/1989, p. 37).

Acredito que o DB apresenta uma dessas tentativas interessantes de abordar a linguagem poética a partir da linguística. Benveniste reconhece que há um objeto de estudo e um método para essa pesquisa linguística, mas que eles não estão claramente definidos, pois este trabalho apenas começou.

Em 1969, no artigo *Semiologia da Língua*, Benveniste pensa a relação entre sistemas semiológicos distintos. E é neste artigo, e somente neste artigo, que o linguista apresenta um verso de um poema de Baudelaire para explicar uma das relações possíveis entre sistemas: “‘Les parfums, les couleurs et les sons se répondent’. Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete” (BENVENISTE, 1969/2008, p. 61)⁵.

Acredito, também, que o DB traz marcas de um estudo semiológico, a semiologia de segunda geração anunciada no final desse artigo: “[...] cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia em geral” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67). Reparemos que os instrumentos e o método “poderão concorrer”: teríamos aqui o anúncio de uma pesquisa futura?

Já bem dizia Barthes (2012, p. 210) que tudo em Benveniste “[...] é claro [...], tudo nele pode imediatamente ser reconhecido como verdade; e, no entanto, tudo também nele não faz mais do que começar”: e é por esse constante recomeço que escolho a escrita de

⁵ Utilizo aqui a versão em francês, “[...] et l’imagerie qui le reflete” (BENVENISTE, 1969/2008, p. 61), pois a versão brasileira apresenta “[...] e a criação que o reflete” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62).

Benveniste presente no DB como objeto de pesquisa desta tese. Laplantine (2011a) afirma que Benveniste tinha o hábito de fazer listas dos livros ou artigos que pretendia escrever e destaca que “Em uma dessas listas⁶, que data de 1967⁷, pode-se ler: ‘Langages/ (A língua de Baudelaire)’” (LAPLANTINE, 2011a, p. 8). Sabe-se, hoje, que esse artigo foi solicitado por Roland Barthes que organizou o número 12 (publicado em dezembro de 1968) da revista *Langages*⁸, intitulada *Linguística e literatura*. No entanto, esse artigo jamais foi publicado ou mesmo posto em rascunho (LAPLANTINE, 2011b).

Ao encerrar o primeiro artigo da revista, Barthes (1968) defende que o diálogo entre linguística e literatura não satisfaz à interdisciplinaridade. Isso porque não cabe fazer comunicar as disciplinas Linguística e Literatura: é preciso mudar, mover a imagem que temos da linguística e da literatura, ao ponto de, se necessário for, colocar em segundo plano, tanto na linguística quanto na literatura, sistemas historicamente datados. Destaca o autor, nesse sentido, que as pesquisas apresentadas na revista parecem encaminhar bem essas questões.

Em recente entrevista, Laplantine (2013) afirma que é preciso esclarecer, desde cedo, a relação de Benveniste com a Literatura, que vai além dos manuscritos sobre Baudelaire. Em primeiro lugar, essa relação justifica-se pela época em que vivia: o auge das vanguardas europeias e das primeiras manifestações da literatura moderna. A linguista conta que Benveniste, pelo que tudo sugere, esteve próximo do movimento surrealista, “[...] talvez porque o movimento propunha uma crítica aos valores racionalistas, e porque procurava, na experimentação, transformar a experiência subjetiva” (LAPLANTINE, 2013, p. 222). Além disso, são reconhecidos, segundo a autora, pelo menos três indícios da aproximação do linguista ao movimento:

- a) em 1924, escreveu uma resenha no primeiro número de *Philosophies* sobre a tradução francesa dos *Cadernos de Malte Laurids Brigge*, de Rilke;
- b) em 1925, assinou, junto ao movimento, o manifesto *A Revolução hoje e sempre!*, dentro do grupo *Philosophies*;

⁶ Essa lista de artigos prometidos, cedida por G. Fussman ao Collège de France em abril de 2006, encontra-se manuscrita e transcrita nas páginas 762 e 763 de Benveniste (2011).

⁷ No DB, as folhas escritas por Benveniste não estão datadas. Do montante, somente três estão: “20 de setembro de 1967” (BENVENISTE, 2011, p. 439), “1/10/67” (BENVENISTE, 2011, p. 427) e “3/10/67” (BENVENISTE, 2011, p. 429). Além disso, duas notas são escritas em meia folha retiradas de uma agenda, folhas estas datadas por duas sextas-feiras: 10 de fevereiro de 1967 (BENVENISTE, 2011, p.76) e 29 de setembro de 1967 (BENVENISTE, 2011, p. 420).

⁸ Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1968_num_3_12_2351. Acesso em: 24 mai. 2014.

c) em 1945, participou de um número da revista *Pierre à feu*, com o texto *A água viril*, organizada pelo poeta Jacques Kober e publicada pela Fundação Maeght (LAPLANTINE, 2013).

A partir desses indícios, a linguista defende que é a “literatura enquanto experiência (inter)subjektivante e atividade crítica da linguagem que interessa Benveniste”. (LAPLANTINE, 2013, p. 222). Também Dessons (2009, p. 65) argumenta que, pela literatura, é possível pensar a linguagem e a língua em Benveniste por outros termos do que aqueles propostos pelo estruturalismo: “[...] é a literatura que faz algo no discurso e na sua teoria”. Mas dizer *a literatura* não é dizer de uma essência ou de uma imutabilidade: em e por Benveniste, a literatura é pluralidade.

Flores e Teixeira (2005) defendem que a relação entre linguística e literatura é bastante fértil em termos de produção teórica em Enunciação. No entanto, Benveniste não aparece como um linguista que tem algo a dizer sobre a literatura, pois a publicação do DB é relativamente recente. Na obra *Introdução à Linguística da Enunciação*, Flores e Teixeira (2005) citam somente Bally, Jakobson, Bakhtin e Barthes como teóricos que investigam o texto literário via enunciação. Nesse sentido, esta tese se justifica a partir de duas contribuições: uma interna à área da enunciação e a outra externa.

Esta tese trará uma contribuição ao grande problema da linguagem (BENVENISTE, 1966/ 1995) a partir da linguística e da literatura, além de esclarecer a relação de Benveniste com a literatura, tanto nos *Problemas de Linguística Geral I e II* (doravante PLG I e PLG II) quanto em outras publicações do autor.

No prefácio do PLG II, Moïnfar afirma que:

O grande interesse despertado pelos Problemas de Linguística Geral, traduzido muito cedo para o Inglês, Italiano e Espanhol, suscitou da parte de um grande número de amigos e alunos o desejo de que essa empreitada tivesse continuidade [...] (BENVENISTE, 1974/1989, p. 7).

Assim, aventurei-me nesta tese a prosseguir a empreitada, derivando da escrita de Benveniste presente no DB uma reflexão sobre um novo horizonte científico para a pesquisa linguística a partir de uma obra literária: a semiologia de segunda geração.

Uma vez esclarecidas as contribuições deste estudo, é importante apresentar as decisões teórico-práticas da investigação a que se procede nesta tese: uma delas diz do fazer científico que aqui será vivenciado e a outra do objeto de estudo.

Santos (1989) defende que estamos vivendo um momento de transição em ciência: de um paradigma chamado moderno a um paradigma novo, ainda em construção. Argumenta o

sociólogo que essa nova ciência, a pós-moderna, precisa repensar “[...] nossa compreensão do mundo e do nosso lugar no mundo” (SANTOS, 1989, p. 172). E para o autor o objeto dessa reflexão é o homem. Também Latour (1994, 2008) coloca que a ciência precisa repensar seu objeto. No entanto, ao contrário do sociólogo, o filósofo defende que jamais fomos modernos⁹ e que não estamos numa nova era: o “[...] pós-modernismo é um sintoma e não uma nova solução” (LATOURE, 1994, p. 50). E o que diz esse sintoma? A ciência binária, que prevê recortes pontuais para tratar do objeto – a *natureza* cabe aos cientistas e a *sociedade* aos políticos, por exemplo –, percebe-se cada vez mais incapaz de dar conta dos fenômenos contemporâneos. Nesse viés, o desejo moderno de purificação dos domínios natural e social fracassou porque os objetos nos mostram constantemente o quanto são híbridos. Assim, para Latour (1994, 2008), somente haverá mudança em ciência quando houver diálogo entre o objeto pesquisado e o contexto social. Isso porque não existe o *mundo das coisas em si* (que o filósofo denomina de *não humano*) de um lado e o *mundo dos homens entre si* (o *humano*) de outro. Existe, sim, um cruzamento entre *as coisas em si* e o *mundo dos homens entre si*, ou, da forma como entendo, entre o *não humano* e o *humano*: é preciso, pois, fazer ciência tendo por objeto os dois, sem dissociá-los.

Acredito que cabe aos linguistas empreenderem pesquisas que contemplem a língua para além de sua forma, ou seja, estudar a língua é pôr em evidência que *língua e homem* são indissociáveis. Isso porque não há um momento primeiro em que o homem tenha tomado a língua como instrumento ou mesmo uma situação em que a língua esteja dissociada do homem: há sempre um homem falando com outro homem no mundo. É disto que se trata: a língua ensina-nos o que é ser homem e estar no mundo (BENVENISTE, 1958/1995).

Encontro nos textos de Émile Benveniste um fazer científico que coloca em cena a necessária relação entre o *não humano* e o *humano* a partir da língua. Isso porque as teorias da enunciação proporcionam meios para descrever a linguagem em funcionamento em relação ao ato singular executado pelo locutor que enuncia numa dada situação. Pesquisar via enunciação é tomar a fala do locutor pelo que ela tem de singular, levando em conta o tempo e o espaço do ato de enunciação (TEIXEIRA, 2008)¹⁰.

⁹ Latour (1994, p. 51) argumenta que nunca entramos na era moderna, pois nossa atitude em relação ao saber “[...] desdobra ao invés de desvelar, acrescenta ao invés de amputar, confraterniza ao invés de denunciar [...]”, ou seja, negamos os agrupamentos híbridos em vez de enfrentá-los em sua diversidade.

¹⁰ Importante destacar que o vasto universo dessa teoria se deixa ler de diferentes modos. É preciso, antes de mais nada, demarcar o âmbito de nossa incursão nesse território. Observando a produção na área, percebem-se duas posições em relação ao alcance da teoria de Benveniste: (i) estudiosos que limitam seu uso ao âmbito intralinguístico e (ii) estudiosos que encontram nela amplitude suficiente para ir além da descrição linguística *stricto sensu*. Situamo-nos no segundo grupo, buscando compreender e ampliar o que está anunciado no final de *Semiologia da língua* (BENVENISTE, 1969/1989): a metassemântica. E é nessa perspectiva que nos

Nessa perspectiva, é importante frisar que compreendemos os estudos de Benveniste como instituidores de uma Linguística da Enunciação, sem, contudo, esgotarem-se aí. Afirmamos isso, principalmente, levando em conta três aspectos:

- a) o fato de que muitos de seus textos são dirigidos a psicólogos, filósofos e sociólogos;
- b) o modo como ele encerra o artigo *Semiologia da língua* (1969), apontando para uma semiologia de segunda geração, voltada para textos, obras, e, na interpretação de Ono (2007), *atividades significantes* dos homens em qualquer tipo de interação social;
- c) o aparecimento de notáveis obras atuais¹¹ que não são da linguística e que tomam Benveniste como aporte teórico.

Teixeira (2012a, p. 72) destaca que esses aspectos deixam ver “[...] a potência e a originalidade de seu pensamento sobre a linguagem”. A autora esclarece que Benveniste representa um *terceiro gesto*¹² nos estudos da linguagem. Um gesto que transcende a polarização entre o objetivismo e o subjetivismo que impregna o fazer científico, pois “[...] não se pode ver em Benveniste nem a parcialização do objeto nem o reducionismo arbitrário típicos do conhecimento produzido pela chamada ciência moderna. Está em seu projeto a expressão da necessidade de reunir os conhecimentos sobre o homem” (TEIXEIRA, 2012a, p. 80). Dito de outro modo, o terceiro gesto não dissocia *língua e homem*, transcendendo o estudo das formas *stricto sensu* para contribuir com o grande problema da linguagem. E, nessa perspectiva, Teixeira (2012a, p. 74) afirma que o estudo benvenistiano “coloca em evidência a relação radical da linguagem com o homem”. E essa relação deixa ver que em e por Benveniste não há uma visão hegemônica de ciência, que procura deixar de fora de sua pesquisa qualquer relação com o *aqui* e o *agora*. Em e por Benveniste, a linguagem, porque em radical relação com o homem, comporta uma “matéria estranha”:

filiamos a Benveniste para pesquisar uma língua que tenha o homem e, por extensão, a sociedade e a cultura como objeto.

¹¹ Cito aqui, pelo menos, cinco obras: DUFOR, D-R. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000; AGAMBEN, G. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005; AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. Homo Sacer III. São Paulo: Boitempo, 2008; AGAMBEN, G. **O sacramento da linguagem**. Homo Sacer II, 3. Belo Horizonte: UFMG, 2011; e CASTRO, E. V. de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

¹² Teixeira (2012a, p. 72) utiliza essa expressão em diálogo com Kerbrat-Orecchioni que “argumenta em torno da necessidade de extensão dos *poderes* da linguística para além de seus *dois gestos fundadores*: Saussure e Chomsky”. [grifos da autora]. Nessa perspectiva, concordamos com Teixeira de que Benveniste pode ser considerado o terceiro gesto fundador da linguística.

Vejo a “matéria estranha” como o que sobrou na “caixa preta” dos gestos de instituição de domínios científicos inseridos em um modelo binário, isto é, como aquilo que precisou ser “recalcado” em nome da constituição de um saber destinado a colocar tudo em ordem, mesmo sob o “sacrifício” de aspectos fundamentais constitutivos do objeto. Mas a expressão “matéria estranha” não abrange somente o que a ciência opta por ignorar. Recobre também aquilo que não pode ser conhecido pelo pesquisador, seja porque diz respeito a uma matéria complexa, difícil de ser penetrada, seja porque relaciona-se com a dimensão do que é da ordem do indizível. (TEIXEIRA, 2012b, p. 5).

O termo *caixa preta* utilizado pela autora dialoga com as ideias tecidas pelo filósofo Dany-Robert Dufour em *Os mistérios da trindade*: “[...] dispositivo graças ao qual pode ser captado aquilo que não entra no campo das redes binárias de informação”. Nesse sentido, a caixa preta pertence à classe dos problemas (DUFOUR, 2000, p. 33), da *matéria estranha* (TEIXEIRA, 2012b): dentre eles, o grande problema da linguagem, a indissociabilidade entre língua e homem.

Dufour (2000) esclarece que ao trazer o *homem* para o estudo científico, a caixa preta deixa ver o que o filósofo denomina de *enunciados de natureza trinitária*: o homem, porque fala e escreve, é objeto de um fato trivial e infinitamente importante – o homem se exprime em e por uma forma trinitária. E, para fundamentar sua tese, o teórico traz o estudo dos pronomes efetuado por Benveniste, em que o ato de nascimento do sujeito compreende três tempos: “o tempo reflexivo do *eu*, o tempo dual da díade *eu-tu* e o tempo trinitário da tríade *eu-tu/ele*” [grifos do autor]. (DUFOUR, 2000, p. 91).

Assim, ter como ponto de partida que o homem se exprime em e por uma forma trinitária é ter a língua como um objeto diferente daquele pensado pela ciência binária: os pronomes atestam que temos *um* conjunto de *três termos* (DUFOUR, 2000) e não de dois. E o que isso significa em um estudo linguístico? A forma *trinitária*, conforme o autor, não é um conceito, ou seja, não pode ser construída como os operadores do pensamento binário, porque já está “[...] integrada e imanente à língua, de onde pode ser, ocasionalmente, ‘revelada’” (DUFOUR, 2000, p. 61). No entanto, é preciso atentar ao fato de que esse *revelada* não diz da fragmentação da língua para concluir um saber fechado sobre a experiência humana. Pesquisa-se para revelar algo no sentido da língua ser marcada pela (inter)subjetividade e, nesse sentido, “[...] a coisa escapa por entre os dedos como areia” (DUFOUR, 2000, p. 61), pois o saber jamais é totalizante: “a *caixa* [...] pertence à classe dos problemas, envolvendo, sem cessar, [...] um terceiro termo”. [grifo do autor] (DUFOUR, 2000, p. 33).

Barthes (2012) defende que Benveniste já adivinhava “[...] o desenvolvimento futuro de uma verdadeira ciência da cultura, na medida em que cultura é essencialmente linguagem;

ele não hesita em notar o nascimento de uma nova objetividade, imposta ao cientista pela natureza simbólica dos fenômenos naturais [...]” (BARTHES, 2012, p. 209). Ou seja, para o estudioso, Benveniste fundamenta cientificamente, a partir do estudo linguístico por ele empreendido, a identidade do sujeito e da linguagem. E é esse estudo da linguagem empreendido por Benveniste que convoca uma mudança na ciência que se diz binária, que opõe subjetivo e objetivo, ciência e discurso, linguística e literatura, não humano e humano.

Nesse viés, ter o trinitário, e não o binário, como ponto de vista científico é, consoante Latour (1994), transcender o conceito de *ciências humanas*; isso porque elas se tornarão *humanas ciências*, isto é, antropológicas. E, para Teixeira (2012a), nessa visão antropológica de ciência e de linguagem, encontramos em Benveniste uma linguística nova, com muito a se fazer conhecer.

E é nesse recorte que me inscrevo como pesquisadora da linguagem: valendo-me dos estudos de Benveniste proponho um olhar para a linguagem que transcenda a forma binária. No lugar de uma explicação, busco uma implicação. A implicação pode ser pensada como um modo faltoso de fazer ciência, um modo singular de pesquisa que se apresenta “[...] como um enigma, isto é, como uma nova questão, elevada ao quadrado. [...] Esse modo transforma a ausência de significação em princípio inicial” (DUFOUR, 2000, p. 38). Assim, a *incompletude* e a *matéria estranha* integram o fazer científico desta pesquisa porque a linguagem norteia as decisões teórico-práticas desta investigação.

Uma vez esclarecido o fazer científico que orienta esta tese, é preciso colocar de que forma a escrita de Benveniste presente no DB funcionará como objeto de estudo.

Barthes, em texto publicado em *La Quinzaine Littéraire*, em 1972, ao falar dos estudos sobre a poética, afirma que diante de uma obra literária o poeta não se pergunta “que quer dizer isto? Donde vem isto? A que se liga isto?” (BARTHES, 2012, p. 219). A pergunta que ele se faz é “como é que isto se fez?”. Dessons (2008) também defende que diante de um poema importa menos *o que* ele diz, do que *como* ele diz. E o *como* coloca em cena uma pergunta um tanto mais simples e muito mais complexa (BARTHES, 2012). Penso que esse vocábulo coloca em cena a enunciação, ou seja, “a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’”. (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83). E é esse *como* que me interessa. Acredito que trabalhar com o DB não seja buscar “o que quer dizer isto”, mas “como é que isto se fez”. E esse *como* remete à presença do homem no mundo, pois se língua e homem são indissociáveis, as palavras não se fizeram sozinhas: pensar “como é que isso se fez” é problematizar a linguagem, refletindo sobre a experiência humana.

Sendo a escrita de Benveniste presente no DB o objeto de estudo desta tese, o percurso metodológico que será traçado nesta pesquisa levará em conta, então, os movimentos enunciativos de Benveniste quando escreve pela própria mão (FENOGLIO, 2009, 2013). Nesse sentido, os 367 fólios¹³ que compõem o DB não constituem em sua totalidade o *corpus* desta pesquisa. É a partir do movimento enunciativo denominado de *ruminação* – uma escrita que traz traços de várias versões do mesmo conteúdo, voltando aos mesmos termos, num movimento que deixa ver o pensamento teórico de Benveniste em construção (FENOGLIO, 2009) – que os *atos enunciativos* para análise serão delimitados e o número de fólios será constituído.

Para pesquisar a escrita de Benveniste como *ruminação*, encontro em Latour (2008) uma importante questão. O filósofo defende que para ser científico o conhecimento precisa ser interessante, ou seja, o pesquisador precisa estar de alguma forma implicado com aquilo que estuda. E para ser interessante, conclui o filósofo, “[...] um laboratório tem que se pôr em risco” (LATOURE, 2008, p. 49): a ciência precisa pôr em causa sua teoria, buscando problematizar seu objeto para além da resposta “sim-não”. E como proceder dessa forma? Latour (1994, 2008) traz a “explosão dos laboratórios” para explicar esse ponto de vista. Afirma o filósofo que nas ciências humanas os objetos têm grande tendência a perder seu caráter desobediente e teimoso, comportando-se como objetos “obedientes”. No entanto, as ciências naturais têm um objeto totalmente desinteressado pela pesquisa e que se objeta ao ser estudado “[...] e faz explodir com grande serenidade as questões formuladas pelos investigadores – quando não os seus laboratórios!” (LATOURE, 2008, p. 50). Mas os laboratórios das ciências humanas não explodem como os das ciências naturais... E o que fazemos quando, metaforicamente falando, eles explodem? Ou quando nos apresentam uma “matéria estranha”? Descartamos, de diferentes maneiras, as explosões e as estranhezas.

Nesta tese, aventuro-me a encarar a matéria estranha – e, por que não, a explosão – presente na escrita de Benveniste a partir de uma concepção trinitária de ciência que comporta o inacabado.

Consideradas as escolhas teórico-práticas e definido o objeto de estudo, o objetivo geral desta tese é verificar como a escrita de Benveniste presente no DB se esboça um estudo semiológico de uma obra e, portanto, do poético na linguagem. Delimitadas, então, as fronteiras de análise, os objetivos específicos são três:

¹³ Utilizo o termo *fólio* para dar relevo à escrita, ou seja, um fólio é uma página escrita de um conjunto de folhas manuscritas.

- a) investigar, na obra de Émile Benveniste, os termos pelos quais a literatura se faz presente no escopo dos estudos linguísticos empreendidos pelo autor;
- b) analisar o Dossiê Baudelaire, tomado como *exempli gratia*, a partir da escrita de Benveniste;
- c) propor uma leitura da escrita presente no dossiê que dê relevo aos termos pelos quais Benveniste coloca em relação o poético e o estudo da linguagem em geral.

A construção da tese se dá, depois de uma introdução, que traz a justificativa, os propósitos e o viés deste estudo científico, a partir do capítulo 2, em que esclareço a relação de Benveniste com a Literatura: em um primeiro momento, volto aos PLG I e II e, em um segundo, penso essa relação para além dos PLG. No terceiro capítulo, apresento aspectos relacionados ao DB, descrevendo o material conforme se encontra na BNF. Além disso, esclareço os movimentos enunciativos de Benveniste quando escreve pela própria mão. Ainda neste capítulo, retomo estudos já efetuados a partir do DB e publicados recentemente. Por fim, delimito a perspectiva de leitura do dossiê, derivada de Fenoglio (2009), que leva em conta em primeira instância a escrita de Benveniste presente no material. A partir disso, o percurso metodológico é explicitado no quarto capítulo, quando esclareço a constituição do *corpus*, a apresentação dos fatos enunciativos elencados para este estudo e o percurso de análise que será vivenciado nesta tese. No quinto capítulo, apresento a análise vivenciada, a partir dos fatos enunciativos recortados, em dois grandes grupos: a particularidade e a singularidade do discurso da língua de Baudelaire e o caráter radicalmente específico da língua poética. Para cada grupo, fatos enunciativos encaminham a análise da escrita de Benveniste. Cada análise se encerra com uma breve discussão que equivale a conclusões parciais. No entanto, a fim de organizar essa discussão, encerro o capítulo com um tópico que apresenta uma reflexão que visa colocar em cena mais uma contribuição do linguista ao grande problema da linguagem.

Finalizo o estudo com as Considerações Finais, o sexto capítulo, momento em que retomo ideias relevantes acerca do estudo semiológico de uma obra literária e pontuo o papel da linguística em uma pesquisa científica.

2 LITERATURA E(M) BENVENISTE

“A distância a percorrer tem menos importância que a direção para a qual devemos nos orientar”. Assim começa Moïnfar (1992) seu artigo *A obra de Émile Benveniste*, que trouxe a público a existência de notas manuscritas de Benveniste sobre a linguagem poética. Essa frase é de Benveniste, presente no PLG I, encerrando *A classificação das línguas*, extrato da Conferência do Instituto de Linguística da Universidade de Paris XI, em 1952-53 (BENVENISTE, 1952-53/1995, p. 126). Também aqui esta frase tem fundamental importância: o que orienta este capítulo é a relação de Benveniste com o poema – e, por extensão, com a literatura –, tendo menos importância esmiuçar essa relação e muito mais reconhecê-la para além da escrita presente no DB – objeto de estudo desta tese. Nesse sentido, o objetivo principal desta seção é investigar, na obra de Émile Benveniste, os termos pelos quais a literatura é incluída no escopo dos estudos linguísticos empreendidos pelo autor, colocando em cena que o DB é um *continuum* nas pesquisas do linguista.

Começemos pelos PLG I e II.

2.1 UMA AUSÊNCIA-PRESENTE EM PLG I E II

Este subtítulo é inspirado em Dessons (2009), mais especificamente em *O poema ausente-presente na teoria do semântico*, em que o linguista defende que o poema está ausente-presente no artigo *Semiologia da Língua*, pois em fôlio do DB¹⁴, ao falar das artes plásticas e da música, como também ocorre no artigo, Benveniste o faz junto ao poema:

- O pintor dispõe as cores, o escultor modela um material, o músico combina os sons.
As cores, o material, os sons são os materiais dos artistas pintor, escultor, músico.
E o poeta? O poeta combina as palavras. As palavras são o material com o qual ele trabalha. É portanto evidente que, tornando-se material do poeta, as palavras não podem mais ser os “signos” do uso comum.
Cada poeta utiliza à sua maneira esse material. Não existem dois que dele tirem o mesmo partido.
Mas o pintor, com a ajuda de suas cores, faz um quadro; o escultor, com seu material, faz uma escultura; o músico, com os sons, faz uma composição musical.
E o poeta? O poeta, com suas palavras, faz

¹⁴ Os excertos do DB apresentados em língua portuguesa foram traduzidos por Leny Belon Ribeiro. A versão em francês desse material se encontra no Anexo A – Dossiê Baudelaire.

um ‘poema’, uma criação que explora as palavras para certos fins ~~estéticos~~
 Quais são esses fins? Antes de tudo, despertar o homem ~~o ser~~ para a verdade das coisas e dos seres, estabelecer um contato direto com a natureza verdadeira do mundo. O homem (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008b, p. 635).

Em *Semiologia da Língua*, Benveniste (1969/1989, p. 51-52) apresenta alguns sistemas de signos, dentre eles “[...] os signos da arte em suas variedades (música, imagens, reproduções plásticas) [...]”. Em seguida, o linguista traz dois aspectos da música: sua unidade de base, a nota, e seu modo de funcionamento, o eixo das simultaneidades e o eixo das sequências. Depois, passa para o domínio das artes ditas plásticas, também buscando sua unidade: “Mas qual pode ser a unidade da pintura ou do desenho? É a figura, o traço, a cor?” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 57). Sem precisar uma resposta, pois esta constitui para o linguista matéria de discussão, destaca que é a unidade que deve se fazer presente nos estudos que tenham a problemática da linguagem em seu cerne; isso porque “[...] nenhuma teoria séria poderá se constituir se ela se esquece ou se esquiva da questão da unidade, porque todo sistema significativo deve se definir por seu modo de significação” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 57-58). A partir disso, passa a tecer considerações acerca do funcionamento dos sistemas semiológicos ditas artísticas, como o da imagem e o do som, e das relações significantes da linguagem artística.

E a linguagem poética e o poeta apontados na nota do DB? Aparecem como traços dessa questão somente quando Benveniste esclarece que a natureza da homologia¹⁵ entre sistemas semióticos distintos pode variar: “[...] intuitiva ou racional, substancial ou estrutural, conceptual ou poética. ‘Les parfums, les couleurs et les sons se répondent’. Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete” (BENVENISTE, 1969/2008, p. 61).

Por ora, vale pontuar que, em várias notas presentes no DB, Benveniste pensa a unidade do poema e a significação. A partir disso, podemos tomar como certo que o poema – e questões d/ nele cruciais – está de certa forma presente no artigo no momento em que ao problematizar a semiologia da língua em relação à semiologia da arte também o faz em seus manuscritos – a exemplo do excerto do DB aqui colocado.

A partir da presença-ausência da linguagem poética em *Semiologia da língua*, busco esse comparecimento nos dois tomos de *PLG* que, até a publicação do DB, parecia-me ausente. Para retornar aos livros, proponho uma perspectiva de leitura.

¹⁵ Aspectos relacionados à relação de homologia serão precisados em 4.1.

Flores (2013) chama atenção ao fato de que, para ler os PLG I e II, é necessário estabelecer um corpus textual de pesquisa, atentando à “[...] rede de termos, definições e noções interligados através de relações hierárquicas, paralelas e transversais [...]” (p. 23-24) presentes nos tomos, bem como a data em que cada artigo foi publicado e o público a que se destina. Isso porque não é produtivo proceder a uma leitura linear de seus textos, tendo em vista a pluralidade de fontes de publicação e de público leitor. Ao buscar a presença do poema e da literatura nos quarenta e oito artigos publicados por Benveniste, não desconsidero o que Flores pontua: a perspectiva de leitura que aqui instaurou visa reconhecer a presença desse tópico em seus textos, não objetivando, neste momento, pesquisar teoricamente essas noções na obra do linguista.

Nesse viés, a perspectiva de leitura aqui vivenciada pode ser colocada a partir da seguinte questão: o poema – e, por extensão, a literatura – está presente em PLG I e PLG II? Para responder a essa questão, a partir da leitura dos quarenta e oito artigos publicados nos tomos, delimito o seguinte percurso: primeiramente, apresentarei em um quadro o resultado do levantamento feito; em seguida, tecerei comentários que visam pensar o interesse do linguista pelo poema e pela literatura.

A exemplo do verso de Baudelaire presente em *Semiologia da língua*, inicio essa investigação verificando a presença de outros versos, ou mesmo de outros excertos literários, nos artigos de PLG I e II.

Eis que dos quarenta e oito textos lidos, encontramos excertos literários em treze, conforme mostra o quadro abaixo.

Quadro 1 – Presença de versos e excertos literários nos PLG I e II

Título do artigo	Ano	Local de publicação	Autores dos versos ou excertos literários
<i>Estrutura das relações de pessoa no verbo</i>	1946	<i>Bulletin de la Société de linguistique</i> (I)	Rimbaud
<i>O sistema sublógico das preposições em latim</i>	1949	<i>Travaux du Cercle linguistique de Copenhague</i> (I)	Plauto e Ovídio
<i>Eufemismos antigos e modernos</i>	1949	<i>Die Sprache</i> (I)	Homero, Aristófonos, Eurípedes e Ésquilo
<i>A frase nominal</i>	1950	<i>Bulletin de la Société de Linguistique de Paris</i> (I)	Píndaro e Homero
<i>Dom e troca no vocabulário indo-europeu</i>	1951	<i>L'Année sociologique</i> (I)	Hesíodo, Plauto, Ovídio, Píndaro e Homero
<i>A noção de “ritmo” na sua expressão linguística</i>	1951	<i>Journal de psychologie</i> (I)	Homero, Anacreonte, Teógnis, Teócrito, Ésquilo, Sófocles
<i>Problemas semânticos da reconstrução</i>	1954	<i>Word</i> (I)	Homero
<i>A frase relativa, problema de sintaxe geral</i>	1957	<i>Bulletin de la Société de linguistique</i> (I)	Plauto e Virgílio
<i>Os verbos delocutivos</i>	1958	<i>Mélanges Spitzer</i> (I)	Plauto
<i>Para análise das funções casuais: o genitivo latino</i>	1962	<i>Lingua</i> (I)	Plauto
<i>Esta linguagem que faz a história</i>	1968	<i>Le Nouvel Observateur</i>	Homero
<i>Semiologia da língua</i>	1969	<i>Semiotica</i> (II)	Baudelaire
<i>Dois modelos lingüísticos da cidade</i>	1970	<i>Échanges et communications</i> (II)	Plauto

Fonte: elaborado pela autora.

Do total de quinze autores citados por Benveniste, cujos excertos são trazidos em artigos publicados entre 1946 e 1970, há dez gregos, três romanos e dois franceses. Dentre eles, há quatro dramaturgos e onze poetas, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 – Presença de dramaturgos e poetas nos PLG I e II

Gênero Literário	Autor	Procedência	Época
Dramaturgia	Ésquilo	Grego	Grécia Antiga
	Aristófonos		
	Sófocles		
	Plauto	Romano	Período Republicano
Poética	Eurípedes	Grego	Grécia Antiga
	Homero		
	Píndaro		
	Hesíodo		
	Anacreonte		
	Teócrito		
	Teógnis	Grego	Século VI a.C.
	Ovídio	Romano	Período Republicano
	Virgílio		
	Rimbaud	Francês	Século XIX
Baudelaire			

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme apresentado no quadro 2, chama atenção o grande número de excertos em que a linguagem poética se faz presente. No entanto, independentemente do gênero literário e de sua procedência, os excertos visam à análise das línguas e da língua. No texto *A frase nominal*, de 1950, por exemplo, Benveniste, ao trazer Píndaro e Heródoto, o primeiro literário e o segundo não literário, justifica sua análise da seguinte forma:

Nesses dois testemunhos, tão diferentes no tom, no estilo e no conteúdo, procuraremos ver se a frase nominal serve para especificar certas expressões ou se é simplesmente a forma ocasional de um enunciado que teria podido igualmente compreender um verbo explícito. (BENVENISTE, 1950/1995, p. 174).

E isso é o que podemos ver na maioria dos excertos apresentados por Benveniste: eles dão suporte para especificar certas expressões que evidenciam a indissociabilidade entre homem e língua. Além disso, em muitas análises realizadas pelo linguista, encontramos uma busca histórica em diferentes usos e que possam auxiliar a problematizar a linguagem.

Nessas análises empreendidas pelo linguista, verificamos, de forma geral, os seguintes tópicos relacionados à língua e às línguas: (i) frase nominal, (ii) frase relativa, (iii) preposições, (iv) verbos, (v) vocabulário indo-europeu e (vi) genitivo latino. Além disso, há

também excertos para problematizar (i) os eufemismos, (ii) a noção de “ritmo” na sua expressão linguística e (iii) a expressão lexical “cité” (cidade).

Gostaria de destacar dois poetas trazidos por Benveniste em seus artigos: Rimbaud e Baudelaire. Ambos os poetas são considerados simbolistas, sendo que o segundo é por muitos teóricos apresentado como o precursor da lírica moderna (FRIEDRICH, 1978). Ao aparecerem versos de seus poemas como objeto de análise, podemos encontrar uma diferença de perspectiva em relação à análise empreendida.

Rimbaud aparece no texto de 1946 publicado no *Boletim da Sociedade Linguística*: um verso de seu poema, “[...] ‘*je est un autre*’ [= ‘eu é um outro’] [...]” [grifos do autor] (BENVENISTE, 1946/1995, p. 253), é trazido para corroborar a ideia de que o “eu” é privado de uma identidade constitutiva. Isso porque “eu”, em qualquer língua, é marca de uma unicidade específica, sendo esta cada vez única. Um verso de Baudelaire comparece no texto de 1969 publicado na revista *Semiotica*: “[...] Les parfums, les couleurs et les sons se répondent”. (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62). No entanto, diferentemente dos outros excertos literários e de suas análises, o que temos aqui é uma problematização a partir da arte e não da língua e das línguas: “Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete” (BENVENISTE, 1969/2008, p. 61).

Dos treze artigos em que constatamos a presença de excertos de textos literários como objeto de análise do linguista, doze deles apresentam um estudo que problematiza a linguagem via análise intralinguística. Em *Semiologia da Língua*, podemos verificar que é a arte que problematiza a linguagem e, por extensão, abre perspectivas para uma análise translinguística: o que encontramos em Baudelaire está somente em Baudelaire. Ou seja, nos outros excertos, o poema, ou parte dele, comparece como objeto de análise em que o discurso, porque singular, problematiza a linguagem. O excerto de Baudelaire, entretanto, comparece como objeto de análise em que o discurso, porque singular e pertencente a uma obra artística, significa somente na e pela obra do artista: “Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire [...]”. [grifos meus] (BENVENISTE, 1969/2008, p. 61). Trata-se aqui da metassemântica, “[...] que se construirá sobre a semântica da enunciação” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67).

Neste primeiro percurso, busquei a presença de excertos literários como objeto de análise de Benveniste nos artigos publicados nos PLG e, como resultado, encontrei um número considerável de poetas. Nesse sentido, na sequência, objetivo verificar se além de excertos literários de poetas também os termos *poema*, e por extensão *poesia*, *poética*, *poeta* e

linguagem poética, e *literatura* funcionam como problematização da linguagem. O resultado dessa busca é apresentado no quadro 3.

Quadro 3 – Presença dos termos *poema* e *literatura* nos PLG I e II

Artigo	Ano	Publicação	Excerto
<i>Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana</i>	1956	<i>La psychanalyse</i> (I)	“O que Freud perguntou em vão à linguagem ‘histórica’ teria podido, em certa medida, perguntar ao mito ou à poesia . Certas formas de poesia podem aparentar-se ao sonho e sugerir o mesmo modo de estruturação, introduzir nas formas normais da linguagem essa indeterminação do sentido que o sonho projeta em nossas atividades. Nesse caso, paradoxalmente, é no surrealismo poético – que Freud, no dizer de Breton, não compreendia – que ele teria podido encontrar algo do que procurava a esmo na linguagem organizada”. (p. 90).
<i>Vistas d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística</i>	1963	<i>C. R. Académie des inscriptions et belles-lettres</i> (I)	“O homem sentiu sempre – e os poetas freqüentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu”. (p. 27).
<i>A forma e o sentido na linguagem</i>	1966	<i>Le langage II</i> (Sociétés de Philosophie de langue française) (II)	“Nosso domínio será a linguagem dita ordinária, a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética , que tem suas próprias leis e suas funções próprias. A tarefa, concordarão, é ainda assim já bastante ampla. Mas tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também”. (p. 221-222).
<i>Estrutura da língua e estrutura da sociedade</i>	1968	<i>Linguaggi nella società e nella tecnica</i> (II)	“A primeira, a oposição ‘eu-tu’, é uma estrutura de alocação pessoal que é exclusivamente inter-humana. Somente um código pessoal, religioso ou poético , autorizaria empregar esta oposição fora do meio humano”. (p. 101).
<i>Esta linguagem que faz história</i>	1968	<i>Le Nouvel Observateur</i> , especial literário – conversa recolhida por Guy Dumur (II)	“Procurei indicar a analogia entre a linguagem do inconsciente e isto que denominamos as grandes unidades, um discurso inteiro, um poema inteiro, nos quais se pode encontrar um sentido freqüentemente muito distante do sentido literal. O senhor pode escrever uma carta cujo sentido profundo será exatamente o contrário daquilo que as palavras parecem significar. É assim que opera a significação no interior do sonho. Do mesmo modo, um discurso que procura sensibilizá-lo

			pode levá-lo a uma certa conduta sem jamais preconizá-la. O senhor tem neste caso o retórico, ou seja, um sentido segundo, diferente do sentido literal e agindo sobre a afetividade”. (p. 36-37).
<i>Esta linguagem que faz história</i>	1968	<i>Le Nouvel Observateur</i> , especial literário – conversa recolhida por Guy Dumur (II)	<p>“G.D. – O senhor pronunciou a palavra poema. A linguagem poética tem interesse para a linguística?</p> <p>E.B. – Imensamente. Mas este trabalho apenas começou. Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos. Há tentativas interessantes mas que mostram a dificuldade de se abandonarem categorias utilizadas para análise da linguagem ordinária”. (p. 37).</p> <p>“Partindo daí pode-se generalizar a mesma atitude e ver que há de fato muitas maneiras de considerar, no domínio literário por exemplo, uma obra e que não há senão uma maneira de compreender um autor. Pode haver neste caso pontos de vista novos aplicados a obras tradicionais e que não as destroem, no entanto”. (p. 39).</p> <p>“Eu vejo tentativas interessantes para estudar, com rigor, obras [literárias] às quais não se podiam aplicar até aqui senão qualificações subjetivas (‘É bonita’, ‘É tocante’, etc.) ou epítetos convencionais. Busca-se agora construir-se sistemas que permitam encontrar verdadeiras dimensões da expressão literária e da obra literária”. (p. 39-40).</p> <p>“[...] a iniciação lingüística torna mais fácil, permite acolher com mais abertura noções ou pesquisas que visem a coordenar a teoria da literatura e a da língua. O senhor vê – e que esta seja nossa conclusão – que muitas coisas se colocam ou se deslocam hoje na perspectiva da língua. Estas mudanças nos levam a uma readaptação contínua; porque estas são mudanças em profundidade de onde nascerão talvez novas ciências”. (p. 40).</p>
<i>Semiologia da língua</i>	1969	<i>Semiotica</i> (II)	“A natureza da homologia pode variar, intuitiva ou racional, substancial ou estrutural, conceptual ou poética . ‘Les parfums, les couleurs et les sons se répondent’. Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete. (p. 61) ¹⁶ .

Fonte: elaborado pela autora [grifos meus].

¹⁶ Edição em francês.

Conforme observado no quadro 3, o termo *poema* e correlatos compareceram em maior número em relação ao termo *literatura* nos artigos presentes nos PLG I e II. E essa presença ocorre, a partir de, pelo menos, três problematizações realizadas por Benveniste. A saber:

- a) relação entre a linguagem do sonho (e sua significação) e a linguagem poética (e sua significação);
- b) vínculo entre a linguagem dita ordinária e a linguagem poética;
- c) necessidade de um novo aparato teórico para estudar a linguagem poética.

Problematizando a necessidade de um novo aparato teórico para estudar a linguagem, em *Semiologia da Língua*, Benveniste chama atenção para o fato de que a obra de arte não tem o signo saussuriano como unidade. No entanto, em nenhum texto dos PLG, encontramos claramente definida a unidade do poema. O que vemos são passagens que apontam para a necessidade de se instituir esse novo estudo para além da noção do signo linguístico como unidade, conforme apresentarei no quadro 4.

Quadro 4 – Presença da unidade de análise do poema nos PLG I e II

Artigo	Ano	Publicação	Excerto
<i>Saussure após meio século</i>	1963	<i>Cahiers Ferdinand de Saussure</i> , 20	“Muitos pontos da teoria ainda estão por examinar. Haverá por que perguntarmo-nos, principalmente, se a noção de signo pode valer como princípio de análise em todos os níveis. Assinalamos noutro passo que a frase como tal não admite a segmentação em unidades do tipo do signo”. (p. 47).
<i>Esta linguagem que faz história</i>	1968	<i>Le Nouvel Observateur</i>	“A iniciação lingüística torna mais fácil, permite acolher com mais abertura noções ou pesquisas que visem a coordenar a teoria da literatura e a da língua. O senhor vê – e que esta seja nossa conclusão – que muitas coisas se colocam ou se deslocam hoje na perspectiva da língua. Estas mudanças nos levam a uma readaptação contínua; porque estas são mudanças em profundidade de onde nascerão talvez novas ciências”. (p. 40).
<i>Semiologia da língua</i>	1969	<i>Semiotica</i> (II)	“O domínio semântico, ao contrário, deve ser reconhecido como separado. Ele precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições. [...] Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Essa ultrapassagem far-se-á por duas vias:

			<p>- na análise intralingüística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;</p> <p>- na análise translingüística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação”. (p. 67).</p>
--	--	--	---

Fonte: elaborado pela autora.

A partir do quadro 4, podemos observar que Benveniste já se perguntava, em 1963, “se a noção de signo pode[ria] valer como princípio de análise em todos os níveis”. Além disso, problematiza o linguista sírio que será necessário um novo aparelho de conceitos e de definições para a pesquisa linguística que considere um nível de análise que não tenha o signo como princípio. No entanto, em nenhum texto presente nos PLG I e II encontramos a unidade de análise do poema. De fato, em *Semiologia da língua*, Benveniste esclarece que a análise de obras aponta para uma semiologia de segunda geração, que será efetivada a partir da semântica da enunciação, mas não esclarece ao leitor seus princípios de análise.

No último texto publicado em PLG II, *O aparelho formal da enunciação*, de 1970, Benveniste dá pistas ao leitor de como estudar a enunciação em seus diferentes aspectos: a partir da realização vocal da língua, da conversão individual da língua em discurso e do quadro formal de sua realização. Para esse último, o linguista destaca que é preciso considerar o próprio ato de sua realização, as situações em que esse ato se realiza e os instrumentos – índices específicos e procedimentos acessórios – em que ele se realiza (BENVENISTE, 1970/1989). No entanto, ao explicitar cada um desses aspectos, podemos verificar que o linguista está descrevendo a linguagem ordinária e considerando, pois, a presença do interlocutor, quer seja:

- a) pela forma sonora que o atinge;
- b) por sua postulação como alocutário;
- c) pela co-referenciação no discurso.

Além disso, pontua que é preciso distinguir a enunciação falada da enunciação escrita: estaria aqui uma possibilidade para o poema? Isso porque Benveniste coloca que “[...] o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 90). No entanto, quero destacar a última frase deste artigo: “Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso,

a partir do quadro formal esboçado aqui” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 90). Esse final reitera o fato de que linguagem ordinária e linguagem poética não devem ser tomadas como opostas, pois “[...] tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também”. (BENVENISTE, 1966/1995, p. 221-222). Ou seja, o que Benveniste postula a partir do interlocutor na linguagem ordinária – a forma sonora que o atinge, a sua postulação como alocutário e a co-referenciação no discurso – pode, de certa forma, problematizar o interlocutor na/da linguagem poética.

2.2 UMA PRESENÇA PARA ALÉM DOS PLG I E II

Em entrevista a Flores e Teixeira, Laplantine (2013) defende que para pensar a articulação entre o DB e o grande problema da linguagem presente nos PLG I e II, é preciso estabelecer que a relação de Benveniste com a literatura está para além dos tomos: “a arte fazia parte do questionamento de Émile Benveniste” (LAPLANTINE, 2011b, p. 137). Hoje, eu diria que está *também* para além dos tomos, conforme veremos na sequência.

Benveniste, em sua juventude, esteve próximo do movimento surrealista e de Louis Aragon e André Breton, com quem participou da assinatura da declaração *A Revolução Hoje e Sempre!*, em outubro de 1925¹⁷. Esse manifesto foi assinado por quarenta e nove homens por ocasião dos eventos marroquinos, em especial a Guerra do Rif, em agosto do mesmo ano. A declaração colocava-se “[...] contra o conformismo, o patriotismo cego, o militarismo e o serviço militar, o colonialismo (focalizado a esta época sobre a guerra do Marrocos) [...]”. (MOÏNFAR, 1992, p. 16),

Para Bader (1999), a participação de Benveniste na declaração está relacionada ao grupo pertencente à revista *Philosophies*, proveniente da Sorbonne e da École Normale Supérieure, e não ao grupo surrealista propriamente dito. Para a autora, essa inferência se deve à disposição das assinaturas no manifesto: Émile Benveniste aparece no segundo grupo de assinaturas, junto a nomes como Pierre Morhange – diretor da revista na época –, Henri Lefebvre, Georges Politzer – integrantes do comitê da revista – e Gabriel Beauroy, Henri Jourdan, Maurice Muller e Paul Zimmermann – participantes da revista (VASSEUR; PLACE, 1977).

¹⁷ Disponível em: <http://www.andrebretton.fr/file/131618/plain?size=full>. Acesso em: 8 jul. 2015.

Laplantine (2013) advoga que a proximidade de Benveniste com os surrealistas parece estar relacionada à crítica dos valores racionalistas estreitos propostos por esse movimento artístico e à possibilidade que o movimento agregava para transformar a experiência subjetiva.

Moïnfar (1992) argumenta que essa rebelião contra as ideias preconceituosas e estabelecidas presente na declaração, de certa forma, transparece nos trabalhos científicos de Benveniste, como podemos ver em *Natureza do signo linguístico*, de 1939, e *Os níveis da análise linguística*, de 1964: “O homem revolucionário, embora solitário, permaneceu revolucionário, não aceitando nenhum compromisso” (MOÏNFAR, 1992, p. 16).

Antes dessa participação, em 15 de março de 1924 – ano do Primeiro Manifesto do Surrealismo (BADER, 1999) –, Benveniste publicou uma curta resenha da tradução em francês de Maurice Betz do livro *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*, de Rainer Maria Rilke¹⁸, originalmente escrito em alemão, em 1910, e considerado o primeiro romance moderno em língua alemã (MARTINS, 2011). Essa resenha foi publicada no número 1 da revista *Philosophies* e, de modo geral, problematiza que “[...] a língua de Rilke implica uma conversão de análise [...]” (LAPLANTINE, 2012, p. 76).

Dessa resenha, destaco o início e o final do texto:

Incomodado primeiramente, e para romper com os prestígios de um idêntico encantamento, gostaríamos de armar a análise de uma virtude de exorcismo. Mas será preciso mudar nossos instrumentos: nossa crítica estudou obras densas ou difusas, mas sempre fixas, ou as que ela fixava. Será preciso inventar a crítica dinâmica, aquela que se ajustará a notações tão sutis quanto as de Rilke, aquela que poderá seguir, em seu jogo duplo e contrariado, a ação das forças que dissociam essa curiosa personalidade: uma sensibilidade diversa e submissa, capaz de se fundir no seio das coisas, e um dom de recuperação total, aguda, por uma inteligência sempre atenta. A sensibilidade que penetra primeiro nas mais íntimas dobras dos seres até se identificar com eles, para ver de repente, por uma virada brusca, o rosto sempre igual, se retrai em um sobressalto [...].
E tudo isso, pintura ou devaneio, lembranças ou meditações, é evocado pelas palavras que renovam sempre a sugestão, em uma prosa atravessada de misteriosas correspondências. - Uma palavra ainda: a arte de Maurice Betz nos faz esquecer sua sentença; lembrar-se só no fim de que se leu uma tradução não é fazer o maior elogio? (BENVENISTE, 1924, apud LAPLANTINE, 2011b, p. 260).

Flores e Teixeira (2011, p. 8) afirmam que “[...] a literatura faz parte de seus questionamentos”; e é disso que se trata: já em 1924, nesta breve, mas profunda resenha, Benveniste aponta que a arte é evocada pelas palavras renovadas pela sugestão e por uma

¹⁸ Disponível em Laplantine (2011b, p. 260).

misteriosa correspondência. Ou seja, o texto literário, porque objeto da arte, está mais para a evocação do que para a representação, própria da linguagem dita ordinária.

Em 1930, Benveniste publicou *O texto Draxt Asürîk e a versificação pehlevi* na *Journal Asiatique*. Neste artigo, o linguista investiga, na literatura masdeana em pehlevi¹⁹, o Draxt asürîk, que se distingue por uma dupla particularidade: “é a única espécime iraniana medieval do gênero dito ‘Ranstreitliteratur’ [...]” e “[...] o único texto literário a ser redigido no dialeto pahlavi arcaico do Noroeste [...]” (BENVENISTE, 1930, p. 13). O que Benveniste pretende não é uma nova edição do texto, mas pensar o Draxt asürîk como um texto desfigurado pela tradição e pelos editores, tendo em vista tratar-se, em seu original manuscrito, de uma redação poética em versos. Para problematizar isso, o linguista realiza várias análises de duas edições do texto (a de Pagliaro, de 1925, e a de Bailey, de 1930), colocando em foco elementos como métrica, sílabas poéticas, assonâncias, aliterações, ritmo dos versos – que ele denomina de frases – e rimas. Benveniste problematiza nesse estudo que na tradução a redação poética não é de fato respeitada em seu efeito artístico. Por último, o linguista conclui que o que encontramos no Draxt asürîk é a poesia como arte narrativa e familiar, sendo talvez o único exemplo existente dessa poética. Até então, em pehlevie, somente se reconhecia a poética como feito religioso ou épico (BENVENISTE, 1930).

Esse texto nos auxilia a ver que Benveniste trabalhava com terminologias poéticas para pensar a redação poética – termo por ele utilizado neste artigo – como fundadora do discurso poético. Ou seja, o que vemos no DB, nos diferentes estudos efetuados pelo linguista nos poemas de *As Flores do Mal*, não é algo novo em termos de manipulação de termos próprios da poética, pois estes já estavam lá em um texto de 1930. O poema, bem como sua análise, já faziam parte das problematizações pesquisadas por Benveniste.

Em 1945, em *A água viril*, mais uma vez, vemos a literatura como problematização. O artigo em questão, ilustrado por litografias originais de André Marchand e publicado em uma revista de luxo, a *Pierre à feu*, número 1, organizada pelo poeta Jacques Kobes, foi publicado quase confidencialmente, pois, segundo Bader (1999), não há registro legal desse texto, sendo que sua publicação é apenas informada pela Fundação Maeght, responsável pela edição da revista.

¹⁹ Segundo Terra (1999, p. 182), “O iraniano-médio ocidental é geralmente denominado pehlevi. Era a língua oficial do Estado e da Igreja sassânida, atestada por numerosos textos masdeanos religiosos e profanos do império sassânida (226-652 d. C.). [...] O parta, dialeto do noroeste atestado por pergaminhos greco-partas e por inscrições dos primeiros reis sassânidas (entre 224 e 303) redigidos em dupla versão, parto e médio-persa; mas a fonte principal é a literatura maniqueia em língua parta (desde o século III até o VII), conservada em manuscritos dos séculos VIII e IX, de Turfan”. Dentre as referências de pesquisa do autor, cabe destacar que encontramos três textos de Benveniste.

Nesse texto, Benveniste trata do imaginário poético da água:

Em uma representação animada e dinâmica dos elementos, [a água] constitui-se sempre de oposições, não somente entre um elemento e outro, mas entre um aspecto e outro do mesmo elemento. A imaginação, dócil a uma sugestão que emana da matéria, tende a dissociar figuras contrastadas e de sexos opostos das noções que a razão toma por simples e permanentes. A língua, as lendas testemunham essa dualidade, que os poetas reinventam cada vez mais e com tanto maior certeza quanto mais autêntica é sua expressão. Notemos alguns traços dessa mitologia latente nas figurações da água. (BENVENISTE, 1945, apud LAPLANTINE, 2011b, p. 261).

Bader (1999, p. 27) afirma que o início do texto revela o linguista que estuda “a mitologia latente das figurações da água”, nas figuras da Sereia e do Oceano, relacionada à categoria do gênero e às concepções indo-europeias. A autora defende que a publicação desse texto sobre a água em uma revista que tem o fogo em seu nome não foi por acaso: “o objeto explícito do artigo, a água, está implicitamente ligado ao fogo, que é dos crematórios, nesta criptografia autobiográfica nascida da catástrofe coletiva” (BADER, 1999, p. 27).

Moïnfar (1992, p. 17) destaca que o texto traz uma “[...] reflexão fina, penetrante e poética sobre o mar num texto conciso impossível de se resumir”. Para o autor, Benveniste mostra a dupla figura do mar: o mar presente nas canções de ninar e o mar que quando em fúria se masculiniza no oceano. E é por esse viés que Benveniste conclui seu texto:

Isso [a figuração do mar] é só superficialmente feminina; mesmo em seus raros momentos enganadores de calma, sua potência insondável e sua violência latente a mostram viril. Sempre é encarnada em um deus imemorial, esquivo e solitário, o Velho do Mar. Lautréamont invocava-o com precisão: “Velho Oceano, oh grande celibatário!”. (BENVENISTE, 1945, apud LAPLANTINE, 2011b, p. 264).

Laplantine (2011b) aponta que nesse texto há uma análise de um tema da cultura que Benveniste chama de uma “mitologia latente” reinventada pelos poetas. Nesse sentido, o linguista não está interessado em pensar a origem dessa mitologia, mas seu funcionamento. Já para Bader (1999), tanto a resenha quanto este artigo trazem traços autobiográficos de Benveniste. A partir de anagramas e relações textuais, a autora defende que ambos os textos trazem a vida do linguista, seus dramas e seus anseios.

Para além dessa questão autobiográfica, podemos, conforme se objetiva neste capítulo, constatar que o poema e a literatura aparecem em textos de Benveniste para além dos PLG I e II. Isso porque vemos, pelo menos, dois aspectos:

- a) a presença de diferentes autores da literatura a partir de excertos de seus textos – Gaston Bachelard, David Herbert Lawrence, Paul Claudel, Henry Jean-Marie Levet, Herman Melville, Honoré de Balzac, Shakespeare (por Ariel) e Conde de Lautréamont – para pensar o imaginário poético da água, por exemplo;
- b) a significação do texto literário ocorre pela evocação, pela emoção do leitor.

Em 1939, Benveniste publicou *La légende de Kambabos* e, em 1949, *La légende des Danaïdes*²⁰. Laplantine (2011b) esclarece que Benveniste trabalha nesses textos a partir de fragmentos de poemas, da literatura e da filosofia, interrogando-se sobre a língua e a cultura, ou seja, a literatura não aparece como tema, mas como método: o linguista propõe análises para descobrir “[...] a invenção de uma forma de linguagem por uma forma de vida, e uma forma de vida por uma forma de linguagem” (LAPLANTINE, 2011b, p. 141).

Moïnfar (1992) cita, ainda, o texto *Hymnes manichéens*, de 1937, como exemplo em que o poético comparece para além do linguisticamente reconhecido em Benveniste. Este texto traz a tradução inédita em francês de poemas em língua parta (iraniana-média) da antiguidade clássica.

Em *Vocabulário das Instituições Indo-europeias* (BENVENISTE, 1969/1983), outro livro publicado pelo linguista sírio, encontramos excertos de textos literários. No final do volume – em espanhol, trata-se de um livro apenas, ao contrário do original em francês que são dois –, há um índice de passagens citadas. Do grego, há mais de trezentos e trinta e seis excertos de Homero, a partir de seus poemas *Ilíada* e *Odisseia*. Além disso, podemos encontrar um excerto do poeta Apolônio de Rodas, oito do dramaturgo Ésquilo, dois do poeta Píndaro e três do dramaturgo Sófocles. Por último, encontramos um número considerável de excertos em latim: trinta e oito do dramaturgo Plauto, cinco do poeta e dramaturgo Terêncio e um do poeta Ovídio. Podemos, então, afirmar que Homero e Plauto são os autores mais citados por Benveniste em seus textos presentes nos PLG I, II e no *Vocabulário das Instituições Indo-europeias*.

Na apresentação dessa obra, Benveniste (1969/1983, p. 8) esclarece que o objetivo de seu estudo é “[...] mostrar como as línguas reorganizam seus sistemas de distinções e renovam seu aparato semântico”. Diferentemente dos textos anteriores encontrados para além dos PLG I e II, em que a evocação tem papel fundamental na significação, nessa obra vemos uma análise linguística que pode ser aplicada futuramente em estudos das línguas ou das culturas a que, por carência de documentos escritos, faltam perspectiva histórica. Assim como vimos

²⁰ Não tive acesso aos três textos que seguem, apenas a seus títulos.

nos PLG I e II, também aqui encontramos uma análise intralinguística do discurso, em que o estudo deixa ver a indissociabilidade entre língua e homem.

Por último, na obra *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, no capítulo 2, *A língua e a escrita*, mais especificamente na *Aula 14*, Benveniste (2014, p. 167) coloca que “o escrever foi o ato fundador, [...] instrumento da revolução mais profunda por que passou a humanidade depois do fogo”. Nessa aula, o linguista traz considerações acerca da escrita a partir de diferentes registros, dentre eles, a *Ilíada*, de Homero. A partir da narrativa presente nessa obra, Benveniste problematiza a relação entre língua e escrita “[...] para ver como uma e outra *significavam* (operavam uma significação com ajuda de um sistema de distinções representativas e constantes)”. [grifo do autor] (BENVENISTE, 2014, p. 173). O que encontramos aqui não é a escrita de Homero ou em Homero como objeto de estudo, mas a escrita do mundo helênico que a narrativa de Homero deixa ver.

2.3 AS PALAVRAS ALADAS E(M) BENVENISTE

Em entrevista a Guy Dumur, escritor e crítico literário, publicada na revista de atualidades *Le Nouvel Observateur* (hoje conhecida como *L’Obs*), em uma edição literária, em 1968, Benveniste – cujo nome aparece em destaque na capa desta 210ª edição – utiliza as *palavras aladas* de Homero para responder à primeira questão:

Guy Dumur – *Nunca se falou tanto de lingüística. No entanto pouca gente sabe do que se trata.*

Émile Benveniste – *A lingüística é a tentativa de compreender este objeto evanescente: a linguagem, para estudá-la como se estudam os objetos concretos. Trata-se de transformar as palavras que voam – o que Homero chama de “palavras aladas” – em uma matéria concreta, que se estuda, que se diseca, onde se delimitam unidades, onde se isolam níveis.* [grifos do autor] (BENVENISTE, 1968/1989, p. 29).

Pereira (1984), ao estudar as *palavras aladas* na poesia portuguesa contemporânea, pontua que esse termo aparece vinte e nove vezes nos Poemas Homéricos. Para além de uma metáfora, as *palavras aladas* representam em Homero o inapreensível, pois as palavras, porque aladas, fogem das pessoas: são qualquer coisa que tem existência própria. Nesse sentido, tendo em vista que a palavra alada “é imponderável, leve, sem substância, aérea” (PEREIRA, 1984, p. 37), ela não serve para comunicar.

Voltemos ao excerto. Esta é uma entrevista feita por um crítico literário para uma revista de atualidades em uma edição especial literária. E o que isso diz da relação entre

Benveniste e a Literatura? Primeiramente, de que há uma relação: as palavras aladas sempre estiveram entre os problemas de linguagem estudados pelo linguista. Além disso, é importante apontar que Benveniste, como linguista, tem espaço na literatura, pois foi entrevistado por um crítico literário de renome.

Revisitando os PLG I e II e o *Vocabulário Indo-europeu*, podemos constatar que a literatura, principalmente o poema, sempre esteve entre os problemas de linguagem investigados pelo linguista. Retomando o percurso aqui trilhado, encontramos um grande número de poetas, em que Homero é o maior representante. Neste momento, no entanto, desejo destacar dois da lírica moderna: Rimbaud e Baudelaire. Rimbaud é o primeiro que aparece nos PLG, em texto publicado em 1946, e Baudelaire o último, em 1969. Foquemo-nos neles e nessa “coincidência”.

Rimbaud, poeta francês, é o primeiro que aparece, cronologicamente falando, no PLG I. Destaco fortemente isso, porque Benveniste foi um importante linguista comparativo. Nesse sentido, muitos são os poetas gregos e latinos da Antiguidade Clássica trazidos pelo linguista. No entanto, Rimbaud, poeta lírico moderno, é o primeiro. Ou seja, o que desejo destacar aqui é que a escolha dos poetas e dos excertos citados nos textos não está para uma pesquisa comparatista – e talvez rica em poetas clássicos –, mas para o grande problema da linguagem.

Voltemos a Rimbaud. No texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, Benveniste problematiza o verbo como categoria de pessoa. Dentre as questões propostas, o linguista busca desvendar a base de oposições que diferenciam as pessoas verbais – esclarecendo que elas não apresentam simetria, mas oposições – a partir de um número considerável de línguas. E eis que para pensar a unicidade específica do “eu” e do “tu”, Benveniste traz um trecho da carta de Rimbaud a seu amigo Paul Demeny: “eu é um outro”. Esse trecho, para o linguista, evidencia a falta de conhecimento do que vem a ser essa unicidade específica: “eu” é atravessado pelo “tu”, mas é “eu” e não “tu”. Não um “eu” soberano e único, mas “eu” porque se constitui na reversibilidade com o “tu”.

Kehl (2005), comentando esse dizer de Rimbaud, defende que a experiência poética coloca em cena o que a palavra persegue, mas nunca alcança: “o poeta denuncia a estupidez dos que acreditam no significado falso da palavra eu, e ri da crença desses esqueletos que se acreditam autores do que escrevem. Para Rimbaud, muito antes de Freud, a palavra do poeta vem deste outro que desmente a pretensão soberana do eu individual” (KEHL, 2005, p. 1). O “eu é um outro” em Rimbaud, citado por Benveniste, coloca em cena que o “eu” é único e constituído na e pela enunciação. A linguagem poética aqui comparece como um importante interrogante da linguagem ordinária: porque do dia a dia, do fazer-se cotidianamente no viver

dos homens, a linguagem ordinária, ao partir desses “esqueletos” falantes, parece confundir(-se) com o que vem a ser a linguagem.

Em um dos últimos textos publicados em PLG II, *Semiologia da Língua*, de 1969, é Baudelaire, o grande precursor da lírica moderna (FRIEDRICH, 1978), que aparece como citação: “Les parfums, les couleurs et les sons se répondent”. Aqui a citação não comparece como interrogante da linguagem ordinária, mas da semiologia da língua: são o universo poético e a criação do poeta que colocam em cena essas correspondências. E isso está somente em Baudelaire. A linguagem poética de Baudelaire convoca uma semiologia de segunda geração: problematizar essas correspondências está para além do signo saussuriano como princípio único. É preciso, pois, adentrar em outro universo, em outro território, o da semântica da enunciação, porque é em e por Baudelaire que essas correspondências são vivenciadas.

Voltando à entrevista dada por Benveniste e às palavras aladas, o que vemos destacado pelo linguista neste texto é a linguística como tentativa, a linguagem como evanescente e as palavras como inapreensíveis. Em meio às questões feitas por Dumur, Benveniste aborda a possível analogia entre a linguagem do inconsciente e um poema inteiro: nos dois, é possível encontrar um sentido um tanto quanto distante do sentido literal, um sentido segundo, que age sobre a afetividade. E a partir disso, o linguista afirma que a linguagem poética interessa imensamente à linguística, mas que este estudo apenas começou, pois é preciso abandonar as categorias de análise da linguagem ordinária para poder pensar esse sentido segundo.

E é disto que se trata: pela linguagem poética Benveniste coloca em cena a necessidade de abandonar as categorias de análise até então utilizadas para a linguagem ordinária. Não as categorias que Benveniste utiliza, mas aquelas que veem na linguagem ordinária apenas o signo saussuriano do uso comum como princípio de unidade. A linguagem poética coloca em cena que as palavras são aladas, não servem, pois, para comunicar, servem para viver. As palavras aladas estão no discurso. E é o discurso que interessa para Benveniste.

Buscando os termos pelos quais a literatura está presente no escopo dos estudos linguísticos empreendidos pelo autor, deparei-me muito mais com interrogações do que com respostas. O poema comparece em Benveniste como interrogante e não como teoria: é a poesia que teria auxiliado Freud a pensar o inconsciente, é Rimbaud quem ajuda a interrogar o “eu” e o “outro”, por exemplo. Nos PLG’s, encontramos excertos literários, reflexões teóricas e prováveis caminhos a seguir. A literatura está lá, pois “tudo o que diz respeito à linguagem é objeto da linguística”, como bem coloca Benveniste (1968/1989, p. 29). Para além dos PLG’s, a literatura deixa ver o interesse de Benveniste para a *língua em estado de arte* (KLAFKE,

2015)²¹. A língua em estado de arte transforma o olhar do linguista para a linguagem: Benveniste chega a falar de exorcismo. É preciso, pois, expulsar do olhar do analista o vício comunicativo da linguagem que impregnava a pesquisa linguística da época. Além disso, expulsar da análise de obras o vício da compreensão e da totalidade. Parece-me que não é a toa que ele problematize isso justamente em uma resenha sobre uma obra de Rilke, poeta lírico contemporâneo: o que vemos nessa obra são palavras que renovam sempre a sugestão a partir de misteriosas correspondências. As palavras aladas, porque no discurso, evocam diferentes sentidos, em constante voo, sem um destino certo e único, reinventando-se a cada uso.

Como a apontar um caminho, no final da entrevista de 1968, Benveniste afirma que a iniciação linguística “[...] permite acolher com mais abertura noções e pesquisas que visem a coordenar a teoria da literatura e a da língua. E o senhor vê – e que esta seja nossa conclusão – que muitas coisas se colocam ou se deslocam hoje na perspectiva da língua”. (BENVENISTE, 1968/1989, p. 40). Não seria o DB justamente esse arranjo entre literatura e língua? Não estaria no DB um caminho possível para se pensar o poema via linguística? Por último, o que seria de fato pesquisar o discurso em uma perspectiva da língua?

Nesse sentido, o que vemos no DB é um *continuum* dos estudos empreendidos pelo linguista. Mais uma vez Benveniste estava em busca de uma contribuição ao grande problema da linguagem. Mais uma vez é a significação o objeto de estudo do linguista. Muito além de pensar se existe uma dicotomia entre linguagem poética e linguagem ordinária, Benveniste (1970/1989) está interessado no estudo das formas complexas do discurso, quer sejam poéticas, quer sejam ordinárias²².

E que estudo é esse presente no DB? Como ele problematiza a linguagem? O que ele evidencia sobre a perspectiva da língua quando se estuda o discurso? É por essas interrogações que inicio meu percurso pelo Dossiê Baudelaire.

²¹ Inspiro-me na expressão *língua em estado de arte* criada por Klafke (2015) para enunciar que diante de uma obra de arte a língua toca a linguagem como um dispositivo que permite ao homem sentir. Relacionando ao poema, a língua e a palavra, porque em estado de arte, suscitam no homem a emoção.

²² Laplantine (2011b, 2008a) estuda em sua tese a suposta oposição entre *linguagem poética e linguagem ordinária* presente no DB. No entanto, essa oposição não deve ser vista como negativa. Não há dois termos que se opõem, ou mesmo dois usos opostos que apresentem contrastes ou diferenças. O que vemos no DB é que a linguagem poética faz uma crítica à linguagem ordinária: “[...] a arte transforma o pensamento da linguagem” (LAPLANTINE, 2011b, p. 145).

3 DOSSIÊ BAUDELAIRE

Diferentes autores têm defendido que para trabalhar com o DB é preciso estabelecer uma abordagem singular de estudo. Isso porque o dossiê é composto por folhas manuscritas de Benveniste e não por artigos (como em PLG I e PLG II) ou por notas de trabalho ou rascunhos que geraram um artigo (como vemos nos dossiês de *A linguagem e a experiência humana* e de *O aparelho formal da enunciação*²³ e no livro *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, por exemplo). Nesse sentido, descrever o DB e estabelecer uma perspectiva de leitura para a escrita ali presente são os objetivos que norteiam este capítulo.

Para atingir essa meta, inicio descrevendo o material que se encontra na BNF, contando com os relatos de Laplantine (2011a, 2011b, 2008a, 2008b), linguista que realizou a transcrição e a publicação dos manuscritos, e de Fenoglio (2013, 2012a, 2009), linguista-geneticista que vem estudando a genética de diferentes manuscritos de Benveniste. Em seguida, apresento algumas perspectivas de leitura e de pesquisa já publicadas sobre as notas do DB. Por fim, a partir da apresentação de movimentos enunciativos de Benveniste, quando escreve pela própria mão, apresentados por Fenoglio (2013, 2009), estabeleço uma perspectiva de leitura e de pesquisa derivada de um movimento enunciativo.

3.1 DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Um dossiê é um conjunto de manuscritos em que os registros se apresentam de várias formas: notas de todos os tipos, planos, vestígios de planejamento, interrogações, lembretes (FENOGLIO, 2013). O DB, em específico, é composto por 367 fólios que estão conservados no departamento de manuscritos da BNF e que foram depositados em 2004 pelo assistente Gérard Fussman a partir de Georges Redard, em uma pasta azul com elástico. Dentro da pasta azul com elástico, é possível abrir uma outra pasta de papelão cinza esverdeado, na qual está escrito, no canto superior direito, pela mão de Benveniste, *Baudelaire*.

No interior desta, há 23 pastas menores²⁴, de cor cinza, numeradas de 1 a 23, sem nenhum critério aparente, e que foram organizadas pela BNF. Como última pasta, há uma grande pasta de papelão laranja que tem como título *Linguagem poética* – que, segundo Fenoglio (2012a), não foi escrito por Benveniste –, contendo apenas duas pastas plásticas (uma vermelha e outra amarela). A autora acredita que o título possa ter sido escrito por

²³ Além do DB, há outros dossiês de Benveniste na BNF. Para acompanhar esse estudo, consultar Fenoglio (2013).

²⁴ Na referência à pasta, ela é apresentada como *envelope* ou mesmo “env.”.

Georges Redard (FENOGLIO, 2012a, 2013). Penso que possa também ter sido escrito por Moïnfar, tendo em vista que foi quem organizou os papéis de Benveniste, conforme narrado anteriormente, e citou esse material em seu artigo como *linguagem poética*. De qualquer forma, não foi Benveniste quem escreveu esse título.

Dentro das 5 primeiras pastas, e que não foram reproduzidas no livro, estão 400 folhas manuscritas sobre a *Axiologia da Linguagem*. Fenoglio (2012b) publicou parte desse material na revista *Genesis, le geste linguistique*, uma Revista Internacional de Crítica Genética (cf. Referências). Ela acredita que essas folhas seriam a preparação para um artigo, conforme apontado por Benveniste em uma nota. Segundo a autora, essas notas

[...] partem de um comentário do livro de Augusto Salazar-Bondy – *A Ciência aplicada ao homem pode abrir mão de ser axiológica?* –, publicado em 1968. O que faz pensar que esses dois dossiês, um relativo à “axiologia da linguagem” e outro concernente ao “discurso poético” eram trabalhados em paralelo em 1968 e 1969; e permaneceram paralelamente abandonados a partir do momento em que Émile Benveniste foi hospitalizado. [grifos da autora]. (FENOGLIO, 2012b, p. 157).

Abaixo, segue um fólio do DB presente no envelope 12, identificado por uma numeração: 12, fº 5 / fº 57. A numeração utilizada segue a ordem em que podemos encontrar cada fólio na BNF: décimo segundo envelope (12) e quinto fólio (fº 5). Além disso, “fº 57” é o número do fólio em relação aos 367 presentes na pasta intitulada *Baudelaire*.

Figura 1 – Manuscrito do DB – 12, fº 5/ fº 57

Forme et sens se distribuent autrement
 en poésie que dans le langage ordinaire.
 Il faut partir du niveau du signe.
 Le signe poétique est bien, matériellement, identique
 au signe linguistique. Mais la composition du signe en
 signifiant-signifié ne suffit pas : il faut y ajouter
 une dimension nouvelle, celle de l'évoquant,
 qui se fère ~~sur~~ non à la 'réalité' (conçue en langage
 ordinaire) mais à la 'vision poétique de la réalité'.
 Ainsi au rapport signifiant ~ signifié
 le langage poétique ajoute (ou substitue) évoquant ~ émotion
 Il faudrait alors un terme nouveau qui
 serait pour le langage poétique ce que "signe" est
 au langage ordinaire. Je proposerais :
éicaste (eikastè) éicastique (eikastikè)
 Un éicaste se décomposait en évoquant éicaste
éicaste (éicaste)

Fonte: Benveniste (2011, p. 139).

A hipótese de Laplantine (2008a, p. 5) é de que essas notas sejam datadas, em sua maioria, de 1967. No entanto, é possível que a reflexão presente nesses fólios tenha começado muito antes: “Ele escreve no verso de um envelope em que o selo indica ‘1962’, ou atrás de um convite datado de 1965”. Ou seja, o que encontramos no DB é traço de uma pesquisa realizada no final dos anos 60, momento de intensa produção do linguista, mas que pode ter sido iniciada muito antes disso, estando, talvez, escondida em seus manuscritos.

A existência de manuscritos de Benveniste sobre a linguagem poética foi anunciada por Moïnfar em 1992, em texto publicado na Revista *Linx* 26²⁵, intitulada de *Leituras de Émile Benveniste*. Na última página deste artigo, *A obra de Émile Benveniste*, Moïnfar (1992) conta que ao entrar em contato com os papéis de Benveniste pode observar cinco grandes temáticas em manuscrito:

²⁵ Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/linx_0246-8743_1992_num_26_1. Acesso em: 10 jul. 2014.

- a) corpus em persa antigo, em textos cuneiformes, com suas transcrições e traduções, em parte concluídas e datilografadas;
- b) estudos de vocabulário grego, em 88 folhas, em que Benveniste analisa dezoito palavras gregas, refutando ou se ocupando de etimologias e traduções costumeiramente aceitas;
- c) textos relativos aos dialetos sivandi, sanglitchi, choghni, ichkachmi, mundji, wakhi e persa do Afeganistão;
- d) estudos de línguas ameríndias, de sua ida ao Alasca;
- e) estudos do discurso poético, em quase três centenas de folhas, notas e textos que analisam a linguagem poética, sendo que muitos textos são dedicados a Baudelaire.

Para organizar esses papéis, a pedido de Carmélia Benveniste, irmã do linguista, e com o consentimento de Benveniste, Moïnfar, em 1970, encarregou-se de classificar esse material. Georges Redard, executor testamentário de Benveniste, deixou em seguida todas as notas e rascunhos (em torno de 30 000 folhas) à BNF – a pedido do linguista²⁶. Moïnfar conservou com ele, no entanto, inéditos importantes; dentre eles, os da linguagem poética. Assim, por solicitação de Laplantine, o DB foi depositado na BNF em agosto de 2004.

Baudelaire é o título do livro que traz publicadas as folhas do dossiê e sua transcrição, apresentando em sua edição os manuscritos presentes em dezoito envelopes, numerados de 6 a 23, excluídos os 5 primeiros sobre a *Axiologia da Linguagem*, num total de 367 folhas, mais 6 versos de folha. Além disso, foram acrescentadas ao livro 3 páginas encontradas nos arquivos do Collège de France, que versam sobre a mesma temática, e que se encontram no final do volume.

O livro é fruto da tese de doutorado de Laplantine (2008a, 2008b) - *Émile Benveniste: poética da teoria* –, orientada por Gérard Dessons e defendida em 2008 na Universidade Paris 8 – Vincennes – Saint-Denis. Os anexos de sua tese apresentam as 367 páginas do DB em sua forma manuscrita e em transcrição diplomática²⁷ efetuada pela linguista. A obra publicada pela Lambert-Lucas apresenta essas folhas na forma manuscrita e em sua transcrição linear. Tanto no livro quanto na tese, encontramos, primeiramente, a transcrição²⁸ e, em seguida, a

²⁶ Fenoglio (2013) afirma que esse material compreende desde notas do estudante Benveniste em aulas com Meillet até as últimas notas de preparação de cursos no Collège de France, ministrados pelo linguista.

²⁷ É possível transcrever manuscritos de duas formas: linear e diplomática. Na forma diplomática, a transcrição é feita respeitando as rasuras e as observações do autor. Na forma linear, as rasuras e observações são registradas na própria linha a partir de critérios – símbolos – estabelecidos pela edição. Informação oral de Irène Fenoglio, em PUC-RS, 2012.

²⁸ Também essa é a forma como Fenoglio apresenta os manuscritos de Benveniste: a folha manuscrita em primeiro lugar e depois a transcrição. Quanto à transcrição, Fenoglio procura dar preferência à transcrição diplomática, mas há artigos em que utiliza também a linear.

isso encareceria, com certeza, o livro. Na sequência, figura 3, encontra-se a transcrição diplomática dessa mesma folha do manuscrito.

Figura 3 – Transcrição diplomática do dossiê Baudelaire – 12, f^o 5/ f^o 57

BAUDELAIRE, 12, f^o 5 f^o 57
 Papier blanc un peu épais, l=13,8, h= 21, stylo à bille noir, phrase au milieu ajoutée au stylo à bille rouge.

Forme et sens se distribuent autrement
 en poésie que dans le langage ordinaire.
 Il faut partir du niveau du signe .
 Le signe poétique est bien, matériellement, identique
 au signe linguistique. Mais la décomposition du signe en
 signifiant-signifié ne suffit pas : il faut y ajouter
 une dimension nouvelle, celle de l'évocation :
 qui réfère
~~par rapport~~ non à la 'réalité' (concept du langage
 ordinaire) mais à la 'vision poétique de la réalité'
 Ainsi au rapport signifiant { ~ référent
signifié { ~
 le langage poétique ajoute (ou substitue) évoquant
évoqué ~ émotion
 initiale

Il faudrait alors un terme nouveau qui
 serait pour le langage poétique ce que « signe » est
 au langage ordinaire. Je proposerais :

éicasm (εἰκασμός) éicastique (εἰκαστικός)
 Un éicasm se décomposerait en évoquant { éicasmant
évoqué { éicasmé

Fonte: Laplantine (2008b, p. 121).

Conforme podemos observar na figura 3, a transcrição diplomática procura respeitar a troca da cor da caneta utilizada por Benveniste no momento da escrita – da cor preta o linguista passou à vermelha. Na transcrição linear, qualquer grifo feito é descrito em itálico, enquanto que na transcrição diplomática o grifo é respeitado em seu traço – quer seja uma sublinha reta ou ondulada, por exemplo.

Na parte superior da transcrição, são informadas a numeração da folha, a dimensão física do manuscrito (papel branco fino, 13,8 cm de largura por 21 cm de altura), o material utilizado para o registro (caneta esferográfica preta) e as possíveis alterações de registro (sentença no meio adicionada à caneta esferográfica vermelha).

Em alguns fólios, a descrição superior encontrada no livro *Baudelaire* e a descrição superior presente nos anexos da tese de Laplantine (2008b) não coincidem, conforme apresentado no fólio 57 – papel branco forte (figura 2) e papel branco fino (figura 3). Além disso, observamos na transcrição diplomática um traço sobre a sílaba final das palavras gregas “eicasant” e “eicasé”, fato não observado na transcrição linear. Assim, tendo em vista que a transcrição diplomática procura preservar o traço do autor em relação às alterações por ele feitas, utilizarei como objeto de estudo desta tese a transcrição diplomática presente no anexo da tese de Laplantine (2008b).

A hipótese de Laplantine (2008b, p. 5), conforme já colocado, é de que esse material seja datado, em sua maioria, de 1967. Nesse sentido, remeto ao que Fenoglio (2013) pondera sobre o artigo *O aparelho formal da enunciação*, publicado em 1970. A partir do estudo do dossiê desse texto, a linguista-geneticista coloca que a noção de “aparelho”, e mesmo a de “aparelho formal”, está presente em Benveniste muito antes da publicação do artigo, mas ficou, de certa forma, escondida nos rascunhos. Há uma primeira aparição do termo em rascunhos do artigo *As relações de tempo no verbo francês* (BENVENISTE, 1959/1995). Depois, podemos encontrar a expressão em notas de 1965. E, em 1967, no artigo *Fundamentos sintáticos da composição nominal* (BENVENISTE, 1967/1995), há a expressão “aparelho formal”. E o que isso diz do DB?

Penso que isso também possa ter acontecido com vários termos presentes no DB, como “evocar”, “símbolo”, “poesia” e “ícone”, por exemplo, que aparecem já em artigos publicados pelo autor, e outros que talvez pudessem aparecer na sequência de seus estudos e publicações, tendo em vista aqueles que, de certa forma, estão presentes em *Semiologia da Língua*, por exemplo.

Laplantine (2012), em texto publicado na *Semen* temática *As notas manuscritas de Benveniste sobre a língua de Baudelaire*, pergunta-se “por que Baudelaire?”. Para a linguista, a resposta está mais por uma situação do que por um gosto particular de Benveniste: Baudelaire tornou-se um clássico, pois “[...] do ponto de vista de uma linguística normativa [...] a língua de Baudelaire é clássica” (LAPLANTINE, 2012, p. 85). E esta é a hipótese de Laplantine para a escolha da língua de Baudelaire como *corpus* de análise: o discurso de Baudelaire, ao contrário de Rimbaud e de Mallarmé, não rompe com a língua tal qual a conhecemos e utilizamos em nosso dia a dia. Como bem destaca a linguista nesse texto, essa é apenas uma hipótese, a sua hipótese, pois de fato não sabemos por que Benveniste escolheu a língua de Baudelaire para seu texto a ser publicado na *Langages*.

No prefácio de as *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, Kristeva (2014, p. 54) pergunta “Por que Benveniste escolhe Baudelaire para ilustrar seu propósito?”, ao que ela responde: estava ali a “primeira fissura entre linguagem poética e linguagem não poética”. No entanto, na nota 359 do envelope 23 do DB, encontramos nas palavras de Benveniste essa escolha no nível da língua: “É com Baudelaire que aparece a primeira fissura entre a língua poética e a língua literária não poética. E a ruptura será consumada em Mallarmé” (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008b, p. 737).

Fenoglio (2012a, p. 139) defende que o poeta foi escolhido tendo em vista seu discurso: “[...] seu discurso poético é discurso, material ideal para o linguista do discurso que procura identificar as particularidades do discurso poético”, diferentemente de Mallarmé conforme a autora.

Esta questão me motiva: por que Baudelaire? Em consonância com Laplantine (2012), será por que esse poeta é um clássico? Será pela fissura apontada por Kristeva (2014) a partir de uma nota do DB? Ou será pela possibilidade do discurso poético de Baudelaire ser ainda discurso conforme Fenoglio (2012a)?

Proponho na sequência mais uma resposta para a questão. Essa resposta é motivada pelo objeto de estudo desta tese, a escrita de Benveniste. Além disso, acredito ser importante expressar também o meu ponto de vista acerca dos motivos pelos quais o linguista escrevia sobre os poemas de *As Flores do Mal*.

3.2 POR QUE BAUDELAIRE?

Esta não é uma tese sobre o poeta francês Charles Baudelaire, tampouco sobre os poemas de *As Flores do Mal* e de *Pequenos Poemas em Prosa*. Isso quer dizer que a poesia de Baudelaire não está no centro de meu estudo, pois meu contato com a lírica de Baudelaire se dará via Benveniste. No entanto, isso não quer dizer que me colocarei distante de seu texto. A lírica de Baudelaire está presente nesta tese na medida em que este é o texto evocado e analisado por Benveniste nos manuscritos presentes no DB.

Dos dois livros aqui citados, é a obra *As Flores do Mal* que tem destaque no DB, quer seja por colocar em análise seus poemas, reconhecidos pelo título ou pelos números romanos que os introduzem na obra, quer seja por pensar a língua de Baudelaire ou mesmo a poesia lírica a partir deles. Em menor presença, somente em três notas, estão excertos de poemas de *Pequenos Poemas em Prosa* e excertos de algumas críticas escritas por Baudelaire.

Foquemos aqui em *As Flores do Mal*. A obra teve sua primeira publicação em 1857, iniciando com *Ao leitor* e 100 poemas distribuídos em cinco seções: *Splenn e Ideal*, *Flores do Mal*, *Revolta*, *O Vinho* e *A Morte*. Aproximadamente vinte dias depois, a obra é recolhida por ser considerada um ultraje à moral pública e o poeta condenado a pagar uma multa por essa publicação. Em 1861, ocorreu sua segunda edição, contando com mais 35 poemas, dentre eles 6 condenados pela 6ª Vara Correccional de Paris. Em 1868, um ano após sua morte, encontramos o que Junqueira (2006) denomina de versão definitiva: *Obras Completas de Charles Baudelaire*, com um prefácio, no lugar do poema *Ao Leitor*, 141 poemas, distribuídos nas mesmas seções de 1861, e mais 25 poemas novos.

Ivan Junqueira, poeta e renomado tradutor dos textos de Baudelaire, ao apresentar a obra em sua versão bilíngue francês-português, defende que “[...] não se pode entender Baudelaire sem que se considere seu gosto pelo difícil, seu esforço de evasão, sua mística da concentração e da lucidez [...]” (JUNQUEIRA, 2006, p. 63). Nesse mesmo viés, Friedrich encaminha sua estrutura da lírica moderna citando as palavras de Baudelaire: “existe uma certa glória em não ser compreendido” (BAUDELAIRE apud FRIEDRICH, 1956/1978, p. 16)²⁹. Essa obscuridade presente em *As Flores do Mal* antecipa os temas e todo o processo estético da poesia lírica moderna (JUNQUEIRA, 2006): a obscuridade que fascina o leitor ao mesmo tempo em que o desconcerta. Isso porque a lírica moderna não trata das coisas e dos homens de forma descritiva, tampouco comunica algo: seu texto coloca em cena a experiência vivida e, nesse sentido, uma suposta anormalidade, uma certa estranheza (FRIEDRICH, 1956/1978).

Antes de seguirmos pela língua de Baudelaire, penso ser importante problematizarmos o sentido do vocábulo *lírico*. No DB, Benveniste escreve essa palavra quatro vezes:

a) “[...] a poesia (lírica) é a linguagem da interioridade [...]”. (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008b, p. 11);

b) “Toda poesia lírica procede do corpo do poeta [...]”. [grifo do autor] (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008b, p. 15);

c) “Há, portanto, no mundo do poeta lírico, / muito poucos ‘objetos’, e esses objetos não são tomados / e tratados por si mesmos, são as projeções / da emoção”. (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008b, p. 15);

d) “[...] palavra lírica, provérbio [...]”. (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008b, p. 386).

²⁹ Para apresentação das referências do filósofo Walter Benjamin e dos estudiosos da literatura Hugo Friedrich e Emil Staiger, opta-se pelo sistema data/data para dar relevo à época em que o estudo veio a público.

Além disso, o vocábulo também aparece em língua inglesa como citação do livro *Simbolismo, Seu Significado e Efeito*, de 1927, de Alfred North Whitehead: “Certamente isso é verdadeiro e a natureza humana às vezes funciona dessa forma. Por exemplo, se você é um poeta e deseja escrever uma lírica sobre árvores, andará pela floresta a fim de que as árvores possam sugerir as palavras adequadas”. (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008b, p. 386).

Staiger (1946/1977) propõe que tomemos esse vocábulo de duas maneiras: como substantivo, *Lírica*, e como adjetivo, *lírico/a*. Como substantivo, a palavra funciona como uma terminologia “[...] para o ramo a que pertence uma obra poética considerada, globalmente, segundo características formais determinadas” (STAIGER, 1946/1977, p. 98). Como adjetivo, por outro lado, não designa um poema em específico; antes disso, funciona como um “termo designativo de uma obra, qualquer que seja seu ramo” (STAIGER, 1946/1977, p. 99): aqui, nesta tese, designa a poesia *lírica*. No entanto, ao designar um texto como lírico, o autor destaca que não estamos circunscrevendo esse texto apenas a seu lirismo, mas que a essência do lírico está aí presente, quer explícita ou implicitamente.

E qual é a essência do lírico? No estilo lírico, “[...] não se dá a ‘re’-produção linguística de um fato. [...] O poeta não ‘realiza’ coisa alguma” (STAIGER, 1946/1977, p. 7): antes disso, é a “coisa” que soa como língua. “Ele [o poeta] abandona-se – literalmente (Stimmung) – à inspiração. Ele inspira ao mesmo tempo clima e linguagem. Não tem condições de dirigir-se a um nem a outra. Seu poetar é involuntário. Os lábios deixam escapar o ‘que está na ponta da língua’” (STAIGER, 1946/1977, p. 11), esclarece o autor.

Esse se entregar totalmente à inspiração não é o reconhecimento de uma situação da alma, de algo dentro de nós: o poeta, pela inspiração, não está diante das coisas, mas *nelas* e *elas nele*. Isso porque

A disposição apreende a realidade diretamente, melhor que qualquer intuição ou qualquer esforço de compreensão. Estamos dispostos afetivamente, quer dizer possuídos pelo encanto da primavera ou perdidos no medo do escuro, enebriados de amor ou angustiados, mas sempre "tomados" por algo que espacial e temporalmente – como essência corpórea – acha-se em frente a nós [...]. (STAIGER, 1946/1977, p. 35).

Em um verso que fale de uma paisagem, por exemplo, o ente *paisagem* é antes estado que objeto. Isso porque homem e natureza se diluem: é o homem que recorda a natureza ou a natureza que recorda o homem?, pergunta-se o teórico. Para tal problemática, Staiger

(1946/1977) utiliza o termo *um-no-outro* – diferentes fatos e situações podem ser recordados na criação lírica –, numa simbiose que estaria mais para o segundo questionamento:

Sentimos a paisagem, a noite, a amada, ou mais exatamente sentimo-nos na noite e na amada: diluímo-nos no que sentimos. Através da língua, por exemplo, como órgão do conhecimento, polemizamos com a realidade e estabelecemos algumas relações entre as coisas. A própria língua serve como o instrumento da análise, para em seguida, de novo, reunir ela mesma os elementos distintos em construções frasais. A "disposição anímica", ao contrário, foi caracterizada como o *um-no-outro* que não necessita de relacionamentos, porque tudo já está de antemão irmanado no mesmo clima afetivo (*Stimmung*). Cada palavra isolada é um registro e ordena o mundo passageiro das aparências como algo duradouro. [grifos do autor] (STAIGER, 1946/1977, p. 35).

E este é o foco da lírica: a fusão sujeito-objeto no estudo da linguagem. Nesse sentido, não há como desvendar todo o mistério da criação lírica. Isso porque “[...] metro, rima e ritmo surgem em uníssono com as frases. Não se distinguem entre si, e assim não existe forma aqui e conteúdo ali” (STAIGER, 1946/1977, p. 10). Trata-se de uma poesia difícil de metrificar e caracterizar como um todo: cada poema, em sua singularidade, diz de sua métrica e de suas características. Nesse sentido, o termo *poesia lírica* diz de um texto singular e irreproduzível, assim como “[...] um individuum ineffabile desencadeia disposições inteiramente novas, jamais até então existentes” (STAIGER, 1946/1977, p. 24).

E é a poesia lírica que encontramos em *As Flores do Mal* (STAIGER, 1946/1977; FRIEDRICH, 1956/1978; BENJAMIN, 1955/1989; JUNQUEIRA, 2006). Em *Ao Leitor*, primeiro poema do livro, há um chamamento aos leitores que se viam com dificuldades em compreender a singularidade da poesia lírica: “[...] por isso dedica seu livro àqueles que lhe são semelhantes. O poema dedicado ao leitor termina com a apóstrofe: ‘ – Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão!’” (BENJAMIN, 1955/1989, p. 103).

O poeta escreveu poemas que, em princípio, tinham pouca chance de sucesso imediato junto ao público: o leitor a que o poeta se dirigia somente apareceria muitos anos depois; afinal, por gerar um efeito de choque, a poesia não está para a comunicação de algo supostamente real, mas para a experiência, o que era muito novo para uma época em que a linguagem era essencialmente comunicativa. Experiência esta que não é a do leitor, mas a do poeta: a poesia lírica moderna tem o leitor como vítima e não como destinatário de uma mensagem. O leitor não se sente protegido pela linguagem poética, mas alarmado, por isso vítima (BENJAMIN, 1955/1989). Trata-se, quase, como um “o que faço com isso?”.

Além disso, as combinações que emergem da poesia lírica não são pretendidas pelo significado (JUNQUEIRA, 2006): elas que criam o significado (FRIEDRICH, 1956/1978). Diante disso, a poesia ativa no leitor uma “[...] interpretação sempre poetizante, inconclusa, conduzindo afora ao aberto” (FRIEDRICH, 1956/1978, p. 19). O leitor que se propõe, pois, a vivenciar a poesia lírica moderna precisa encarar essa obscuridade, essa estranheza, esse não saber: é preciso dar de si, entregar-se ao texto, para vivenciar a palavra ali presente.

Nesse viés, Benjamin (1955/1989, p. 95) defende que “o incógnito é a lei de sua poesia. [...] Baudelaire conspira com a própria língua, calcula seus efeitos passo a passo”. *Passo a passo* aqui pode ser entendido como o caminhar pela cidade: o poeta que não está no aconchego de sua casa, em uma escrivania, escrevendo versos. O poeta está na rua, entre construções e pessoas, buscando rimas e construindo versos. Assim,

sua versificação é comparável à planta de uma grande cidade, na qual alguém pode movimentar-se despercebido, encoberto por quarteirões de casas, portais, cocheiras e pátios. Nessa planta indicam-se às palavras seu lugar exato, como aos conspiradores antes da eclosão da revolta. (BENJAMIN, 1955/1989, p. 5).

Não obstante, essa aventura pela cidade e pelos versos contrasta com uma certa tensão formal no texto escrito de Baudelaire, marcada por uma forte intelectualidade, simplicidade de exposição e arredondamento linguístico. Junqueira (2006, p. 79) afirma que a língua de Baudelaire é “[...] sóbria e cristalina, sua sintaxe sem rodeios e seu estilo conciso e elegante são fruto das melhores tradições da língua francesa e, como todo francês culto, paga ele tributo ao racionalismo e à austeridade da *clarté* [claridade] [grifo do autor]”. Além disso, em *As Flores do Mal*, encontramos, pela primeira vez, palavras urbanas – “[...] *quinquet* (candeeiro), *wagon*, *omnibus*, *bilan* (balanço), *réverbère* (lâmpião), *voirie* (lixeira)” [grifos do autor] (BENJAMIN, 1955/1989, p. 97) – na linguagem poética, o que faz com que o texto pareça claro.

Benjamin (1955/1989, p. 97) defende que “se o espírito linguístico de Baudelaire pode ser apreendido em algum ponto, então é nessa brusca coincidência”. A presença da palavra urbana não diz de uma claridade entendida como transparência: há dificuldade em se encontrar categorias para descrever essa poesia. Parece-me aqui muito com o que o filósofo desenvolve sobre o capitalismo. As cidades encheram-se de pessoas, pessoas que se encontram nos bondes, lado a lado, olhos nos olhos, mas sem se falarem. As ruas encheram-se de pessoas, pessoas que possuem desejos, que lutam por seus sonhos, mas que transitam no vai e vem das ruas, sem se conhecerem, sem se falarem, sem compartilharem de seus desejos

e de seus sonhos. As pessoas estão cada vez mais próximas, mas suas palavras cada vez mais distantes. E é isso que a lírica de Baudelaire escancara: a vivência do choque. Não é porque seja feita de palavras ou obra de um poeta que a poesia possa acessar algo visível.

Nesse sentido, a linguagem poética de Baudelaire coloca em cena que a significação não ocorre somente tendo o signo como princípio: “o verso baudelaireano [...] envolve um mistério jamais de todo decifrado” (JUNQUEIRA, 2006, p. 79). Isso porque “o incógnito é a lei de sua poesia [...]”, pois “[...] Baudelaire conspira com a própria língua [...]”. (BENJAMIN, 1955/1989, p. 95), sendo marcas dessa significação a incoerência, a fragmentação, os lampejos, o deslocamento e a evocação (FRIEDRICH, 1956/1978; STAIGER, 1946/1977; BENJAMIN, 1955/1989).

Além disso, com Baudelaire, começa a despersonalização da lírica: a linguagem poética, a exemplo do que ocorria na poesia romântica, não é biográfica. A lírica moderna não está relacionada à suposta unidade da poesia e da pessoa empírica: “minha tarefa é extra-humana”, defende Baudelaire, há uma “intencionada impessoalidade de minhas poesias” (apud FRIEDRICH, 1956/1978, p. 37). Isso tudo no sentido de que a palavra não comporta um estado de consciência específico: o “eu” na lírica moderna não é marca de um sujeito empírico, mas de um efeito. Para Junqueira (2006), é por aí que começa o percurso revolucionário de *As Flores do Mal* que inicia em Baudelaire, segue por Rimbaud e tem seu auge em Mallarmé (FRIEDRICH, 1956/1978): a significação se dá no *só depois*, no devir próprio da língua.

Para Benjamin (1955/1989, p. 143), “*As Flores do Mal* [...] ultrapassou as fronteiras mais ou menos restritas de uma língua” [grifos do autor], colocando em xeque a possibilidade mesma de uma poesia lírica: “Baudelaire determinou o preço que é preciso pagar para adquirir a sensação de moderno: a desintegração da aura na vivência do choque” (BENJAMIN, 1955/1989, p. 145).

E aqui está, para mim, a minha resposta à pergunta “por que Baudelaire”: pela desintegração da aura na vivência do choque presente em seus poemas. Na poesia lírica de Baudelaire a linguagem não é mero instrumento de comunicação – a aura almejada pelos estudos linguísticos da época –, mas o efeito de um choque: a palavra comporta uma matéria estranha, uma matéria que interroga a totalidade e abarca a incompletude e o não dizer. Em Baudelaire, a palavra encontra o homem.

Retorno, então, à citação de Baudelaire no PLG II: “‘Les parfums, les couleurs et les sons se répondent’. Estas ‘correspondências’ não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a imagem que o reflete”. (BENVENISTE, 1969/2008, p. 61). Para

Benjamin (1955/1989, p. 133), as correspondências representam “a instância diante da qual se descobre o objeto de arte como um objeto fielmente reproduzido e, por conseguinte, inteiramente problemático”. Os problemas de linguagem interessam Benveniste (1966/1995): “[...] a linguagem é, de fato, um objeto difícil [...]”, por isso “[...] a linguística progride na razão direta da complexidade que reconhece nas coisas; as etapas do seu desenvolvimento são as dessa tomada de consciência”. Nesse sentido, a língua de Baudelaire interessa a Benveniste.

Como destacado anteriormente, o linguista no fólio 359 do envelope 23 afirma que:

Em Baudelaire há dois códigos
que funcionam paralelamente e
que se entrecruzam: prosa e
poesia: o verso construído como uma
proposição regular e o verso
que inventa sua estrutura no seu
desenvolvimento. É com Baudelaire
que aparecerá a primeira fissura
entre a língua poética e a língua
literária não poética. E a
ruptura será consumada em
Mallarmé (BENVENISTE apud LAPLANTINE, 2008b, p. 737).

Qual o papel desse fólio entre as anotações de Benveniste? E sobre que fissura escreve o linguista? Seria essa fissura uma forma de marcar que a língua não é mero instrumento de comunicação? E como Benveniste chega a essa conclusão?

É chegada a hora de adentrarmos na escrita presente no DB. No entanto, antes de encarmos os manuscritos, Laplantine (2013a), em entrevista dada a *Revista Calidoscópio*, adverte que é necessário assumir um ponto de vista para pesquisar o material, pois, dada sua apresentação em notas, o dossiê pode tornar-se ilegível ou mesmo incompreensível para a pesquisa acadêmica. Para construir o meu ponto de vista nesta tese, iniciarei trazendo alguns estudos publicados em revistas e livros coordenados ou apresentados por Chloé Laplantine, linguista que transcreveu e publicou o DB.

3.3 DIFERENTES PERSPECTIVAS DE LEITURA E DE PESQUISA

Viprey (2012), um dos teóricos que já escreveu sobre o DB, defende que, ao ler o dossiê, é necessário um ângulo de abordagem singular, ângulo este que respeite a heterogeneidade material do manuscrito: seu ordenamento provável, sua textualidade um tanto problemática, mas mesmo assim reparável, e sua referência contextual. Já bem dizia

Saussure (2004, p. 15) que “[...] o ponto de vista que cria o objeto [...]”: é o ângulo singular que cada autor desenvolve na sua leitura do DB que dirá da escrita ali presente. E é essa abordagem singular que busco em três diferentes publicações que têm o DB como foco de estudo:

- a) o livro *Émile Benveniste, o inconsciente e o poema*, fruto da tese de doutorado de Chloé Laplantine;
- b) a revista acadêmica *Semen – Revista de semiolinguística de textos e discursos –*, intitulada de *As notas manuscritas de Benveniste sobre a língua de Baudelaire*, coordenada por Jean-Michel Adam e Chloé Laplantine;
- c) o livro *Émile Benveniste: por uma poética geral*, da Coleção *Linguística e Literatura*, da editora *Presses*, da Universidade de Pau et des Pays de l’Adour, sob a direção de Sandrine Bédouret-Larraburu e Chloé Laplantine.

Explicitarei, brevemente, a abordagem que cada autor institui e os saberes produzidos sobre os manuscritos. Por último, apresentarei uma síntese dos percursos de leitura aqui colocados.

3.3.1 Émile Benveniste, o Inconsciente e o Poema

Em 2011, Laplantine publicou os livros *Baudelaire* – que traz os anexos de sua tese – e *Émile Benveniste, o inconsciente e o poema* – que apresenta a pesquisa realizada durante seu doutoramento. O DB é, assim, parte de sua tese (LAPLANTINE, 2008a, 2008b).

Tanto na tese quanto no livro em questão, a linguista desenvolveu um trabalho de pesquisa acerca do inconsciente cultural. Para tanto, ela argumenta que não é porque se fala em “inconsciente” que podemos considerar Benveniste um psicanalista: ele é um linguista. Da mesma forma, não é um historiador ou um filósofo. O que encontramos em Benveniste é um ponto de vista filosófico e psicanalítico, mas é um linguista fazendo linguística. Ou seja, a filosofia e a psicanálise aparecem como uma forma de pesquisar; dito de outra forma, essas áreas funcionam como um despertar para a análise: o inconsciente do século XIX funciona como um questionamento para a pesquisa linguística.

Nessa perspectiva de abordagem, a autora revisita três estudiosos para buscar o ponto de vista do “inconsciente cultural” constituído e atualizado na língua: Bréal, Saussure e Sapir. De forma sucinta, podemos afirmar que, de alguma maneira, o inconsciente já se fazia presente nos estudos desses autores: em Bréal, as transformações na língua não se dão de modo consciente, premeditado, elas ocorrem na ordem do inconsciente, daquilo que não é

premeditado; em Saussure, “[...] o ato linguístico é inconsciente, mas ao mesmo tempo é um ato que de maneira imperceptível transforma a língua, o sistema”. [grifo da autora] (p. 43); em Sapir, o termo “inconsciente” é frequente, pois o autor defende que nunca acessamos o mundo, mas uma representação dele; isso porque há entre o universo e a linguagem uma estreita relação.

Para Benveniste, o inconsciente aparece em relação a Freud e à arte. O que chamou atenção do linguista foi o método da psicanálise: é preciso olhar para os questionamentos que o objeto produz. Nesse sentido, a autora afirma que em Benveniste “[...] a linguística é (será) uma Ciência, mas uma ciência *das relações e das deduções*, e não uma Ciência dos ‘fatos’” [grifos da autora] (p. 101): o que o analista encontra são motivações, e essas motivações são somente no discurso; isso porque a linguagem re-produz a realidade, re-produz a emoção.

Ao se debruçar nas folhas do DB, Laplantine defende que a linguagem poética³⁰ para Benveniste é o lugar do incomum. Nesse sentido, esclarece a autora que o trabalho do linguista com o poema permitirá que se renovem as pesquisas que tomam a linguagem como objeto de estudo. Isso porque a metassemântica prevista como uma semiologia de segunda geração é, para a estudiosa, a descoberta de semânticas particulares – semântica de uma semântica – a exemplo da semântica de Baudelaire (ou a “Língua de Baudelaire” – como na lista de artigos prometidos). Essa semântica particular implica uma culturologia, que problematizará a visão do analista em sua análise. Assim, para a autora, “*Semântica e metassemântica* aparecem aqui sinônimos de *poética*” [grifos da autora] (p. 147): “meta”, nesse sentido, não é o estudo de um “discurso em” mas de um “discurso de”. Ou seja, o discurso de Baudelaire, seu poema, transforma o ponto de vista do analista, transforma sua leitura, e não o contrário: não é possível vir com as categorias de análise prontas, pois é o discurso que as dará. Para o linguista, a linguagem não é denotativa, mas simbólica: a linguagem comporta um incomum, sendo, portanto, oposta ao uso realista que se possa fazer da linguagem. Assim, a linguagem é da ordem do particular, é poética, e não objetiva e descritiva. E aqui a autora não se refere à poética que encontramos em Jakobson, a função poética, e sim à poética como culturologia, como metassemântica, pois é da ordem do particular – uma antropologia da linguagem, uma reflexão sobre o homem.

Nesse sentido, o projeto de uma culturologia, que Laplantine defende ser o grande projeto de Benveniste, repousa sobre a ideia de que a língua produz a sociedade – o que deixa

³⁰ Laplantine (2011b) chama atenção para o fato de que a pesquisa trazida por Benveniste a propósito de Baudelaire só adquire valor e interesse se a considerarmos como uma continuação de sua teoria da linguagem e de seu trabalho sobre as línguas.

ver que esta não é uma entidade abstrata, mas a dinâmica de sua produção. E a “língua de Baudelaire” é essa culturologia, essa metassemântica, essa poética: “termos que não se distinguem. Podemos dizer que uma poética implica uma culturologia, porque interessa à vida, ao valor, à história [...]; da mesma maneira, uma poética é uma metassemântica pois ela tem o sentido de sua própria visão, o sentido do presente, da historicidade”. (p. 200).

3.3.2 As Notas Manuscritas de Benveniste sobre a Língua de Baudelaire

A revista acadêmica *Semen 33, As notas manuscritas de Benveniste sobre a língua de Baudelaire*, de abril de 2012, apresenta seis artigos em torno do dossiê. O primeiro é *Os problemas do discurso poético conforme Benveniste. Um percurso de leitura*, de Jean-Michel Adam (2012, p. 25-54). Nele, o linguista advoga que as folhas do DB são traços da elaboração da translíngua de textos e de obras, a partir da literatura e da poética. Adam afirma que parece que há nos manuscritos de Benveniste um esforço em mostrar que não é possível a aplicação da linguística da língua (semiótica) ao discurso poético (semântico e translíngua de uma obra). Segundo o linguista, Benveniste parece mostrar que uma pesquisa que tenha como *corpus* um texto literário não pode ser uma mera aplicação da linguística, mas “[...] um questionamento linguístico do discurso poético e de uma obra particular que, em retorno, questiona igualmente as categorias de análise linguística” (p. 51). Ou seja, conclui o estudioso, é toda teoria da linguagem que se movimenta nos problemas do discurso poético apontados por Benveniste.

No artigo *O Baudelaire de Benveniste. Entre estilística e poética*, Gérard Dessons (2012, p. 55-70)³¹ argumenta que Benveniste reflete sobre a “linguagem poética” procurando explicar o misterioso poder da linguagem para criar um mundo que significa a todos e é, ao mesmo tempo, original. O ponto de vista da arte, que é propriamente o do poema, introduz no estudo da linguagem uma dimensão que está ausente das abordagens estritamente linguísticas, e que Benveniste aborda pela noção de “estilo”, que aparece como uma crítica à concepção instrumental do discurso. E o estilo³² comparece em grande parte das análises feitas sobre *As Flores do Mal*: a análise é sempre “em” Baudelaire, ou seja, a análise não preexiste ao poema.

³¹ É possível ampliar essa abordagem em, pelo menos, dois textos do autor: o capítulo *O lugar do poema na teoria do discurso*, do livro *Émile Benveniste – para viver linguagem* (MARTIN, 2009) e o capítulo *Para uma poética do discurso*, do livro *Émile Benveniste, a invenção do discurso* (DESSONS, 2006).

³² Ao falar de estilo, Dessons (2009, 2012) também aborda a “maneira” (*manière*) e a “matéria” (*matière*) próprias da obra de arte. A singularidade que faz o incomum da arte, segundo o linguista, é indissociável de uma maneira e de uma matéria. Isso porque o “[...] inventor de um estilo configura a matéria comum e, à sua maneira, se liberta dela” (BENVENISTE, 1956/1995, p. 94).

Dessons ressalta que, para Benveniste, as palavras em poética não significam, mas evocam. Nessa perspectiva, o estudo da rima é o ponto mais avançado nas análises empreendidas por Benveniste: o linguista sírio vê uma relação entre a ideia e a rima – uma relação entre discursividade e prosódia da língua. De modo geral, Dessons defende que o poema constrói seu próprio léxico, pois as palavras, ao serem associadas pela rima, apresentam outros e novos sentidos, evocados pelo som.

Em “*A Língua de Baudelaire*”, *uma culturologia*, Chloé Laplantine (2012, p. 71-90)³³ advoga que Benveniste estava, em diálogo com os problemas de linguística geral, escrevendo uma poética. Nesse sentido, a arte aparece como um ponto de vista crítico para repensar a teoria da linguagem vigente nos anos 60, fundada na noção de signo, que visa à descrição e à objetividade. Para a autora, a linguística de Benveniste inclui uma reflexão sobre a literatura, pois comporta um ponto de vista que permite falar da linguagem e pensar a experiência humana. Nesse sentido, não é possível separar a linguagem ordinária da linguagem poética: nos manuscritos, “a poesia é uma língua interior à língua” (p. 79). Para a autora, a teoria da linguagem de Benveniste é já uma teoria da linguagem poética, pois quer seja em frases cotidianas, quer seja em um poema, o que vemos é a invenção de uma experiência. Por fim, o que Benveniste pretende é passar da linguística do signo à linguística do discurso: nesse sentido, o DB parece funcionar como um laboratório que prepara para *Semiologia da língua*, que traz a base para a necessária transformação da linguística.

Jean-Claude Coquet (2012, p. 91-98), em *Algumas observações sobre a linguagem icônica*, defende que o projeto de Benveniste no DB difere completamente dos estudos estruturalistas de sua época, pois não há em suas notas um princípio de imanência, mas de funcionamento singular da língua poética; a saber, a linguagem icônica. E é nesse sentido que há no dossiê traços de uma nova teoria a ser construída. Não há uma modificação na teoria da enunciação elaborada por Benveniste no estudo da linguagem ordinária à linguagem poética, mas com a linguagem icônica há um incentivo a aprofundar ou a diversificar o papel central atribuído à experiência, à impressão ou à emoção. Assim, os novos termos que encontramos em seus manuscritos são um sintoma de uma mudança de perspectiva inversa ao signo que é a base da linguística: o ícone é para ser interpretado, e não para ser a base de um estudo. De forma geral, Coquet argumenta que a linguagem icônica não rompe com o sistema da língua, apenas difere dela. Isso porque a linguagem dita ordinária associa significação e

³³ Laplantine tem publicados, além de sua tese de doutorado, vários textos sobre o Dossiê Baudelaire. Relacionados ao artigo em questão, destaco dois capítulos de livro da autora: *A poética de Émile Benveniste – Benveniste e as “correspondências”* (BRUNET; MAHRER, 2011) e *A poética de Émile Benveniste* (MARTIN, 2009).

comunicação, nessa ordem, enquanto a linguagem icônica compõe um universo segundo, que não é transmissível, pois é uma realidade segunda, a da imaginação e da emoção, que só existem no momento em que o poeta as enuncia.

No artigo *O discurso poético e seu vocabulário. Benveniste sobre as “palavras” e sua “junção”*, Jean-Marie Viprey (2012, p. 99-120)³⁴ advoga que há, pelo menos, dois trabalhos de Benveniste no DB: de um lado, a poesia em geral e, de outro, Baudelaire. Defende o linguista que Benveniste parece navegar nos versos de Baudelaire para conhecer sua poesia e, a partir de seu posicionamento teórico em ciências da linguagem, a saber, a translinguística, romper com uma concepção estruturalista de linguagem. Afirma que nas hesitações terminológicas presentes no DB há uma oscilação inacabada entre uma concepção autorreferencial de poesia, dominante na época, e uma concepção de comunicação poética orientada por uma subjetivação da palavra para o mundo – mundo este construído pela palavra na poesia e não pelo signo. Por isso, Viprey chama atenção para as 60 listas de palavras feitas por Benveniste em seu estudo dos poemas de Baudelaire: 35 são destinadas ao estudo dos tempos verbais; 14 são relacionadas a estruturas diversas, em especial às sintáticas; 8 se ocupam principalmente da sonoridade e 3 da métrica. De certa forma, Benveniste parecia pesquisar sobre a frequência e a importância dos vocábulos na trama textual de *As Flores do Mal*, não para ver uma frequência precisa, mas para expor uma intuição. De forma geral, o autor destaca que é possível ver uma pesquisa completamente nova para o final dos anos 60, pois hoje temos os estudos em lexicometria, que tomam a recorrência das palavras em sua materialidade textual, mas na época esse estudo era desconhecido pelos pesquisadores da linguagem.

Irène Fenoglio (2012a, p. 121-161), em *Benveniste autor de uma pesquisa inacabada sobre “o discurso poético” e não de um “Baudelaire”*, defende que Benveniste não é autor de um *Baudelaire*, mas sim de uma pesquisa inacabada sobre o discurso poético. Isso porque a linguista-geneticista não concorda com a maneira pela qual as folhas do DB vieram a público: em um livro, que pode dar a entender uma leitura linear do que ali contém, ou seja, com início – meio – fim; com um título, que não foi dado por Benveniste; e com uma transcrição linear de seus manuscritos, que, por vezes, coloca em itálico diferentes grifos do linguista, que para a autora diferem se olhados sob o ponto de vista de um estudo genético. Além disso, salienta a autora que, mesmo que tenhamos uma lista com artigos prometidos

³⁴ Cabe colocar aqui que Viprey estudou em seu doutorado (Université de Franche-Comté, 1997) o vocabulário de *As Flores do Mal*, a partir da linguística quantitativa, denominada de lexicometria, tendo publicado sua tese em um livro (cf. VIPREY, J-M. *Analyses textuelles et hipertextuelles des Fleurs du mal*. Paris: Champion, 2002).

pelo linguista, em que encontramos *A língua de Baudelaire*, isso não justifica um título como *Baudelaire: uma coisa é a língua de Baudelaire* – que remete ao discurso poético – outra é *Baudelaire*, que remete ao autor. Assim, a publicação do DB em um livro não foi adequada, conforme defende a autora. Partindo da fragmentação encontrada nessas 367 folhas e de algumas pistas acerca dos movimentos enunciativos próprios dos manuscritos de Benveniste já estudados por Fenoglio, a linguista-geneticista tem por hipótese que esse material compreende dois processos: declarações sobre dados levantados dos textos de Baudelaire e notas reflexivas. De modo geral, o que parece interessar a Benveniste é como, linguisticamente, o discurso poético pode ser determinado por uma relação semiótico-semântica, produzida em torno da subjetividade do autor que vai oferecer seu material semiótico singular à compreensão semântica.

3.3.3 Émile Benveniste: por uma Poética Geral

O livro *Émile Benveniste: por uma poética geral*, publicado em janeiro de 2015, apresenta, em seus onze textos, as atas de um colóquio organizado por Sandrine Bédouret-Larraburu e Chloé Laplantine, na Université de Pau et de Pays de l'Adour, em Bayonne, entre os dias 2 e 3 de abril de 2013, intitulado *Émile Benveniste e a literatura*. Importante destacar que alguns textos abordam uma perspectiva de leitura e de pesquisa do DB enquanto outros propõem uma poética geral a partir dos PLG, do DB, das notas de suas últimas aulas e da poética do indo-europeu. Nesse sentido, privilegio aqui os sete textos que apresentam uma abordagem singular do DB em específico.

No primeiro texto, *Do inacabamento da poética de Benveniste*, Daniel Delas (2015, p. 25-47) contrapõe-se a Fenoglio (2012a), defendendo que o DB apresenta, principalmente no envelope 22, marcas textuais que mostram a construção de um texto a ser publicado. Além disso, o autor advoga que o não acabamento de seu texto está muito mais para uma abordagem poética do movimento de pensar do que para critérios somente técnicos, oriundos de questões gramaticais. Nesse sentido, Delas remete a um texto acabado, *Semiologia da língua*, para mostrar que o não acabamento do DB está relacionado à incompletude mesma de uma obra literária. Por fim, o autor conclui que a linguagem poética interessa imensamente a Benveniste porque traz as bases para uma linguística nova, uma poética do pensar.

Bérengère Moricheau-Airaud (2015, p. 65-83), em *Benveniste, um (dos) pai(s) para a estilística*, destaca que o DB deixa ver o interesse linguístico de Benveniste pela literatura como corpus e como problema. E desse interesse apresenta a noção de “estilo”. Para o autor, é

na articulação entre língua e discurso que tem origem o pensamento do estilo como característica de um dizer: “São as teorias enunciativas de Benveniste que permitem pensar a articulação entre língua e discurso: elas dão ao estilo sua condição de possibilidade” (p. 70). E, nesse viés, a literatura interessa ao linguista sírio. Isso porque o estilo é o processo de uma significância, funcionando como argumento à dicotomia norma e lacuna: como apresenta H. Meschonnic, a inscrição do sujeito e de sua história na e pela enunciação ocorre por uma organização em movimento. Por fim, Moricheau-Airaud defende que Benveniste é um analista do estilo, pois seus manuscritos versam sobre esse tema. Ele pode, então, ser considerado um pai para a estilística, pois tenta articulá-la com um texto literário em específico.

Em *Ritmo e significância na teoria da linguagem de Émile Benveniste*, Jean-François Savang (2015, p. 87-110) argumenta que as notas sobre a poética confirmam a formulação do contínuo entre ritmo e significância na linguagem, conforme intuído por Meschonnic: um contínuo entre a noção de ritmo – em uma concepção não linguística – e uma semântica sem semiótica da obra poética. Nesse sentido, o corpo – a partir da emoção – está implicado na teoria da linguagem de Benveniste: na análise poética efetuada pelo linguista, a vida do corpo é jamais separada da vida da linguagem. A emoção, muito presente nas notas do DB, “[...] sugere uma materialidade do sujeito, uma significância extralinguística indissociável de sua formação na linguagem” (p. 89). Dessa forma, a significância para Savang não é somente linguística: ela é provocação do corpo no movimento das palavras, ritmo-sistema do corpo na linguagem. De modo geral, o autor defende que os manuscritos de Benveniste deixam ver uma perspectiva de uma poética do sujeito: uma poética do corpo na linguagem como um modo de significância rítmica do sujeito.

Alain Rabatel (2015, p. 111-137), em *De um modo de significação semântica pathêmico-icônica frequente em poesia a um modo de enunciação subjetivo-empática*, propõe uma reflexão sobre as notas a partir de sua “problemática do ponto de vista” – desenvolvida pelo autor em textos anteriores. Inicia, então, pontuando que Benveniste flutua entre os termos “poesia” – “língua poética”, “discurso poético”, “linguagem poética” – e “poética” – ou “poeticidade”. Para Rabatel, o termo “poética”, utilizado por Dessons e Laplantine, carrega marcas situadas sobre o meta-gênero da poesia, o que ele prefere evitar, utilizando o termo “poesia”, pois, para o autor, é disso que se trata: do quanto a poesia é diversa e avessa a critérios genéricos que a caracterizem como um todo e não pela singularidade de seus textos. Pelas notas de Benveniste, Rabatel destaca que o modo de significação semântica pathêmico-icônica é uma forma de enunciação subjetivo-empática, o que coloca em cena a disjunção

entre locutor e enunciador. Além disso, o autor acredita ser perigoso pensar a construção da referência a partir de uma pesquisa que oponha poesia e prosa, ou textos literários e não literários, pois seria mais produtivo pensar em termos de grandes funções da linguagem do que em formas binárias.

Em *O papel do poeta e do leitor de poesia: construir o “sentido” do poema para Benveniste*, de Matthias Tauveron (2015, p. 167-188), é apresentada ao leitor uma relação possível entre “discurso poético”, ou mesmo “língua poética”, e o artigo *Semiologia da língua* a partir de duas temáticas: a questão do sentido textual, particularmente do sentido das palavras, e a relação dos locutores com a comunidade linguística. A primeira refere-se à hipótese de que o trabalho em *Baudelaire* mostra a presença de uma terceira “espécie de sentido”: diante do poema, para além da ordem do “semântico” e do “semiótico”, o leitor está em contato com um sistema de signos que ele não conhece. A segunda diz do papel da arte como uma destruidora criativa, “[...] dirigida justamente contra o que une a comunidade linguística e a comunidade do pensamento” (p. 184). De modo geral, o autor defende que o trabalho das notas deixa ver a crítica ao modelo de signo, propondo-se o “ícone” e o “éicasmé” como unidades de análise da língua poética, e a necessidade de ampliar o estudo da vida dos signos na vida social, integrando a interpretação dos signos – a partir da “evocação” – à emoção e à memória.

Gérard Dessons (2015, p. 191-201), em *Terras estranhas da linguagem. Benveniste e a aventura de Baudelaire*, desenvolve uma reflexão em torno do incomum na pesquisa em poética relacionada à problemática da arte, a partir das metáforas “universo”, “cosmos”, “mundo” e “domínio”, presentes nos manuscritos. De modo geral, para o autor, essas metáforas territoriais instalam a dimensão antropológica dentro da pesquisa linguística, a partir das noções de “limite” e “fronteira”, convocando um modo de exploração da linguagem. E, para um linguista, definir-se como um explorador de regiões novas da linguagem é considerar sua radical historicidade, sua constante renovação. Nessa perspectiva, o poema é o risco máximo da linguagem, pois implica a invenção de um sujeito e de uma discursividade em um território incomum do mundo do discurso: “[...] repetindo cada vez a cartografia da linguagem, para fazer vacilar as evidências”. (p. 199). Estão em *Baudelaire* os fundamentos de uma antropologia artística da linguagem, como um lugar de problematização da linguística (a discursividade), da ética (a subjetivação) e da política (a invenção do valor).

Em *O outro do signo. “Problema do outro” a partir de Baudelaire de Benveniste*, de Vincent Capt (2015, p. 203-216), o autor parte de uma nota do envelope 21 – “Problema do ‘outro’ (frequente, a estudar)” – e da menção entre parênteses – entendida como um convite a

ser aprofundado – para estudar o “outro”. Para Capt, o “outro” pertence à teoria da linguagem, que integra a arte e a literatura, que modificam as práticas de leitura. De modo geral, o autor aponta que o “outro” é interior ao signo e ao sistema linguístico: trata-se de um “outro ele mesmo”, pois, como afirma Benveniste, “a poesia é uma língua interior à língua”. (p. 208). Nesse sentido, o “outro”, ao mostrar que a língua não é mera comunicação ou transmissão de uma intersubjetividade específica, concerne ao incomum, ao não designável *a priori* – “o outro que faz ver a solidão do signo”. (p. 209). De modo geral, Capt defende que a poética deixa ver na linguagem o inconsciente do signo: o signo não significa como representação da linguagem, mas como psique. Nesse viés, Benveniste convida a explorar o “outro” “[...] para continuar a nos conhecermos. Porque o outro (aqui do signo) sabe mais ou diferentemente de nós sobre nós mesmos” (p. 214).

3.3.4 Síntese das Perspectivas de Leitura

Retomando os percursos de leitura aqui apresentados, podemos observar diferentes percursos de pesquisa, quer seja pelo inconsciente cultural, pela translinguística, pelo incomum, pelo outro do signo ou pela antropologia artística da linguagem. Isso mostra que não há somente um percurso de leitura possível no e pelo DB: esses diferentes pontos de vista geraram diferentes pesquisas porque tomados por diferentes leitores, mas que na diferença parecem convergir para alguns aspectos porque partem do DB:

- a) o dossiê traz traços de uma pesquisa de Benveniste;
- b) a pesquisa trata do discurso “de Baudelaire” e não do discurso “em Baudelaire”;
- c) o estudo assim empreendido coloca em cena uma outra linguística;
- d) a outra linguística não tem o signo como base, mas o ícone;
- e) o ícone solicita um aparato teórico novo.

A partir dessa constatação, inicio meu percurso posicionando-me quanto à possibilidade de ler o DB a partir da ideia de *manu scriptus*: é preciso tomar o dossiê pela mão do escritor, por sua experiência de escrita. Para efetivar tal proposta, primeiramente apresento quatro movimentos enunciativos de Benveniste quando escreve suas notas, categorizados por Fenoglio (2013, 2009). Em seguida, instituo minha abordagem de leitura e de pesquisa a partir de um desses movimentos.

3.4 *MANU SCRIPTUS*: UMA ESCRITA EM PRODUÇÃO

Pensar os manuscritos em relação ao texto publicado, elucidando seu processo de gênese, é um dos objetivos de uma importante área dos estudos da linguagem, a Genética Textual. Fenoglio (2013) explica que o objeto de estudo da Genética Textual tem recebido diferentes designações na atualidade:

“manuscritos modernos” para recolocar este material na história dos documentos e de sua conservação, “*papiers*” para o conjunto de um fundo que compreenderá manuscritos de trabalho, as provas, a correspondência, as notas de todos os tipos, “rascunhos” para os manuscritos de trabalho suficientemente elaborados para poder serem usados em conjunto com um texto final³⁵. [grifo da autora] (FENOGLIO, 2013, p. 21).

Ou seja, o geneticista trabalha com o recolocar o objeto de estudo em relação ao seu ato de escrita, observando e refletindo sobre esse processo do autor, da nota ao texto final.

A partir do estudo minucioso dos manuscritos de Benveniste, Fenoglio (2009) descreve que o linguista costuma seguir uma linha de escrita até o texto final: (i) notas; (ii) um primeiro rascunho, em que as páginas são numeradas; (iii) um segundo rascunho, em que as páginas são numeradas e há notas de rodapé ao final do texto; (iv) uma versão datilografada por um amigo; (v) um conjunto de impressões, em alguns momentos; e (vi) o texto editado.

Observando essa linha de escrita de Benveniste sob a perspectiva da Genética Textual, a nota é o primeiro espaço de escrita do autor. Pode-se pensar que muito ainda poderá ser modificado e redimensionado até o texto final. Ou seja, Fenoglio (2012a) alerta que as notas não podem ser lidas com o mesmo estatuto de um artigo. Isso porque, para a Genética Textual, da nota ao rascunho há um processo de textualização: o rascunho é o caminho para o projeto de um artigo, e é este um material rico para uma pesquisa de gênese. Nesse sentido, a autora é categórica ao dizer que com o DB é impossível realizar um trabalho de gênese, pois não há um texto final; logo, não há como observar a escrita em produção do autor, comparando o percurso das notas ao artigo.

Além disso, a geneticista chama atenção para o fato de que esse material está sem texto³⁶ e, nesse sentido, questiona: seria “[...] um projeto de arte ou de ensaio?”. (FENOGLIO, 2013, p. 27). Esse questionamento advém de um manuscrito do linguista e, a partir dele, a autora entende que essas folhas poderiam não gerar um artigo. Nesse sentido, pouco interessa

³⁵ Para a Genética Textual, o texto final é o texto publicado.

³⁶ Para Fenoglio (2013), não há texto porque não é possível comparar o manuscrito com o texto final.

à Genética Textual esse material, pois não é possível com ele uma análise linguística visando ao processo de reconstituição genética.

No entanto, se, em uma pesquisa enunciativa, tomarmos o artigo como um texto acabado, pronto ou inteiro, não estamos de fato numa concepção de língua como experiência humana. Isso porque o texto publicado coloca-se como acabado somente porque esta foi sua forma de *estar* em uma publicação – quer seja em uma revista, livro, palestra ou aula – e não de *ser* língua. O texto, quer seja o publicado, quer seja o manuscrito, por *ser* escrita, traz sempre a marca do inacabado, da incompletude e da ausência. Se a escrita também é espaço para a experiência humana, ela é, pois, da ordem do indizível.

Nesse viés, se o DB é efeito da escrita, muito interessa aos estudos enunciativos, independentemente de sua relação ou não com um texto publicado. Isso porque se há escrita, há experiência humana. Não apenas a experiência humana de Benveniste, sua escrita e seu trabalho de pesquisa, mas também a experiência do pesquisador no contato com esse material, sua leitura e seu trabalho de pesquisa.

Em minha dissertação, organizei os capítulos em “movimentos”:

Este estudo está inscrito em diferentes movimentos. Os filósofos definem o movimento do mesmo modo que os físicos. Para estes, o movimento está sempre associado ao tempo e ao espaço. Não é simples sinônimo de deslocamento, é modificação: tudo que faz com que as coisas mudem, com que o mundo esteja num permanente devir. [...] Movimento diz, então, da enunciação. Diz de um “eu-tu/ele-aqui-agora” sempre único e irrepitível. Sempre em movimento(s). (VIER, 2008, p. 13).

Dito de outro modo, uma pesquisa jamais está acabada, pronta, no sentido de ser ou portar uma verdade absoluta; pelo contrário, uma pesquisa comporta a singularidade do pesquisador, num aqui-agora igualmente únicos, em que diferentes leitores, quando no contato com sua escrita e pesquisa, darão novos e outros sentidos ao ali colocado em palavra. Nesse viés, toda escrita comporta algo do inacabado e por isso de uma linguagem que serve para viver. Da mesma forma, os manuscritos de Benveniste comportam o inacabado, quer seja porque não geraram um artigo, quer seja porque são feitos de palavras. Assim, desejo ler os manuscritos em sua incompletude mesma e colocá-los em movimento pela minha pesquisa.

Pensando nas experiências que a escrita evoca, encontro nos movimentos enunciativos de Benveniste, em especial na *ruminação*, possibilidade de uma pesquisa acadêmica que vislumbre um novo horizonte científico em linguística a partir da linguagem poética.

3.4.1 Movimentos Enunciativos em Manuscritos de Benveniste

Assumindo, consoante Laplantine (2008a, 2009, 2011a), que os manuscritos comportam um estudo que objetivava a escrita de um artigo, penso ser muito produtivo observar os movimentos enunciativos levantados por Fenoglio (2009, 2013) na observação de diferentes notas de trabalho do linguista: muito mais para conhecer e problematizar os movimentos de escrita de Benveniste do que para buscar a relação desses movimentos com o texto publicado.

A partir de quatro movimentos enunciativos, Fenoglio (2009, 2013) apresenta traços de escrita e de pesquisa de Benveniste em suas notas de trabalho. Assim, as notas funcionam como lugar de:

- a) interrogação;
- b) memória;
- c) validação de uma noção;
- d) formação do pensamento teórico³⁷.

3.4.1.1 A nota como suporte da interrogação metodológica do linguista

Nesse movimento de escrita, encontram-se nas notas de trabalho questões que Benveniste se coloca ao pensar os aspectos metodológicos a serem trabalhados no artigo. Fenoglio (2009) exemplifica isso na nota presente no fôlio 501 do dossiê de *O aparelho formal da enunciação*:

A linguagem foi estudada exclusivamente fora de contexto. Mas quando se pensa na enorme profusão de enunciação em situação no emprego da linguagem. Como descrever isso? Como fazer. (FENOGLIO, 2013, p. 33).

O que vemos nessa nota é uma questão que Benveniste faz a si mesmo, como uma tomada de consciência pessoal do trabalho a cumprir, e não uma pergunta ao possível leitor do artigo (FENOGLIO, 2013).

No artigo, essa interrogação desaparece como registro. Para a linguista-geneticista, “a identidade enunciativa daquele que escreve a nota não tem o mesmo estatuto que aquela do

³⁷ A apresentação da transcrição das notas será feita somente em português. Para tal, conto com a tradução encontrada em Fenoglio (2013), realizada por Simone de Mello de Oliveira, Verli Petri e Zélia Maria Viana Paim, e com a efetuada por Leny Belon Ribeiro para as notas presentes em Fenoglio (2009). Para facilitar a leitura, opto pelo recuo do texto, mesmo que a transcrição não ultrapasse as três linhas previstas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas. Além disso, os grifos de cada nota são sempre marcas da escrita de Benveniste.

linguista que assumirá o risco de explicitar o desafio escrevendo o artigo” (FENOGLIO, 2013, p. 34), ou seja, essa interrogação metodológica aparece como um traço do Benveniste estudioso da linguagem, que se pergunta como descrever a enunciação em situação de emprego, mas que desaparece no momento em que o texto será publicado.

3.4.1.2 A nota como suporte de memória

Especialmente nos manuscritos de *Semiologia da língua*, as notas de trabalho trazem traços de anotações pessoais sobre o processo de escrita, ou seja, traça-se um plano que será mantido no rascunho e no artigo final. Na nota presente no fôlio 90 do dossiê *Semiologia da língua*, por necessidade de remeter a uma citação como referência e explicação, e talvez por economia do artigo, Benveniste escreve que a melhor definição era de “Mallarmé, p. 310”, “p. 852, *Ciência da Linguagem*”. (FENOGLIO, 2009, p. 28).

3.4.1.3 A nota como lugar de validação de uma noção

Há notas de trabalho que trazem traços de validação de noções trabalhadas por Benveniste. Nesse lugar, observam-se três processos:

- a) explicitação antes da apropriação de uma referência;
- b) explicitação de uma noção em criação;
- c) suporte de reflexão à qual se renuncia.

Importante destacar que esses três processos estarão presentes nas notas, mas não aparecerão no artigo. A transcrição que segue, do fôlio 506 do dossiê *O aparelho formal da enunciação*, exemplifica a explicitação antes da apropriação de uma referência:

O fático é preciso ser incluído no pragmático. _____ É a utilização da linguagem em vista de estabelecer um contato < humano > fora da relação de conhecimento normal. Embaraço do qual se procura sair por uma atitude de exploração benevolente. (FENOGLIO, 2013, p. 36).

Conforme a autora, esta nota não será recuperada nem no rascunho nem no artigo. Isso porque Benveniste retoma por si mesmo a noção de Malinowski, colocando-a com suas palavras. No artigo, o que temos de Malinowski é uma grande citação que ilustra a análise efetuada pelo autor, mas não uma citação que defina comunhão fática. Essa referência teórica impõe-se, então, nas notas, que funcionam, nesse caso, como um espaço para a descoberta e para a apropriação de uma definição.

Para exemplificar a explicitação de uma noção em criação, a linguista-geneticista apresenta a nota presente nos fólhos 485 e 486 do dossiê *O aparelho formal da enunciação*:

Enunciação (aparelho formal) É preciso distinguir bem o que é necessário do que não o é. O que é necessário, são os instrumentos da apropriação: pronomes pessoais, índice, tempos do verbo. O que não é necessário, são os empregos <elementos> que se poderiam encontrar semelhantes nas estruturas não enunciativas. Ao menos isto é uma primeira aproximação. Na realidade se há níveis ou distinções a observar, são os níveis na percepção que temos do aparelho necessário à enunciação.

Na realidade é uma mudança, não, não uma mudança na matéria mesmo da língua. Uma mudança <mais sutil, mais profunda> do fato ~~que ela~~ é posta em movimento, que alguém se apropria e que ela a persegue, a coloca em ação, que esse aparelho que jazia, potencial, mas inerte, consistindo em signos de um lado (signos lexicais e outros), em modelos flexionais e sintáticos do outro <se anima de repente tornando-se de repente atual> toma de repente existência <se forma em discurso restituindo em torno dele um movimento vivo>; ~~de língua~~. Alguma coisa nasce no mundo então. Um homem se expressa (lat. exprimere “fazer sair pressionando, fazer fluir ao exterior”), ele faz fluir a língua na enunciação. (FENOGLIO, 2013, p. 38).

A linguista-geneticista chama atenção para a repetição da palavra “de repente” nesses dois fólhos: “se anima de repente”, “tornando-se de repente atual”, “toma de repente existência”. Esclarece Fenoglio (2009) que a nota parece ocupar o lugar de domesticar a ideia nova que está se formando: desenrolam-se as palavras para compreender as sustentações e os resultados. Ou seja, “Alguma coisa nasce no mundo então. Um homem se expressa, ele faz fluir a língua na enunciação”. Nesse sentido, o “vivo” do homem é a língua na enunciação (FENOGLIO, 2009).

E, por último, a nota como suporte de reflexão à qual se renuncia: são palavras sublinhadas por Benveniste que depois não são encontradas no artigo:

O papel da linguagem em psicanálise

A psicanálise aspira a se dar um estatuto científico. De terapêutica que ela é, ela quer se tornar uma disciplina do espírito.

~~A isso~~ Como pode ela tornar-se isso? A ~~posição~~ situação natural da explicação em psic.

Noção de causa substituída por

aquela de motivação. Desenvolver

A consequência é que a psica. ~~se de~~ cabe inteira numa verbalização.

Mas então intervém alguma coisa muito particular. Não é a linguagem, mas através e quase ~~apesar~~ da linguagem que o psicanalista deve retomar a trama da motivação que se emprega lentamente a reconstituir.

A linguagem é aqui não aquela dos linguistas mas aquela da interação subjetiva meio de se exprimir e de sentir e de influenciar o outro, uma

irradiação apaixonada e ~~mentirosa~~ uma fascinação intensa onde o ser se desnuda tanto quanto se manifesta.

O erro de Freud é de procurar na história das línguas – coletiva, norma social – o reflexo dessas tentações individuais. Exemplo desses erros, que denuncia a linguagem estudada pelos linguistas. (FENOGLIO, 2013, p. 39-40).

Há, conforme vemos no excerto acima, em relação ao artigo publicado, *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana* (1956), uma mudança considerável apontada por Fenoglio (2013, p. 39-40):

[...] Benveniste passou do que pode aparecer como um contrassenso da teoria freudiana a uma compreensão fina do papel da linguagem na teoria psicanalítica. [...] Nestas notas, uma fronteira estanque e opositiva está instituída entre a psicanálise e a linguística; no texto do artigo, a fronteira entre as duas disciplinas é, certamente, mantida, mas sem oposição, logicamente. Todo o “erro”, se posso exprimir-me assim, de Benveniste, inscrito nesta nota, se encontra concentrado na expressão “apesar da linguagem”, que não será mais conservada no artigo.

Por isso, a linguista-geneticista a considera como uma reflexão à qual ele renuncia, pois não encontramos esse traço no artigo publicado pelo autor.

3.4.1.4 A nota como lugar de formação do pensamento teórico

Nesse movimento enunciativo, constatam-se notas que deixam ver marcas da formação do pensamento teórico de Benveniste sob três perspectivas:

- a) pesquisas para formulação teórica;
- b) hesitações conceituais como espaço para um pensamento teórico que está dando seus primeiros passos;
- c) rumações enunciativas.

Como uma forma de ilustrar o movimento de proceder a pesquisas para formulação teórica, Fenoglio (2009) traz a nota presente nos fólhos 491, 492 e 493 e parte do rascunho do artigo *O aparelho formal da enunciação*, conforme podemos observar nas transcrições que seguem:

Essa descrição um pouco abstrata é se relaciona³⁸ a um fenômeno muito concreto; é a enunciação da “pessoa” (a relação eu - tu) que não se define senão por relação com a enunciação: o membro eu dessa relação é o indivíduo que profere a presente instância de discurso, e o membro tu é aquele que está ali presente como alocutário.

³⁸ N.T. Assim no original.

De mesma natureza individual e referindo-se à mesma instância³⁹ enunciação individual são os índices de ostensão isto, este, aquele, etc. ~~visando que cada vez a~~ designação acompanhando a enunciação que θ contém o indivíduo linguístico isto. Na classe dos “pronomes” pessoais e demonstrativos nós reconhecemos agora uma classe de indivíduos <de formas que não podem remeter senão aos indiv> linguísticos (opostas designações linguísticas que são <remetem> ~~de natureza conceitual~~ aos conceitos). (FENOGLIO, 2009, p. 39-40).

compartindo a natureza individual, “semel-native”, pode-se dizer, da enunciação à qual eles devem seu aparecimento.

Uma terceira série de termos que se referem à enunciação é todo o dispositivo – que pode ser muito vasto e complexo – das formas relativas à localização espaço-temporal, todos os termos de posição, determinados por sua relação com o EGO do enunciador, e todos os tempos do verbo, cujo eixo ~~passa~~ <forma axial, o presente, coincide> sempre ~~por~~ <com> a instância do discurso. Assim, a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos cuja existência ela literalmente promove, pois eles não poderiam

Considerando que o “eu” o “~~agora~~” <aquele>, e/o “~~future~~” <amanhã> da gramática não passam dos nomes de eu, de aquele, de amanhã na <proferidos> enunciação. <Nós apresentamos essa visão sintética organizada da estrutura da enunciação sobre os fatos dos quais tratamos e detalhes de nossa obra Problemas de Ling. Geral 1966> É necessário também distinguir as (FENOGLIO, 2009, p. 41).

entidades linguísticas que têm na língua seu pleno estatuto, e aquelas que emanam da enunciação, ~~não se exp que têm lugar~~ <que só existem> na rede de “seres” “de indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui - agora” do locutor. (FENOGLIO, 2009, p. 41).

Para pensar essa nota, composta pelas três transcrições acima apresentadas, Fenoglio (2009, 2013) coloca-a em diálogo com o rascunho:

Essa descrição um pouco abstrata se aplica a um fenômeno linguístico familiar ~~ao menos~~ no uso, mas cuja análise teórica está recém começando. É primeiro a emergência dos índices de pessoa (a relação eu-tu) que só se produz na e pela enunciação: o ~~membre~~<termo> eu denotando o indivíduo que profere a enunciação, o termo tu, o indivíduo que está presente (FENOGLIO, 2009, p. 42).

como ouvinte.

De mesma natureza e relacionando-se com a mesma <estrutura de> enunciação são os índices numerosos de ostensão (tipo este, aqui, etc.), termos que implicam um gesto designando o objeto ao mesmo tempo em que é pronunciada a instância do termo.

A classe As formas ~~denom~~ chamadas tradicionalmente “pronomes pessoais demonstrativos” formam parecem-nos agora como uma classe de “indivíduos linguísticos”, de formas que remetem sempre e somente aos

³⁹ N.T. Assim no original.

“indivíduos”, sejam eles pessoas, momentos, lugares, por oposição aos termos nominais que remetem sempre e somente aos conceitos. Ou o estatuto desses “indivíduos linguísticos” está no fato de que eles nascem de uma enunciação, <que são produzidos por esse> evento individual e, se se pode dizer, “semel-natif”. São engendrados novamente cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez designam algo novo. (FENOGLIO, 2009, p. 42).

Fenoglio (2009) esclarece que o rascunho descreve uma escrita mais concisa, em que a noção de “indivíduo linguístico” passa naturalmente. Nas notas, a escrita é mais experimental e exposta à ruminação. Benveniste parece reformular sua enunciação, domesticando aquilo que está tentando descobrir, ou seja, formular teoricamente com maior clareza aos leitores.

Outra forma de observar a formação do pensamento teórico é a hesitação conceitual. Como exemplo, Fenoglio (2009) destaca a substituição de “parole” (fala) por “discours” (discurso), conforme podemos ver na transcrição da nota presente no fólio 456 do dossiê *Aparelho formal da enunciação*:

~~Aqui aparece o~~ <O mecanismo desta produção> é um <outro> aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em ~~fala~~ <discurso>. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é de ver como o “sentido” se forma em “palavras,” e em qual medida podemos distinguir entre as duas noções e em quais termos sua interação. É a semantização da língua que está no centro ~~desta~~ deste aspecto da enunciação, e ela conduz. (FENOGLIO, 2013, p. 42).

Essa hesitação, conforme Fenoglio (2009), aparece tanto na nota quanto no rascunho de *O aparelho formal da enunciação*, sendo que no artigo temos “A enunciação supõe a conversão individual da língua *em discurso*”. [grifos meus] (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83). Ou seja, mantém-se no artigo publicado aquilo que foi sobreposto.

A terceira forma de observar a formação do pensamento teórico do linguista é a ruminação. Para ilustrar e explicar o processo de ruminar em Benveniste, Fenoglio (2009) apresenta a transcrição diplomática realizada por Arlette Attali de 6 notas de trabalho e de 1 folha do rascunho para a escrita de *A linguagem e a experiência humana* (1965), conforme podemos observar nas transcrições que seguem. Essas notas e o rascunho pertencem ao *Fonds Benveniste* da BNF, sendo que as notas se encontram no envelope 139, entre os fólios 496 e 535, e o rascunho no envelope 179, entre os fólios 47 e 95.

Seguem, primeiramente, as notas:

possuem todas certas categorias fundamentais
 e que elas
 As línguas reproduzem em algumas delas
 categorias um mesmo modelo e que elas
 constante
~~Não~~ se trata sempre de categorias visíveis
 aqui menos de categorias formais,
 sujeitas a descrição, que de categorias implícitas
 elementares que se observam menos no
 texto registrado que é o objeto
 da descrição que no funcionamento
 da atividade da língua. Para os (FENOGLIO, 2009, p. 33).

Através... as línguas possuem
 todas certas categorias e as exprimem
 explícita ou não
 segundo um modelo constante. Trata-se
 de categorias que são umas explícitas e
 caracterizadas formalmente, e de outras
 as outras implícitas. Elas têm esse
 esse [sic] caráter comum de parecer
 naturais e responder a uma
 necessidade evidente e não têm
 não retêm a atenção
 necessidade de outra justificação, aquelas
 dos linguistas descritores. Na verdade
 elas são menos marcantes para as a
 a preocupação da descrição sendo¹

(que devem revelar [sic] os
 fatos de linguagem

As línguas têm em comum certos
 Conteúdos
 particularidades formuladas que aparecem
 menos na estrutura que
 a registra e a analisa o linguista
 descritor que age aqui na
 qualidade de receptor, que na
 atividade de produção de / e
 linguagem / ua própria ao locutor
 emissor de Para sua
~~Nós achamos~~
 constância mesma, estes [falta uma palavra] devem
 revelar [sic] na linguagem a experiência
 humana.

De uma parte a existência de certas
 categorias formais, de outra
 seu funcionamento.
 (FENOGLIO, 2009, p. 34).

A linguagem e a experiência humana

A maneira habitual ^{com que o linguista} abordar os fatos linguísticos e observar ^{um objeto} para estudá-lo e tomá-los como dados naturais. ~~Focaliza-~~ estuda-se a língua ^{também entendido como possível/} os elementos de uma descrição ^{em/ no texto/} ~~é do texto se retira, à medida que o texto se amplia,~~ um todas as unidades em todos os níveis e as regras ou particularidades que governam sua organização. ^{se constrói} ~~É a / Também~~ ^{que se constrói} pouco a pouco uma descrição, e é uma tarefa também agora que ela jamais foi. Não teremos necessária ~~que rigorosa.~~ suficiente jamais descrições suficientes e ~~não~~ jamais traremos rigor demais ao ~~tr~~ descrever as línguas Mas não é o único ponto de vista possível.

Há outro que não toma a língua em oral sua realidade de texto (escrito ou ~~percebido~~, não importa), mas em seu funcionamento de atividade; não ~~como~~ como ela é uma língua particular, ~~distinta~~ distinta ferente de qualquer outra, mas como ela uma versão distintiva reproduz ~~um certo a sua maneira /~~ os dados ~~genéricos/constant~~ Em geral e as exigências ^{da linguagem.} ~~Acontece que o as negligencia~~ o linguista ^{por hábito de profissão ou por} as trata como subentendidas e julga (FENOGLIO, 2009, p. 35).

A linguagem e a experiência humana

À medida que se entende nosso conhecimento das línguas em uso nas diferentes regiões do mundo e daquelas que foram faladas um dia, também à medida que as descrições das línguas se fazem mais precisas e rigorosas, observamos ^{que/} nós ~~somos levados a constatar~~ ^{através} certas todas as diferenças de estrutura, ~~As línguas~~ ^{As línguas} ~~*apresentam uma cer*~~ todas as línguas categorias reproduzem em ~~algumas de suas categorias~~ um ~~mesmo~~ modelo ^{*e*} constante. São as categorias elementares. (FENOGLIO, 2009, p. 35).

Meu artigo

experiência significativa
 correspondendo aparentemente
 a uma necessidade
 ou função natural
 e independente de
 toda determinação
 cultural. Definido
 pelo confronto da
 realidade pelo
 sujeito, sua inserção
 no real (FENOGLIO, 2009, p. 36).

Em seguida, a linguista-geneticista apresenta parte do rascunho dessas notas:

A linguagem e a experiência humana

Todas as línguas têm em comum certas
 categorias de expressão que parecem responder a
 um modelo constante. As formas que assumem essas
 são registradas e inventariadas /
 categorias ~~aparecem~~ em todas as descrições,
 mas suas função /ões [sic] não aparecem claramente
 senão / exercício da linguagem
 eventual no atividade locutora dos
 suj e na produção do discurso.
 São as categorias elementares, que ~~devem~~
 são independentes de toda determinação
 cultural e onde vemos a experiência
 subjetiva dos sujeitos que se posicionam e se
 situam na e pela linguagem. Nós tentamos
 aqui esclarecer duas categorias fundamentais do
 discurso, de qualquer maneira conjuntas necessariamente,
 a da pessoa e a do tempo. (FENOGLIO, 2009, p. 36).

Após apresentar as notas e o rascunho, Fenoglio (2009, p. 36-37) mostra o primeiro parágrafo do artigo publicado em PLG II:

Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. As formas que revestem estas categorias são registradas e inventariadas [sic] nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso. São categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem. Tentaremos aqui esclarecer duas categorias fundamentais do discurso, aliás necessariamente ligadas, a de pessoa e a de tempo (BENVENISTE, 1965/1995, p. 68).

“Ruminar” significa pensar com insistência, refletindo longamente sobre os mesmos tópicos (AULETE DIGITAL, 2015). Ou seja, a ruminação diz de uma escrita que deixa ver que Benveniste fazia várias versões do mesmo conteúdo, conforme vemos nos excertos acima, voltando aos mesmos termos. Nesse ato, há espaço para a escrita espontânea, ou seja, para o pensamento teórico em construção, em uma escrita que hesita, repete e pensa – hesitação para encontrar a formulação mais adequada; repetição para encontrar as palavras mais pertinentes (FENOGLIO, 2009).

Em seu artigo, Fenoglio (2009) coloca a ruminação a partir da apresentação das notas, do rascunho e do artigo, mas não esclarece a partir da escrita do linguista esse movimento enunciativo. Posteriormente, após a leitura do DB, Fenoglio (2012a) defende que o linguista rumina nessas notas, mas, mais uma vez, a linguista-geneticista não demonstra ao leitor como esse movimento ocorre na escrita de Benveniste, a exemplo do que ela constrói a partir dos outros movimentos aqui apresentados.

Como desenvolvo minha tese a partir da *ruminação* presente na escrita de Benveniste, interessa-me refletir atentamente sobre esse movimento. Início colocando, lado a lado, quatro das versões em português das notas aqui em questão. Para tal apresentação, opto pela transcrição linear.

Quadro 5 – Ruminação em manuscritos de A linguagem e a experiência humana

Nota 1	Notas 2 e 3	Nota 4	Nota 5
<p>As línguas <possuem todas certas categorias fundamentais e que> reproduzem em algumas delas categorias um mesmo modelo e que elas <constante>. Não se trata sempre de categorias visíveis <aqui menos de categorias formais>, à sujeitas à descrição, que de categorias implícitas elementares que se observam menos no texto registrado que é objeto da descrição que no funcionamento da atividade da língua. Para os.</p>	<p>Anverso: Através... as línguas possuem algumas categorias <explícitas ou não> e as exprimem segundo um modelo constante. Tratam-se de categorias que são umas explícitas e categorizadas formalmente, e de outras as outras implícitas. Elas têm esse esse [sic] caráter comum de parecer naturais e responder a uma necessidade evidente e falta não retêm a atenção necessidade de outra justificação, aqueles dos linguistas descritores. Na verdade elas são menos marcantes para a preocupação da descrição sendo¹</p> <p>Verso: As línguas têm em comum certos conteúdos <que devem revelar [sic] os fatos de <u>linguagem</u>> particularidades formuladas que aparecem menos na estrutura que a registra e a analisa o linguista descritor que age aqui na qualidade de receptor, do que na atividade de produção e e <u>linguagem</u> ua própria do locutor <emissor de> Para sua Nós achamos constância mesma, estes [falta uma palavra] devem revelar [sic] na linguagem a experiência humana. De uma parte a existência de certas categorias formais, de outra seu funcionamento.</p>	<p><u>A linguagem e a experiência humana</u></p> <p>À medida que se entende nosso conhecimento das línguas em uso nas diferentes regiões do mundo e daquelas que foram faladas um dia, também à medida também que as descrições das línguas se fazem mais precisas e rigorosas, nós somos levados a constatar <observamos> <que> através todas as diferenças de estrutura, As línguas apresentam uma cer Todas as línguas reproduzem <certas categorias> em algumas de suas categorias um mesmo modelo e constante. São categorias elementares.</p>	<p>Linguagem e experiência humana</p> <p>A maneira habitual <com que o linguista> aborda os fatos linguísticos Isto pode parecer uma única abordagem possível, porque se deve constatar <e observar um objeto> para estudá-lo é tomá-los como dados naturais. Focaliza-se <Estuda-se a língua> e no texto e do texto se retira <os elementos de uma descrição> à medida que o texto se amplia, todas as unidades <também entendido como possível> em todos os níveis e as regras ou particularidades que governam sua organização. É a Também que se constrói <se constrói> pouco a pouco uma descrição, e é uma tarefa também necessária que rigorosa <agora que ela jamais foi. Não teremos> jamais descrições suficientes e <suficiente> jamais traremos rigor demais ao tr descrever as línguas Mas não é o único ponto de vista possível. Há que não toma a língua em sua realidade de texto (escrito ou perebido <oral>, não importa) mas em seu funcionamento de atividade; não como como ela é uma língua particular, distinta ferente de toda outra, mas como ela reproduz um eerto <uma versão distinta> sua maneira e as exigências <genéricas/ constantes> da linguagem. Acontece que <os dados> <Em geral> o linguista - <as negligencia> por hábito de profissão ou por as trata como subentendidas e julga</p>

Fonte: elaborado pela autora

Não sabemos a ordem exata das notas, mas, para o que pretendo desenvolver aqui, isso não importa, pois me interessa compreender em que Benveniste estava colocando sua atenção, submetendo várias vezes à análise, ou seja, a pergunta que norteia meu olhar é “sobre quais pontos o linguista ruma?”. Isso porque para pensar sobre o(s) tópico(s) a que Benveniste torna e retorna sua atenção é preciso problematizá-lo(s).

Nesse sentido, acredito que podemos apontar, pelo menos, as três questões que seguem para a ruminação aqui apresentada:

- a) Como abordar as categorias que todas as línguas apresentam?
- b) Como falar desse modelo que as línguas reproduzem?
- c) Como dizer que esse modelo é constante, mas não natural?

Nas notas presentes no quadro 5, podemos observar que Benveniste **risca** alguns vocábulos e **acrescenta** outros quando trata desse tema, conforme destacado no quadro a seguir.

Quadro 6 – Marcas da ruminação destacada

Nota 1	Notas 2 e 3	Nota 4	Nota 5
<p>As línguas <possuem todas certas categorias fundamentais e que> reproduzem em algumas delas categorias um mesmo modelo e que elas <constante>. Não se trata sempre de categorias visíveis <aqui menos de categorias formais>, sujeitas à descrição, que de categorias implícitas elementares que se observam menos no texto registrado que é objeto da descrição que no funcionamento da atividade da língua. Para os.</p>	<p>Anverso: Através... as línguas possuem algumas categorias <explícitas ou não> e as exprimem segundo um modelo constante. Fratam-se de categorias que são umas explícitas e categorizadas formalmente, e de outras as outras implícitas. Elas têm esse esse [sic] caráter comum de parecer naturais e responder a uma necessidade evidente e falta não retêm a atenção necessidade de outra justificação, aqueles dos linguistas descritores. Na verdade elas são menos marcantes para a preocupação da descrição sendo¹</p> <p>Verso: As línguas têm em comum certos conteúdos <que devem revelar [sic] os fatos de linguagem> particularidades formuladas que aparecem menos na estrutura que a registra e a analisa o linguista descritor que age aqui na qualidade de receptor, do que na atividade de produção e linguagem própria do locutor <emissor de> Para sua Nós achamos constância mesma, estes [falta uma palavra] devem revelar [sic] na linguagem a experiência humana. De uma parte a existência de certas categorias formais, de outra seu funcionamento.</p>	<p>A linguagem e a experiência humana</p> <p>À medida que se entende nosso conhecimento das línguas em uso nas diferentes regiões do mundo e daquelas que foram faladas um dia, também à medida também que as descrições das línguas se fazem mais precisas e rigorosas, nós somos levados a constatar <observamos> <que> através todas as diferenças de estrutura, As línguas apresentam uma certa Todas as línguas reproduzem <certas categorias> em algumas de suas categorias um mesmo modelo e constante. São categorias elementares.</p>	<p>Linguagem e experiência humana</p> <p>A maneira habitual <com que o linguista> abordar os fatos linguísticos Isto pode parecer uma única abordagem possível, porque se deve constatar <e observar um objeto> para estudá-lo é tomá-los como dados naturais. Focaliza-se <Estuda-se a língua> e no texto e do texto se retira <os elementos de uma descrição> à medida que o texto se amplia; todas as unidades <também entendido como possível> em todos os níveis e as regras ou particularidades que governam sua organização. É a Também que se constrói <se constrói> pouco a pouco uma descrição, e é uma tarefa também necessária que rigorosa <agora que ela jamais foi. Não teremos> jamais descrições suficientes e <suficiente> jamais traremos rigor demais ao # descrever as línguas Mas não é o único ponto de vista possível. Há que não toma a língua em sua realidade de texto (escrito ou percebido <oral>, não importa) mas em seu funcionamento de atividade; não como ela é uma língua particular, distinta de toda outra, mas como ela reproduz um certo <uma versão distinta> sua maneira e as exigências <genéricas/ constantes> da linguagem. Acontece que <os dados> <Em geral> o linguista - <as negligencia> por hábito de profissão ou por as trata como subentendidas e julga</p>

Fonte: elaborado pela autora

Conforme podemos ver pelos grifos presentes no quadro 6, Benveniste escreve sobre esse tema em relação ao trabalho de outros linguistas, que analisam os dados naturais da língua, aos quais ele se opõe. Assim, parece-me que ele deseja falar dessa constância como da vivência humana e não como algo natural do homem. No fôlio 501, Benveniste escreve qual o sentido de “experiência” neste estudo: aparentemente ela pode corresponder a uma função ou necessidade natural, descolada da cultura. *Aparentemente*, grifo aqui, porque não é assim.

Olhando novamente para o rascunho, vemos que este não se dá sem uma nova parada nessa questão:

A linguagem e a experiência humana

Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem responder a um modelo constante. As formas que assumem essas **são registradas e inventariadas** categorias ~~aparecem~~ em ~~todas~~ as descrições, mas suas ~~funções~~ /ões [*sic*] não aparecem claramente **senão** / **exercício da linguagem** ~~eventual~~ ~~no~~ ~~atividade~~ ~~locutora~~ ~~dos~~ ~~sujeitos~~ e na produção do discurso. São as categorias elementares, que ~~devem~~ são independentes de toda determinação cultural e onde vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se posicionam e se situam na e pela linguagem. Nós tentamos aqui esclarecer duas categorias fundamentais do discurso, de qualquer maneira conjuntas necessariamente, a da pessoa e a do tempo. (FENOGLIO, 2009, p. 36).

De acordo com o que há nesse excerto, no rascunho há também marcas dessa ruminação: é justamente quando aborda as categorias relacionadas à experiência humana que Benveniste risca algumas palavras. E, no texto publicado, o linguista não aborda a função ou necessidade natural, apenas a cultural. Essa questão estava presente enquanto ruminava sobre as categorias, mas não aparece no primeiro parágrafo do artigo, somente no segundo: “Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele*. Este comportamento será julgado ‘instintivo’; para nós, ele parece refletir na realidade uma estrutura de oposições linguísticas inerentes ao discurso” [grifos do autor] (BENVENISTE, 1965/1995, p. 68).

Com as observações precedentes, quis mostrar que a ruminação é um importante movimento na formação do pensamento teórico, pois ela carrega traços que estarão

teoricamente presentes no artigo. Benveniste parece permanecer por um grande tempo no mesmo problema, nos mesmos elementos conceituais, nos mesmos termos, buscando a palavra mais adequada para explicitá-lo: talvez tendo em vista o interlocutor de seus textos, talvez pensando no desafio a que se propunha ao problematizar a linguística.

Essa insistência enunciativa, que vemos na ruminação, é raramente um *pisoteio*, para usar as palavras de Fenoglio (2013). Antes disso, é um “[...] avanço de reformulações, de re- enunciações de fórmulas, de hesitações repetidas” (FENOGLIO, 2013, p. 43), que contribuem de fato para todo avanço conceitual presente em seus artigos.

Dito de outra forma, no espaço-tempo das notas, Benveniste pensa; no espaço-tempo do rascunho, ele escreve para a leitura dos outros (FENOGLIO, 2013). Há aqui algo que interessa de forma especial: se, nas notas, Benveniste inscreve seu pensamento, há material muito interessante nesses fólhos para ser pesquisado. A ruminação encontrada nos manuscritos de Benveniste pode ser tomada como uma hesitação e uma volta ao dizer necessárias à construção teórica empreendida pelo autor, tendo em vista o lugar singular em que a teoria da enunciação se coloca(va). As partes repetidas, riscadas ou inseridas, marcas dessa ruminação, talvez não apareçam no artigo⁴⁰, mas se mostram essenciais para a formulação teórica empreendida pelo linguista.

3.5 A RUMINAÇÃO E O DEVIR DA LÍNGUA

Já bem dizia Benveniste que “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua”. (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83-84). Ou seja, o DB reitera a ideia de que a escrita ali presente coloca-se como um espaço para a inscrição do pensamento, que, no momento em que é colocado no papel, tem um lugar. Pela ruminação, a formulação teórica empreendida por Benveniste tem um lugar na escrita: as ideias encontram um lugar porque escritas, não porque cumprem a linearidade de um texto, se é que podemos encontrar essa linearidade em Benveniste.

Flores (2012) chama atenção para o fato de que não é fácil ler Benveniste. “Para lê-lo, não basta abrir os *Problemas* e dar início a uma leitura linear. É preciso, antes, assumir um ponto de vista epistemológico”. [grifo do autor] (p. 151). Ler Benveniste, esclarece o autor, é estar constantemente atento à rede de termos, definições e noções interligados entre si de diferentes maneiras: é muito difícil estudar um elemento isolado de outro em Benveniste. Nesse sentido, a obra do linguista é “refratária a leituras lineares” (FLORES, 2012, p. 152).

⁴⁰ Fenoglio (2009) coloca que os traços da ruminação não aparecem no artigo, mas o efeito desse ato sim.

Da mesma forma, defendo que trabalhar com o DB é estabelecer uma rede de termos, definições, noções e inquietações que estejam interligados entre si de diferentes maneiras a partir da ideia de *ruminação*. Explico-me.

Fenoglio (2013) adverte que os traços de Benveniste no DB testemunham uma ideia que começa a tomar lugar e não uma ideia que tem lugar. Nesse sentido,

Observando os manuscritos nós temos acesso tão somente aos sinais deixados sobre o suporte. Podemos inferir sobre isso alguns fenômenos, mas não conhecemos tudo sobre a escritura em ato, nem daquele que está escrevendo. Os sinais não são senão **testemunhos** [grifo meu] (FENOGLIO, 2013, p. 26).

Senão testemunhos coloca a autora, mais uma vez, marcando que não há proveito científico do material que ali encontramos. Em enunciação, pelo contrário, *porque testemunho* marca um lugar de enunciação e, por consequência, de língua e de experiência humana.

Benveniste, no estudo dos pronomes, afirma que ao dizer “eu”, e colocar a língua em funcionamento, ocupo um lugar no discurso, mas um lugar que não é o biológico, ou o de carne e osso – para usar palavras de Agamben (2008). Da língua ao discurso, há algo da ordem do repetível – colocar-me como “eu” no discurso – e do irrepitível – um “eu” que não é substancial. Dito de outro modo, em língua há sempre algo que é do plano do possível – a língua – e do impossível – o dizer: “O sujeito da enunciação é feito integralmente do discurso e por meio do discurso, mas, exatamente por isso, no discurso, não pode dizer nada, não pode falar”, esclarece Agamben (2008, p. 121). Quem fala não é o indivíduo, mas a língua.

Nesse viés, retomando os estudos de Benveniste, Agamben (2008, p. 140) explica que “eu” não é nem uma noção, nem uma substância: “[...] no discurso, a enunciação colhe não o que se diz, mas o puro fato de que se está dizendo isso, o acontecimento – evanescente, por definição – da linguagem como tal”. Não é à toa, então, que Agamben, ao falar do *testemunho*, narra o mal-estar que acometeu Benveniste em Paris no ano de 1969: seu texto *Semiologia da língua* não traz respostas àqueles que pesquisam a linguagem via Benveniste, mas abre um lugar deveras importante a quem se debruça a pensar a experiência humana via linguagem. Da mesma forma, há algo no DB que o texto ali presente não acessa e que não cabe ao leitor procurar, pois isso é da impossibilidade mesma de dizer. O que interessa nesse material é o fato de essa pesquisa ter lugar:

Tomar realmente a sério o enunciado *eu falo* significa deixar de pensar a linguagem como comunicação de um sentido ou de uma verdade por parte

do sujeito que é seu titular e seu responsável; significa, assim, passar a considerar o discurso no seu puro fato de ter lugar [...]. [grifos do autor] (AGAMBEN, 2008, p. 142).

Assim, as folhas do DB guardam um material precioso a ser estudado, pois evidenciam um lugar de pesquisa de Benveniste. E como reconhecer o DB como “testemunho”? Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste (1968/1989, p. 100) nos dá uma pista:

Os **testemunhos** que a língua dá deste ponto de vista [o da faculdade semântica] só adquirem valor se eles forem ligados entre eles e coordenados à sua referência. [...] A diversidade das referências que se pode dar a um e a outro destes dois termos [língua e sociedade] é o **testemunho** e a condição de emprego que devemos fazer das formas [grifos meus].

Penso que é preciso, pois, problematizar a ruminação presente no DB não como “o que o autor quis dizer com isso”, mas antes “como essa ruminação, ao ter lugar na pesquisa benvenistiana, problematiza a linguagem?”.

E é possível tomar a escrita presente no DB como problematização e não como fonte de pesquisa?

Em 1963, em *Saussure após meio século*, ao se referir à pesquisa do mestre genebrino, Benveniste coloca que “Nunca foi mais verdadeira a palavra de Nietzsche de que os grandes acontecimentos chegam sobre patas de pombos” (1963/1995, p. 49). Retoma o linguista sírio o final da segunda parte de *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Nietzsche (1981) narra a história do profeta Zaratustra, que, após dez anos meditando em uma caverna, decide descer à planície. Em um dos diálogos estabelecidos pelo profeta, denominado de “A hora mais silenciosa”, Zaratustra ouve ponderações de amigos sábios acerca de sua ineficácia em remover montanhas. Diz o profeta: “Minha palavra ainda não removeu nenhuma montanha e o que falei não alcançou os homens” (p. 157). E queixa-se: “para ordenar, falta-me a voz do leão” (p. 158). Ao que os sábios respondem: “São as palavras mais silenciosas as que trazem a tempestade. Pensamentos que chegam com pés de pomba dirigem o mundo” (p. 158).

Relacionando ao que aqui desenvolvo, não é porque não há um texto legível que o DB deixe de trazer precioso material sobre a teoria enunciativa de Benveniste: ao chegar em pés de pomba, em palavras silenciosas, a pesquisa ali presente pode trazer tempestade ao re-dirigir

nosso olhar para a linguagem poética via linguística. Mas é preciso tomar esse material em sua ruminação e em seu silêncio mesmo de texto.

Em três prefácios de seus livros, Nietzsche chama atenção ao fato de que é preciso retomar uma propriedade bovina que muito interessa ao trabalho de pesquisa: a faculdade de *ruminar*. E essa faculdade apontada pelo filósofo aparece sempre nos prefácios, como a solicitar ao leitor que o estudo de seus textos seja feito a partir da ruminação e não a partir da deglutição.

Em *Genealogia da moral*, escreve o filósofo que

É certo que, a praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam “legíveis” –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um “homem moderno”: o *ruminar*... [grifos do autor] (NIETZSCHE, 2009, p. 14).

No segundo prefácio de *Escritos sobre Educação*, Nietzsche (2004, p. 46-47) pontua:

O leitor de quem espero algo deve [...] ser calmo e ler sem pressa [...], não deve esperar por encerrar um quadro de resultados. [...] O livro está destinado aos homens que ainda não caíram na pressa vertiginosa de nossa época rodopiante e que não sentem um prazer idólatra em ser esmagados por suas rodas – portanto, há bem poucos homens! [...] Tal homem ainda não desaprendeu a pensar enquanto lê, compreende ainda o segredo de ler entrelinhas; ele tem inclusive o caráter tão pródigo, que ainda medita sobre o que leu, mesmo talvez durante muito tempo depois de ter fechado o livro. [...] Se, ao contrário, o leitor, violentamente excitado, se precipita imediatamente na ação, se ele quer colher no chão os frutos que gerações inteiras podiam somente obter, é preciso então temer que ele não tenha compreendido o autor.

E no prefácio de *Aurora* lemos:

Um tal livro e um tal problema não têm pressa; e, além disso, somos amigos do lento, eu bem como meu livro. Não foi em vão que fui filólogo, e talvez ainda o seja. Filólogo quer dizer professor de leitura lenta: acaba-se por escrever também lentamente. Agora isso não só faz parte de meus hábitos, mas até meu gosto se adaptou a isso — um gosto maldoso talvez? — Não escrever nada que não deixe desesperada a espécie dos homens “apressados”. De fato, a filologia é essa arte venerável que exige de seus admiradores antes de tudo uma coisa: manter-se afastado, tomar tempo, tornar-se silencioso, tornar-se lento — uma arte de ourivesaria e um domínio de ourives aplicado à palavra, uma arte que requer um trabalho sutil e delicado e que nada realiza se não for aplicado com lentidão. Mas é precisamente por isso que hoje é mais necessário que nunca, justamente por isso que encanta e seduz, muito mais numa época de “trabalho”: quero dizer,

de precipitação, de pressa indecente que se aquece e quer “acabar” tudo bem depressa, mesmo que se trate de um livro, antigo ou novo. — Essa própria arte não acaba facilmente com o que quer que seja, ensina a ler bem, isto é, lentamente, com profundidade, com prudência e precaução, com segundas intenções, portas abertas, com dedos e olhos delicados... Amigos pacientes, este livro não deseja para ele senão leitores e filólogos perfeitos: aprendam a me ler bem! (NIETZSCHE, 2007, p. 21).

A ruminação, colocada aqui como movimento de escrita e como perspectiva de leitura do DB, argumenta que o imediatismo não produz sentido em ciência: pesquisar não é colher informações no texto. Um texto – quer seja manuscrito, quer seja publicado – não serve para dar respostas: é preciso, pois, aprender a pensar enquanto se lê, ou seja, não vir com pressupostos para a pesquisa, mas deixar o texto significar. Nesse sentido, a leitura do DB que proponho nesta tese é um espaço para o devir: não há respostas, há percursos. A escrita de Benveniste precisa ser uma escrita (re)significada pelo percurso, ou seja, pela singularidade de cada pesquisador. Assim, o silêncio e o afastamento devem ser tomados como processos produtivos na leitura do DB: uma vez que o pesquisador está implicado no processo científico, é preciso deixar a escrita do texto ocupar seu lugar e (re)significar seu dizer a partir do outro. A ruminação, então, é possibilidade de leitura e de pesquisa em enunciação.

Da mesma forma como Heráclito afirma que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, ou seja, o rio é aparentemente sempre o mesmo, mas, na realidade, é feito sempre de águas novas, que se acrescentam e se dispersam, e por isso a mesma água não pode descer duas vezes o mesmo rio, o DB também será sempre outro. A escrita que ali está, que aparentemente é sempre a mesma, será sempre outra: de sua escrita, nada permanece(rá), pois essa escrita não tem uma realidade em si, sua realidade está no devir.

E tomar a escrita presente no DB como devir é ter a escrita de Benveniste como possibilidade de vir a ser novos e outros estudos. É preciso ler os manuscritos *de* Benveniste, ou seja, é preciso possibilitar que *sua* escrita ocupe lugar, a partir da ruminação, e testemunhe sobre o estudo empreendido a partir da leitura do pesquisador. Estudo este que, ao ser colocado em palavra, é já outro: porque *língua*, testemunho, porque *discurso*, devir.

A perspectiva de leitura que aqui proponho para o DB, então, põe em foco que a escrita jamais está acabada, pronta, no sentido de ser ou portar uma verdade absoluta; pelo contrário, pela singularidade do autor, num aqui-agora igualmente únicos, diferentes leitores, quando no contato com a escrita, darão novos e outros sentidos ao ali colocado em palavra. Ou seja, toda escrita comporta algo do inacabado e por isso de uma linguagem que serve para

viver. Da mesma forma, o DB comporta o inacabado, quer seja porque traz notas que não geraram um artigo, quer seja porque é feito de palavras.

Retomando o princípio científico desta tese, pode parecer, num primeiro momento, que em ciência devemos buscar na fundamentação teórica um caminho ao problema de pesquisa: é isso? é aquilo? Mas não! Assim, como aponta Heráclito, trazido por Benveniste (1966/1989) em *A forma e o sentido na linguagem*, é preciso encarar a linguagem do DB como um enigma, como uma problematização do dizer ali presente, seguindo ou não as pistas deixadas pelo mestre, numa volta que não é a mesma prevista por Benveniste, pois “*Oute légei, oute kryptei, ala semaínei*. ‘Ela não diz, nem oculta, mas ela significa’ [grifos do autor] (p. 234). Tomarei, pois, a escrita presente no DB em sua *ruminação* em um espaço ao devir.

4 INSTAURAÇÃO DE UM PERCURSO DE ANÁLISE

A escrita de Benveniste, presente no DB, é o objeto de análise desta tese. Em outras palavras, não é propriamente o DB, como conteúdo genético, que é privilegiado, mas o fato de Benveniste ter produzido uma escrita sobre a língua de Baudelaire. Com uma certa liberdade de uso dos termos, é possível dizer que o interesse recai mais sobre a enunciação do DB do que propriamente de seu enunciado.

Tendo em vista que essa escrita versa sobre a língua de Baudelaire, iniciei a presente tese elucidando a relação de Benveniste com a literatura. Isso porque, num primeiro momento, poder-se-ia pensar que ela não existisse. No entanto, essa relação não é, no conjunto de sua obra, algo novo ou mesmo inédito.

A partir da leitura de textos do linguista publicados em diferentes suportes, constatamos que em seus estudos já estavam presentes:

- a) diversos autores e excertos da literatura para atestar a indissociabilidade entre homem e língua;
- b) termos como “emoção”, “evocação” e “correspondência” para problematizar a linguagem;
- c) anúncio de que o signo linguístico talvez não funcionasse como princípio único para o estudo da linguagem.

Consideramos, então, a escrita presente no DB um *continuum* dos estudos empreendidos por Benveniste, ou seja, mais uma contribuição ao grande problema da linguagem (BENVENISTE, 1965/1995). E que contribuição é essa?

Nesse ponto, adentramos às especificidades do DB a fim de, a partir delas, reconhecer os movimentos enunciativos da escrita de Benveniste em manuscritos. Isso porque entendemos que a partir deles seria possível constituir o percurso de análise desta tese.

Em um primeiro momento, recolhemos dados que nos permitissem conhecer a materialidade do dossiê. Esse reconhecimento foi de extrema importância, pois a partir dele delimitamos os anexos da tese de Laplantine (2008b), mais especificamente a transcrição diplomática por ela efetuada, como a materialidade por onde, acredito, é possível acessar a escrita de Benveniste presente no DB.

Em seguida, a partir dos estudos da Genética Textual, categorizamos os movimentos enunciativos de Benveniste quando escreve pela própria mão. Constatamos que o dossiê, em comparação com outros manuscritos do linguista, deixa ver o que denominei, inspirada em Fenoglio (2009), uma escrita ruminante: uma escrita que torna e retorna com certa insistência

a alguns termos e procedimentos e que aponta para a nota como lugar para formação do pensamento teórico.

Assim, uma vez definido o foco de estudo, foi possível também pontuar o que não será aqui foco:

- a) a análise empreendida por Benveniste;
- b) os poemas de *As Flores do Mal*;
- c) o autor Charles Baudelaire.

Pode parecer estranho delimitar, metodologicamente, o escopo de uma tese também pelo que não cabe nela. Mas isso, neste caso, faz-se de extrema importância, pois o leitor poderia pensar que interessa ver como Benveniste teorizou sobre Baudelaire. É evidente que esse tema é importante, e outros dele se ocuparam (conforme abordado em 3.3); no entanto, nosso percurso é verificar como a escrita de Benveniste se configura um estudo semiológico de uma obra, a dita semiologia de segunda geração, preconizada em *Semiologia da língua*.

Assim, delimitada a escrita de Benveniste como objeto de estudo, algumas relações precisam ser esclarecidas.

4.1 DA ESCRITA DE BENVENISTE COMO OBJETO DE ESTUDO

Para conceber a escrita como objeto de estudo, é preciso reconhecê-la como um sistema semiológico diverso da língua. Isso porque o que lemos na escrita é sempre o discurso e não a comunicação de um dizer, pois a escrita é representação da língua e não a própria língua. Dito de outra forma, a escrita objetiva a língua e suscita, “[...] enquanto imagem, a própria materialidade da língua” (BENVENISTE, 2014, p. 155), mas não é a língua. Isso porque “[a] grafia não permite o acesso direto à língua” (BENVENISTE, 2014, p. 149): a escrita é um sistema semiológico que supõe a língua, que o produz e o interpreta, e não um decalque dele. Nesse sentido, a escrita é um sistema não linguístico, sendo necessário, então, acessar a língua para podermos pesquisar essa escrita.

No artigo *Semiologia da Língua* e nas notas manuscritas das últimas aulas de Benveniste no Collège de France, encontramos subsídios para estabelecer relações entre sistemas semiológicos distintos e contemporâneos; neste caso, a escrita e a língua. Tanto nesse artigo quanto nas últimas aulas, Benveniste (1969/1989, 2014) pontua que é preciso, ao relacionar sistemas, pensar os princípios e a natureza dessa relação.

São dois os princípios das relações possíveis entre sistemas:

- a) não redundância entre sistemas de bases diferentes. “Não há ‘sinonímia’ entre sistemas semióticos; não se pode ‘dizer a mesma coisa’ pela fala e pela música”, esclarece Benveniste (1969/1989, p. 53). É preciso ter em mente que estamos aqui pensando em uma relação semiótica: a unidade e o funcionamento da fala são completamente diferentes da unidade e do funcionamento da música. Nesse sentido, não há como converter em música uma fala. Claro que podemos em uma música reconhecer a fala de uma mãe que sofre, mas não o dizer dessa mãe que sofre: na música pode haver um *efeito de fala*, mas não *a fala*. Não há nos sons da música equivalentes semióticos para a fala humana: “sofro pelo meu filho” não encontra equivalência em nenhuma nota musical. Por outro lado, podemos “[...] ‘dizer a mesma coisa’ pela fala e pela escrita, que são dois sistemas conversíveis um no outro, porque são do mesmo tipo”, explica Benveniste (2014, p. 110-11);
- b) não há signo transsistemático. “O valor de um signo se define somente no sistema que o integra”, argumenta Benveniste (1969/1989, p. 54). Voltemos à música e à fala: a nota musical “dó” não tem nada em comum com o “dó” expresso na fala “ele tem dó da mãe”. Isso porque o valor de “dó” na música é definido somente em oposição às outras notas musicais: uma vez fora do sistema, essa nota perde seu valor como nota musical.

Flores (2013) destaca que desses dois princípios decorrem duas exigências metodológicas para relacionar sistemas distintos: a relação entre sistemas semióticos precisa ela mesma ser de natureza semiótica e a relação entre sistemas semióticos será colocada a partir de um sistema interpretante e outro interpretado. E, nesse sentido, seguimos por Benveniste (1969/1989, 2014): as relações entre sistemas podem ser de três naturezas - a relação de *engendramento*, a relação de *homologia* e a relação de *interpretância*.

Entre dois sistemas semiológicos distintos, um sistema pode engendrar o outro, ou seja, um sistema pode gerar outro: é a relação de **engendramento**. Benveniste (1969/1989, 2014) exemplifica essa relação: o alfabeto Braille foi gerado pelo alfabeto comum, preenchendo uma função específica em relação ao primeiro. Essa relação é possível porque os dois sistemas são alfabéticos. Não é possível, portanto, estabelecer uma relação de engendramento entre a música e a fala, sistemas de naturezas distintas.

A segunda relação entre sistemas é a relação de **homologia**, “[...] que estabelece uma correlação entre as partes de dois sistemas semióticos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62). Há homologia entre a escrita e o gesto ritual na China, por exemplo. Flores (2013) adverte que a relação de homologia não está constatada – como no caso do engendramento, em que

podemos constatar que o alfabeto comum gerou o alfabeto braile –, mas instaurada: “[...] ela é estabelecida por quem analisa os sistemas. Nesse sentido, o analista está implicado no estabelecimento dessas relações” (FLORES, 2013, p. 185), relações estas instauradas “[...] em virtude de conexões que se descobrem ou que se estabelecem entre dois sistemas distintos” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 62). Assim, não há como estabelecer uma relação “plena” entre dois sistemas distintos (FLORES, 2013).

Para pensar essa relação, o linguista cita um verso de Baudelaire do poema *Correspondências*. Também em suas últimas aulas encontramos uma anotação que versa sobre esse tópico: “Baudelaire intuiu essa relação de homologia em seu poema *Correspondences*” [grifo do autor] (BENVENISTE, 2014, p. 190). Os perfumes, as cores e os sons, se tomados como sistemas distintos, não apresentam, pois, uma relação plena: a relação entre eles será estabelecida por quem ler o poema. Nesse ponto, Benveniste (1969/1989, p. 62) conclui: “[...] a homologia instaurada servirá de princípio unificador entre dois domínios e limitar-se-á a esse papel funcional, ou ela criará uma espécie de valores semióticos. Nada assegura antecipadamente a validade desta relação, nada limita sua extensão”.

A terceira relação entre sistemas semióticos distintos é a relação de **interpretância**, que se estabelece entre sistema interpretante e sistema interpretado. Aqui Benveniste (1969/1989) destaca algo importante: a língua é o interpretante de todos os sistemas semiológicos. A língua comporta ao mesmo tempo a significância dos signos e a significância da enunciação. E nesse sentido o linguista aponta o poder maior da língua a partir da relação de interpretância: “[...] o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66).

Essas duas últimas relações delimitam o *corpus* desta tese. Pelas indicações presentes em *Semiologia da Língua* e nas anotações das últimas aulas, Benveniste buscava, no DB, a homologia intuída por Baudelaire. Para poder instaurar homologias, Benveniste escreveu sobre essa relação, estabelecendo uma interpretância. E isto é de fato o que aqui interessa: as relações de **interpretância** que Benveniste produziu em sua escrita ao buscar as **homologias** intuídas por Baudelaire.

Para colocar em cena essa relação de interpretância, a ruminação é elencada como categoria de análise.

4.1 DA NOÇÃO DE *FATO ENUNCIATIVO* E DE *RUMINAÇÃO* À CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

Recorro a uma das máximas de Saussure (2004, p. 15) para instituir o *corpus* de análise desta tese: “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, o ponto de vista cria o objeto”. Defender que *o ponto de vista cria o objeto* institui, pelo menos, dois princípios: o percurso teórico aqui construído e o olhar do cientista determinam a constituição do *corpus*. Nesse sentido, Flores (2001, p. 59) afirma que são *fatos* e não *dados* que encontramos no objeto de estudo: “[...] porque realmente não se trata de algo ‘dado’ enquanto evidência, mas do produto de um construto teórico”. Nesse mesmo ponto, Teixeira (2001) considera que, ao iniciar um estudo, o pesquisador que trabalha no campo da enunciação não tem nenhuma razão, *a priori*, para analisar um fato linguístico em detrimento de outro, da mesma forma que nada o obriga a recorrer a um determinado procedimento em vez de qualquer outro: cada objeto de estudo estabelece problemas específicos.

Nesta tese, da escrita de Benveniste presente no DB serão recortados, a partir da **ruminação** ali presente, **fatos enunciativos que funcionarão como *corpus* de análise**. A *ruminação*, assim, funciona como categoria de análise na medida em que é pela insistência enunciativa, ou seja, pelo tornar e retornar aos mesmos termos e procedimentos, que serão estabelecidos os fatos para análise.

Tendo em vista as noções de *fato enunciativo* e de *ruminação*, fica claro que o *corpus* não é constituído pela totalidade dos fólhos, os 367, mas pelos que deixam ver termos e procedimentos ruminados na escrita de Benveniste. Pontua-se, assim, que não se pretende dizer do todo desse movimento nem do todo das notas, visto que isso nenhuma análise alcança. Nesse sentido, delimitar a *ruminação* como categoria de análise institui um percurso possível para a constituição do *corpus*.

Para constituição do *corpus*, a primeira questão que se coloca é que estudo a escrita presente nos fólhos e não no livro publicado por Laplantine (2011a). Isso porque acredito que o livro coloque em cena a linearidade e não a *ruminação* que se quer dar a ver. Nesse sentido, tomam-se os anexos da tese de Laplantine (2008b) como materialidade linguística sobre a qual a escrita será investigada.

De mão dos 367 fólhos de forma impressa, estabeleceu-se um ponto de vista para colocar em evidência a *ruminação* e recortar os *fatos enunciativos* analisados. Conforme apresentado em 3.1, as notas são o primeiro movimento de escrita de Benveniste: muito pode

ser alterado em seu percurso. Um fólho datilografado, pelo contrário, institui, conforme Fenoglio (2009), uma forma mais próxima do texto a ser publicado.

Nesse sentido, o único fólho datilografado do DB, o 323, funciona nesta tese como guia para o estabelecimento dos fatos recortados a partir da ruminção. Em função da escrita presente nesse fólho, cheguei a um total de 159 fólhos presentes no Anexo A – Dossiê Baudelaire. Nesse anexo, os fólhos são apresentados de duas maneiras: em versão fax símile e em transcrição diplomática, conforme Laplantine (2008b).

De posse dos fólhos selecionados, busquei os termos e os procedimentos sobre os quais a escrita de Benveniste ruminava. Tendo o fólho 323 como guia, organizei a análise a partir de duas perspectivas:

- (i) a particularidade e a singularidade do discurso de Baudelaire e
- (ii) o caráter radicalmente específico da língua poética.

Em relação à primeira perspectiva (i), dois procedimentos comparecem como os mais ruminados:

- (a) a escolha das imagens e
- (b) a busca pela estrutura da obra inteira.

Em relação à segunda perspectiva (ii), dois aspectos parecem tornar e retornar na escrita de Benveniste:

- (a) a natureza;
- (b) o funcionamento.

Esses são, pois, os aspectos sobre os quais serão levantados os *atos enunciativos* para análise.

4.2 SOBRE A APRESENTAÇÃO DOS FATOS ENUNCIATIVOS

Para fins de análise, as notas em que os *atos enunciativos* elencados aparecem foram traduzidas. No entanto, quando a escrita de Benveniste colocar em nota aspectos sonoros dos poemas, utilizar-se-á a versão em francês de *As Flores do Mal*.

As notas em língua portuguesa foram organizadas pela autora desta tese conforme a transcrição diplomática, preservando, inclusive, as cores de caneta utilizadas por Benveniste: preta, vermelha e três tons de azul. Como referência de cada fólho, apresento somente os dados pertinentes ao manuscrito: número do envelope, número do fólho na ordem em que se encontra no envelope e número do fólho em relação aos 367.

Para evidenciar a transcrição diplomática, se necessário, as margens do documento serão delimitadas conforme as especificidades da nota transcrita e não conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

4.3 SOBRE O PERCURSO DE ANÁLISE

Metodológica e didaticamente classificadas, enumeram-se, em síntese, as etapas da análise:

- a) observar a partir dos traços de Benveniste – repetições, rasuras, inserções – como os termos e os procedimentos tornam e retornam em sua escrita;
- b) estabelecer correspondências entre cada grupo de notas reunidas em função da ruminação deflagrada;
- c) derivar dessa correspondência uma reflexão;
- d) evidenciar de que forma essa reflexão se coloca como mais uma contribuição ao grande problema da linguagem.

Ao instaurar um percurso de análise, singularizo uma vivência de pesquisa. Vivência esta que será apresentada detalhadamente no capítulo 5.

5 VIVÊNCIA DE UM PERCURSO DE ANÁLISE

Este capítulo apresenta a análise dos *atos enunciativos* elencados a partir dos passos apresentados no capítulo 4. Como ponto de partida, em 5.1, apresento o fôlio 323 e as categorias de análise dele apreendidas. Em seguida, em 5.2 e 5.3, esclareço os fatos enunciativos elencados para estudo, bem como a interpretação construída a partir da escrita de Benveniste. Por último, em 5.4, apresento uma reflexão que visa colocar em cena mais uma contribuição do linguista ao grande problema da linguagem.

5.1 PONTO DE PARTIDA: FÓLIO 323

Fenoglio (2009) pontua que uma versão datilografada de uma nota é marca de que houve um rascunho, e um rascunho é marca de que a escrita presente no fôlio encaminha para um texto editado que será publicado. No entanto, não há entre o DB algum fôlio que cumpra o papel de rascunho do fôlio 323, o único digitado entre os 367. Como esta não é uma pesquisa que visa à escrita genética, inicio por esse fôlio datilografado não por um possível processo de gênese em relação ao texto publicado, mas pelo que esse material pode trazer de pistas sobre a pesquisa empreendida por Benveniste tendo em vista uma possível publicação para a revista *Langages*.

Além disso, chama-me atenção neste fôlio o verbo “consideremos”: haveria aqui um convite ao leitor para problematizar algo? Benveniste considera, pois, um aspecto e institui o leitor como interlocutor desse processo de investigação? Nunca teremos de fato as respostas a essas questões. Fenoglio (2012a), no entanto, destaca que o “nós” aponta sim para a publicação de um texto, pois essa era a marca científica da época.

Assim, por entender o “consideremos” como possibilidade de que seu estudo viesse a público, pois esse verbo coloca em cena um possível diálogo com o leitor, é que inicio o percurso de análise por esse fôlio. Vejamos:

O discurso poético.

Na língua comum, o discurso é o discurso do pensamento da demonstração, do raciocínio, por mais resumido que seja.

O discurso poético não tem nada além do dispositivo do discurso. A matéria é a experiência vivida do poeta, seu devaneio, sua visão. Não há mensagem, mas uma emoção suscitada no leitor.

Há certamente o fato de que o discurso poético utiliza esses mesmos processos linguísticos, a mesma matéria linguística que o discurso usual Mas temos toda certeza? Quem nos prova que se trata da

mesma língua? A identidade material do vocábulo “claro” em “está claro” e em “diadema deslumbrante e claro” é um dado de fraco interesse quando tal distância separa ^{estes} dois empregos. Não hesitaremos em dizer que o material da língua poética é distinto, como são distintas a dicção poética e a fonética poética. Será bom, em todo caso, tomar como hipótese de trabalho o caráter radicalmente específic[o] da língua poética em todos os seus aspectos e em sua estrutura inteira.

Consideremos agora o discurso em Baudelaire. Quem o lê com a preocupação de ver como se caracteriza esse discurso em Baudelaire deve logo desistir. Numerosas são as confissões dos críticos: só se sabe dizer deste discurso que nada o distingue de todos os outros. Não se vê como é feito. Parece que Baudelaire sob este ponto de vista não se distingue de Hugo. Nada além de tradicional nele. Mesmo Bonnefoy faz essa constatação decepcionante e desencorajadora.

Há muito partilho desse sentimento. O que contudo me impediu de me desesperar e desistir foi a convicção de que ele deveria ter alguma coisa de particular, e mesmo de única em seu discurso. Essa convicção não se fundava senão sobre um argumento que era - singularmente - mais de lógica do que de sentimento: se essa alguma coisa não existisse, mesmo no discurso aparente ~~no discurso~~ mais regular e “prosaico” de Baudelaire, toda a estrutura poética da obra inteira. (22, fº 71/ fº 323).

O linguista aborda, primeiramente, o discurso poético, problematizado pelo discurso da língua comum para, em seguida, pensar o discurso em Baudelaire. Esse percurso poderia ser assim traçado: há questões cruciais quando se pensa o discurso na língua comum e o discurso na língua poética. Que língua é essa presente no discurso poético? Será a mesma língua encontrada no discurso da língua comum? Benveniste responde a essas duas questões: o material da língua poética é distinto do material da língua comum. A língua poética apresenta, pois, um caráter radicalmente específico em todos os seus aspectos e em sua estrutura inteira. Nesse ponto, Benveniste convida o leitor a considerar o discurso em Baudelaire em sua especificidade. Isso porque o linguista não partilhava da ideia de que esse discurso fosse igual ao dos outros: havia desde sempre uma convicção sobre a particularidade e a singularidade do discurso da língua de Baudelaire.

Nesse sentido, visualizo dois percursos do estudo empreendido por Benveniste:

- a) um que investiga a particularidade e a singularidade do discurso da língua de Baudelaire;
- b) outro que problematiza essa particularidade e essa singularidade em relação ao discurso da língua comum, refletindo sobre o caráter radicalmente específico da língua poética.

Sigamos por esses dois percursos em busca das *ruminações* neles presentes.

5.2 A PARTICULARIDADE E A SINGULARIDADE DO DISCURSO DA LÍNGUA DE BAUDELAIRE

Conforme apresentado no fólho 323, Benveniste parece, desde o princípio, ter “[...] a convicção de que ele [Baudelaire] deveria ter / alguma coisa de particular, e mesmo de única em seu discurso” (22, fº 71/ fº 323). Gostaria, primeiramente, de problematizar os dois atributos dados ao discurso de Baudelaire: particular e único.

O discurso visto como *particular* o coloca como oposto ao discurso geral: uma coisa que é da ordem do particular apresenta características de uma determinada pessoa. Se o discurso é a atualização que cada um faz da língua, haveria um discurso geral? Não. Nesse sentido, Benveniste delimita em sua escrita que o discurso é sempre *de* Baudelaire e não um discurso *em* Baudelaire.

O discurso visto como *único* o coloca como diferente do discurso dos outros: uma coisa é única quando apresenta características singulares. Se o discurso é a atualização que cada um faz da língua, ele não seria desde sempre singular? Sim. Nesse viés, a convicção que Benveniste aponta e sublinha em “deveria” diz do *discurso de Baudelaire* porque diz do *discurso do homem na língua*.

Temos aqui dois pontos importantes: a língua de Baudelaire e o discurso de Baudelaire. Sobre o primeiro, Benveniste escreve que a língua de Baudelaire é a mesma língua do uso cotidiano, mas sua materialidade, bem como sua dicção e fonética, não são as mesmas. Para estudar o discurso particular e único de Baudelaire, é preciso, pois, investigar, primeiramente, a materialidade que o constitui. E o que Benveniste escreveu sobre essa investigação? Foquemos em outros dois fólhos:

Diferenças de abordagem da peça de
 Uma abordagem consiste a partir ~~da composição~~
~~poéti~~ verso como um dado, de descrevê-la,
 de desmontá-la como a um objeto. É
 a análise tal como se encontra aplicada aos Chats
 no belo artigo de Lévi-Strauss e Jakobson.

Uma outra abordagem ~~consistirá em uma~~ será
 de um tipo bem diferente. Esforçar-nos-emos para alcançar a estrutura
 profunda de seu universo poético na escolha
 reveladora das imagens e na sua articulação. (14, fº 2/ fº 81).

O que temos feito até agora é
a análise descritiva
do poema.
 O que eu estou tentando
 é descobrir o modo
de funcionamento da
língua poética. (23, fº 31/ fº 354).

Há nesses fólios, pelo menos, duas perspectivas diferentes de pesquisa:

- a) a primeira descreve o poema, desmontando-o como a um objeto;
- b) a segunda investiga a escolha das imagens e a sua articulação, buscando a estrutura profunda do universo poético.

Benveniste marca-se na segunda perspectiva, “**eu estou tentando** é descobrir o modo de funcionamento da língua poética”, e não na primeira, descrever os versos dos poemas. Isso porque se o poema é espaço para o discurso *de* Baudelaire, ele não apresenta algo dado, suscetível de descrição, mas algo instaurado a partir das relações possíveis entre escrita e língua.

A segunda perspectiva marca-se como uma busca completamente diferente do que se fazia até então: investigar não é descrever. Investigar está para instauração; descrever está para a coleta de dados. E é exatamente isso que visualizo na *ruminação* presente na escrita de Benveniste: um estudo sobre a escolha das imagens e sua articulação em poemas de Baudelaire que apontam para a estrutura do seu universo poético.

Para evidenciar essa *ruminação*, inicialmente, apresento em 5.2.1 as imagens e sua articulação; em seguida, em 5.2.2, a estrutura profunda do universo poético. Não objetivo esgotar essa insistência; antes disso, a partir da ruminação, pretendo observar como a insistência enunciativa aponta para um estudo semiológico de uma obra, ou seja, a semiologia de segunda geração.

5.2.1 As Imagens e sua Articulação

Com a descrição “Parte da frente de papel timbrado da Société de Linguistique de Paris”, encontramos uma sequência de cinco fólios numerados – em seu canto superior direito – de 1 a 5 (fólios 11, 12, 13, 14 e 15). Os três primeiros têm como título *Condições formais da poesia* e os dois últimos *Processos*. Na quinta nota, o fólio 15, o linguista escreve que em Baudelaire a grande imagem é a do “anjo” e também a do “satanás”. Nesse ponto, coloca entre parênteses uma observação:

[...]

(Nota: procurar as imagens criadoras, os esquemas
que se engendram, e ver como eles se produzem
e que estrutura eles constituem).

uma grande fonte: perfume, odor, se evapora.

(mas não prata)
joias pedra } ou bijuterias
outra fonte: metais, } pedrarias, pérolas (os
inexoráveis } diamantes
esplendores ocultos, mudos, insensíveis } crisóis, cobre

[27 onde tudo é ouro, aço, luz e diamantes – brilho de
metal e de pedra]

Tesouro(s) [cf. tesouros ignorados] coroa, diadema [mas não bracelete, nem
aliança, nem anel]

e as imagens da luz que recai sobre essas matérias preciosas
relâmpago, clarão, cintilação, brilha lantejoula, irradiar. (8, fº 5/ fº 15).

Nesse fólio, Benveniste anota que há, pelo menos, três fontes dessas imagens, ligadas ao odor, ao metal e à luz. Em relação às fontes, o linguista registra algumas palavras presentes nos poemas e que estão relacionadas a essas fontes, conforme podemos ver no excerto apresentado. Seriam as palavras, então, as fontes dessas imagens?

No fólio 18, o linguista risca a palavra “imagem” e anota em seu lugar “sensação geradora” para falar do odor, da visão e do movimento – termos bastante próximos ao que vimos no fólio 15. Observemos essa rasura:

distinguir os
movimentos
(navegar, flutuar, nadar)

e os sentimentos ou
as sensações

imagens
sensação geradora
o odor
desencadeia a evocação
a evocação é visão
(vastos pórticos)
e ela é movimento
(nadar, navegar). (8, fº 8/ fº 18).

Aqui há a anotação de que é preciso distinguir os movimentos e as sensações: o odor, por ser uma sensação geradora, suscita uma evocação que, por sua vez, é visão e movimento. Há, então, algo que é imagem e algo que é sensação geradora nos poemas de Baudelaire? Tratam-se de dois sistemas diferentes?

Benveniste volta ao odor no fólio 128, quando escreve que Baudelaire é o poeta que mais teve êxito na fusão dos sentidos, pois o perfume suscita os outros sentidos. Nesse ponto, o linguista anota os poemas XII, *Perfume exótico*, e XXIII, *A cabeleira*. Neste último, encontramos na quarta estrofe os versos “Um porto em febre/ A grandes goles o perfume, o som e a cor” (BAUDELAIRE, 2006, p. 165). Seriam esses versos uma mostra da fusão sobre a qual escreve Benveniste no fólio 128?

Essa hipótese encontra no fólio 79, intitulado de *Extraordinário fervilhar de imagens*, uma possível resposta: Benveniste volta a citar os poemas XII e XXIII para escrever que é o odor que suscita e guia “[...] o perfume, o som e a cor”. Por que será que no título dessa nota encontramos a palavra “extraordinário”? O que seria extraordinário para Benveniste? Seria o odor ou a imagem que fervilha nos poemas de *As Flores do Mal*?

Da forma como leio a escrita presente no DB, o extraordinário estaria para o fervilhar de imagens, sendo o odor uma delas. Isso porque Benveniste parece encantado com o grande número de imagens nos poemas e com a própria existência da imagem nos poemas.

Voltemos ao odor. *O odor* é justamente o título do fólio 41, em que o linguista escreve:

Além dos termos diretamente relacionados com: odor, perfume, odor agradável, anotar que impregna somente o que visa ao odor:

Ele registra as metáforas, comparações, geradas pelo odor (10, fº 8/ fº 41).

A imagem *odor* não aparece somente a partir da palavra “odor”, mas também a partir de metáforas e comparações geradas pelo odor. E o que isso diz da escolha reveladora de imagens? A imagem está também na metáfora e na comparação?

Foquemos no fólio 19, transcrito abaixo, em que o linguista descarta um parágrafo inteiro em que a palavra “imagem” está presente e o reescreve:

As palavras são reunidas em virtude de uma ideia a
 primeiro/ emoção (pois é a emoção que emana
 exprimir, mas de um sentimento a tornar sensível a ideia em poesia.
 veicular
 Elas devem, então, converter a ideia em imagens e
 formar as imagens que possam sugerir transmitir
 a emoção conservando sua propriedade de signos
 converter os significados escolher os signos suscetíveis de evocar

As palavras são escolhidas e reunidas não em virtude não
 primeiro)
 de uma ideia a enunciar, mas de uma emoção a tornar
 sensível, pois é aos sentidos que elas se dirigem primeiro:
 e é da emoção que emana a ideia em poesia. As
 palavras devem então A mensagem é então primeiro
 de comunicar uma /
 um discurso encarregada de emoção. As palavras devem
 formar as imagens adequadas para despertar a emoção
 e no entanto agir em sua qualidade de signos.
 Aí está o nó do problema: a relação do
representado ao significado. (8, 1º 9/ 1º 19).

Em um primeiro momento, gostaria de destacar que a escrita de Benveniste nesse fólio coloca em cena a relação estreita entre a palavra, a emoção e a imagem. Para falar delas, o linguista descarta as três construções que seguem:

- a) Elas [as palavras] devem então veicular
- b) Elas [as palavras] devem então converter a ideia em imagens
- c) Elas [as palavras] devem então formar as imagens que possam sugerir

Essas construções teriam como complemento “a emoção”. Na anotação reescrita, encontramos “As palavras devem então” para em seguida aparecer riscada novamente. No entanto, essa construção reaparece no final do fólio: “As palavras devem formar as imagens adequadas para despertar a emoção”.

Entre a construção descartada e a reescrita, Benveniste anota:

As
~~palavras devem então~~ A mensagem é então primeiro
 de comunicar uma /
~~um discurso~~ encarregada de emoção.

O que aqui aparece é uma insistência sobre o papel da *palavra* em *As Flores do Mal*. E essa insistência parece buscar o termo adequado para isso. Descarta-se, num primeiro

momento, que a palavra possa “veicular”, “converter” ou “formar” a emoção. Em seguida, volta-se a escrever “formar”, mas para registrar que as **palavras formam as imagens**:

As palavras devem
formar as imagens adequadas para despertar a emoção
e no entanto agir em sua qualidade de signos.

O que o excerto acima apresenta é que as palavras formam as imagens e que as imagens despertam a emoção. A palavra não forma a emoção: a palavra desperta a emoção. E como despertar essa emoção no leitor? Através das palavras que formam imagens. Imagens estas que devem ser construídas para suscitar a emoção. Emoção é, então, o ponto de partida e o ponto de chegada da palavra na poesia. E o intermediário desse percurso é a imagem.

Em relação à *emoção*, encontramos, no fólio 138, um excerto de William Carlos Williams. Esse trecho é parte de uma resposta à questão “Sr, Williams, o senhor poderia me dizer, de forma simples, o que é poesia?”⁴¹ presente na obra *Paterson*:

Poesia
“A poesia é uma linguagem
carregada de emoção. De
palavras organizadas ritmicamente”
(William Carlos Williams, *Paterson*)
citada na *Critique* n° 235
(dez 1966) p. 1008-9.

Como resultado, estes são os dois critérios
essenciais: 1) organização rítmica, quadro
formal prévio – 2) linguagem carregada
de emoção – ordem semântica específica (17, f° 17/ f° 138).

Benveniste volta à primeira frase de Williams mais quatro vezes no DB: no fólio 50, ao afirmar que tudo na poesia deve ser definido, avaliado e classificado mediante o critério da emoção; no fólio 197, ao abordar que a originalidade do discurso de Baudelaire é ter uma linguagem carregada de emoção; no fólio 250, ao apontar a poesia como uma linguagem única porque carregada de emoção; e no fólio 308, ao escrever que o sentido poético advém da linguagem carregada de emoção. Há aqui uma insistência para marcar que a poesia é uma linguagem de emoção – ordem semântica específica – organizada ritmicamente – quadro formal prévio.

⁴¹ Disponível em: https://archive.org/stream/PatersonWCW/Paterson-William_Carlos_Williams_djvu.txt. Acesso em: 13 nov. 2015.

E como essa emoção é suscitada na poesia? A partir das imagens organizadas ritmicamente. Benveniste torna e retorna muitas vezes à relação entre a *imagem* e a *emoção*. Destaco aqui sete fólios em que o linguista ruma sobre essa questão:

[...] Essa emoção nasce de uma experiência profunda, única, do mundo. O poeta não pode libertar-se de sua experiência-obsessão, que cada incidente de sua vida renova, a não ser exprimindo-a por meio de imagens. Sua linguagem deve ^{o vivido} re-presentar, re-produzir a emoção: a imagem é o intermediário necessário da emoção, e como é sonoridade, a língua deve encontrar os sons que a evocam. A linguagem do poeta será, então, de todos os pontos de vista, uma linguagem icônica. (6, fº 4/ fº 4).

[...] O poeta transmite a experiência, ele não a descreve: “Nós morremos a cada instante” ele dá a emoção, não a ideia da emoção. A tarefa ~~e~~ do poeta é ^{essa experiência} transcrever essa emoção em uma forma de em imagens a enunciar em ideia linguagem que ele evoca sem ~~a transcrever~~ e nesses signos seletivos e nesses sintagmas específicos. A comunicação poética consiste em comunicar a emoção associada às palavras que a portam e que a iconizam (12, fº 4/ fº 56).

[...] É como uma objetivação da experiência mais íntima; a emoção é convertida ou extrovertida em imagens de um mundo que tem as aparências de um mundo real: é um mundo que consiste em mares e em (22, fº 11/ fº 263).

astros, em noites e em perfumes, em joias e em mulheres. Mas o essencial é que: essa realidade é resultado de sua emoção, não faz mais do que ~~he~~ dar aparências sensíveis à experiência, de um sofrimento ou de um êxtase, a um sofrimento que é êxtase.

Portanto devem-se abordar as palavras-chave dessa imaginação de realidade, desse universo recriado pela sensibilidade para retornar até seu princípio, que é a vibração toda interior de uma emoção. Pode-se assim configurar o universo dessa segunda realidade, dessa realidade que não passa de sensação e emoção transliterada em paisagens, em movimentos e em relações. (22, fº 12/ fº 264).

[...] Em Baudelaire, como disse, a emoção se converte em imagens sensíveis, se dá um suporte sensorial, encontra sua equivalência nos objetos que a suscitam (céu noturno) ou nos movimentos que a prolongam (nado, planar, balanços) e termina por (22, fº 13/ fº 265).

ou ultramundo
instituir um verdadeiro contramundo, que se presta ao inventário e à descrição. [...] (22, fº 14/ fº 266).

[...] A emoção é convertida em pensamento e este pensamento por sua vez é convertido em palavras. É um segundo pensamento, de qualquer maneira, um pensamento representando a conceitualização de uma emoção.

* p. ex.
quando procuramos nos exprimir exatamente, temos uma “significação” no espírito e buscamos as palavras adequadas.

Isso talvez ajude a chegar ao centro do problema linguístico. O pensamento não se converte imediatamente em palavras: ele deve primeiro se converter em significação *, ~~que~~ e essas significações encontram as palavras adequadas. Ou em Baudelaire - e aí está a grande originalidade de sua poesia, são as emoções que se convertem em significações, e essas significações levam às formulações verbais que a nós as restituem e nos fazem compartilhar as emoções do poeta.

Esta é a lei da língua poética: forjar as significações intermediárias entre a emoção e a expressão, as significações onde se moldam as visões emotivas. (20, fº6/ fº 200).

A partir desses fólhos, leio que a imagem é a expressão da emoção, que nasce de uma experiência do poeta. Encontramos a relação entre emoção e experiência marcada tanto no fólho 4 quanto no fólho 56, em que Benveniste justamente acrescenta o termo *experiência* à anotação que faz. A emoção retorna no fólho 263 como a *experiência mais íntima* e no fólho 264 como a *experiência de um sofrimento ou de um êxtase*. Há aqui uma insistência na relação estreita entre *emoção* e *experiência* no poema.

De maneira bastante didática, o linguista escreve no fólho 200 sobre a emoção e a experiência. De certa forma, é como se esse fólho reunisse os anteriores em busca dessa relação. Primeiramente, a emoção nasce de uma experiência, sendo que o poeta está preso a essa experiência, pois é a sua experiência, aquilo que o constitui. Em seguida, a emoção é convertida em pensamento, que, por sua vez, é convertido em palavras. As palavras são, então, um pensamento segundo, pois representam a conceitualização da emoção. Nesse ponto,

Benveniste escreve que há aqui um problema linguístico: o pensamento não se converte logo em palavras, mas em significação.

A partir desse raciocínio, o linguista anota a originalidade de Baudelaire: é a emoção que se converte em significação e não o pensamento, por isso que a imagem em *As Flores do Mal* é a expressão da emoção do poeta - a imagem não diz um pensamento sobre a emoção, ela dá a emoção conforme escrito no fólio 56. Isso aparece também anotado no fólio 138 como um dos dois critérios específicos da poesia: “2) linguagem carregada de emoção – ordem semântica específica”.

E qual o lugar da palavra nessa especificidade? Num primeiro momento, no fólio 4, Benveniste escreve que a palavra, a partir do som, é responsável por evocar essa emoção. Em seguida, no fólio 56, a palavra também aparece como evocante da emoção e vai além: as palavras portam e iconizam⁴² a emoção. Ao que o linguista conclui no fólio 264:

Portanto devem-se abordar as palavras-chave
dessa imaginação de realidade, desse universo
recriado pela sensibilidade para retornar
até seu princípio, que é a vibração
toda interior de uma emoção. Pode-se
assim configurar o universo dessa segunda
realidade, dessa realidade que não passa de
sensação e emoção transliterada em
paisagens, em movimentos e em relações. (22, fº 12/ fº 264).

Para chegar à emoção, é preciso abordar – *portanto* – as palavras-chave. E, a partir dessa abordagem, pode-se – *assim* – configurar o universo dessa segunda realidade, resultante da emoção e representada pela escrita a partir de paisagens, movimentos e relações.

Nesses sete fólios, de forma geral, entendo que Benveniste anota que a escolha da imagem em *As Flores do Mal* está sempre relacionada à emoção que se quer tornar sensível a partir da palavra escrita no poema. Nesse sentido, no fólio 258, o linguista escreve:

oferece
[...] Isso quer dizer que ela ~~imita~~ com as palavras
a imagem da coisa que ela diz, e não a ideia.
Todas as palavras e as alianças de palavras são
tomadas em sentido figurado. [Retomar aqui as coisas
que tenho escritas sobre esse assunto em outra nota] (22, fº 6/ fº 258).

⁴² Em 5.2.2, deter-me-ei especificamente na ideia de *icone*.

Ao anotar que a língua poética oferece com as palavras a imagem da coisa que ela diz e não a ideia da coisa que ela diz, Benveniste marca o quanto a emoção – e não um pensamento sobre a emoção – é possível a partir da palavra em poesia. Isso porque se a palavra oferecesse o pensamento, ou mesmo imitasse algo – como aparece embaixo da rasura –, talvez o sentido estivesse para o representado na imagem e não para a emoção suscitada pela imagem. É justamente disto que se trata: a imagem suscita, a imagem não representa.

No fólio 188, o linguista utiliza o termo composto “palavras-imagens” para firmar a relação entre a imagem e a palavra:

Poesia

A língua poética não reúne as
palavras-conceito, mas as palavras-imagem.

A “imagem” em sentido próprio, é
a propulsora profunda da poesia.
Trata-se de impor a visão direta
das coisas, a verdade das coisas.

Toda linguística da
poesia deverá proceder da
noção de imagem e
conceituá-la para dela extrair
a articulação de um novo
sistema de significações. (19, fº 2/ fº 188).

São as *palavras-imagem* que compõem a língua poética e não as *palavras-conceito*. A palavra está, pois, para a imagem e não para o conceito: a imagem é a propulsora profunda da poesia, e é a partir dela que ocorrerá a articulação de um novo sistema de significações. Isso porque, conforme anotado por Benveniste no fólio 200, as palavras de Baudelaire não representam um pensamento, mas suscitam uma emoção. E é nesse fólio que o linguista anota a lei da língua poética: “moldar as significações intermediárias entre a emoção e a expressão”. De certa forma, entendemos que, para a palavra-conceito, que é o resultado do pensamento convertido em significação, já há um sistema de significações. No entanto, para a palavra-imagem, que é o resultado da emoção convertida em significação, não.

E como ocorrerá a articulação desse novo sistema de significação? A partir da imagem. Não é a toa, então, que Benveniste insiste, nos fólios 200, 264 e 265, que a emoção é convertida em imagem.

A palavra “imagem” comparece como título em seis fólios do DB: *Imagens fortes*, 222; *Mecanismo da Imagem Poética*, 333; *Imagens Motrizes*, 22; *As Imagens do Mar*, 47; *Imagens*, 86; *Imagens do Corpo*, 94. E, pelo menos, em outros 70 fólios, a *imagem* aparece

nas anotações do linguista. Pela maneira como Benveniste torna e retorna a esse termo, observo que o linguista escreve sob duas perspectivas:

- a) levantamento de palavras-chave para pensar a escolha reveladora das imagens;
- b) anotações que problematizam essa escolha.

Iniciemos pelo levantamento. Em cinco fólhos, 43, 44, 46, 48 e 49, pertencentes ao que parece ser o mesmo bloco de notas, pois todos apresentam igual descrição – “folha pequena de bloco de notas com linhas horizontais, l=13,5, a=20,9” –, há uma lista de palavras e cada palavra tem um número ao lado. Conforme verifiquei na obra em francês, esse número é o registro de sua ocorrência em *As Flores do Mal*. O levantamento numérico parece concluído, pois confere com o número total de ocorrências de todos os vocábulos listados pelo linguista:

bom (21) encantador (21) divino (21)
 forte (20) triste (20) pálido (20) vasto (20)
 branco (19) claro (19) sombrio (18)
 triste (16) pequeno (16) poderoso (16)
 nu (15)
 defunto (19) luz (19)
 lua 17 sombra 17
 espelho 16

infinito 15
~~nu~~(10, fº 10/ fº 43)

E a lista segue:

sonho 22
 secreto 23
 lembrança 23
 subir 24 descer 18 afogar (23)
 fúnebre 18
 morrer 19 viver 21
 tumba 19 + vivo 19
 a morte 29

mar 40
 água 24
 abismo 24
 maré 14

gato 13 (10, fº 11/ fº 44)

Continua:

dia 32 (+ dia ⁴³ 2)	noite 59	noturno 6
amanhecer 2		
aurora 7	crepúsculo 4	
manhã 22	noite 46 (+ soirée 3) ⁴⁴	
	trevas 22	
clareza 15	tenebroso 16	
claro 19	sombrio 18	
luz 19	obscuro 8	
luminoso 7		
luisant (reflexão da luz) 4	(10, fº 16/ fº 49).	

<u>mil</u> abundante	;	<u>cem</u> 1 vez
<u>casa</u>		<u>residência</u> 0
obscuro 8		obscuridade 0 (10, fº 13/ fº 46).

O fólio 45 tem um título, *Termos fortemente valorizados*, mas as palavras não apresentam um número de ocorrências:

claro
fresca
abundantemente
tornar luminoso (10, fº 12/ fº 45).

⁴³ No original: “jour 32 (+ journée 2)”.

⁴⁴ No original: “soir 46 (+ soirée 3)”.

Também o fólio 48 apresenta título, *Frequência e contrastes*, com a frequência das palavras:

alma 72 - coração 142

{	como	328	(a palavra mais absolutamente frequente de Baudelaire)
	assim como	36	se somarmos o equivalente, o
	parecido	14	total passa de 400
	semelhante	15	
	tal	10	

sol (63) e noite (59) se equilibram

dia (32) trevas (22)

mar (40) terra (23) inferno (22) lua (17)

profundo (37) fundo (33)

mulher 36

flor 36

perfume 34

mão (29) pé (29) seio (29) , boca (24)

prazer 27 sensualidade 27

(10, f° 15/ f° 48).

Seriam os dois últimos fólhos, tendo em vista a repetição de alguns termos, uma síntese do levantamento feito pelo linguista? Não sabemos. O que sabemos é que a escrita de Benveniste coloca em cena que ele estava em busca de palavras. Palavras que pudessem, talvez, formar as imagens que despertariam a emoção, conforme escrito no fólio 81: “Esforçar-nos-emos para alcançar a estrutura profunda de seu universo poético na escolha reveladora das imagens e na sua articulação”.

Nos fólhos 265 e 266, Benveniste escreve que “[...] a emoção se converte em imagens sensíveis [...] e termina por instituir um verdadeiro contramundo ou ultramundo, que se presta ao inventário e à descrição”. Nesse sentido, como se prestam ao inventário e à descrição, acredito que nessas listas ele estava, justamente, à procura das palavras que iconizam a emoção e a experiência.

Nas anotações que problematizam essa escolha, encontro o *espelho*, o *mar*, a *água*, o *metal* e a *luz* como as imagens mais ruminadas. Além destas, Benveniste também escreve sobre o *ar*, o *amor*, a *mãe* e a *mulher*. Foquemos nas mais ruminadas e na sua articulação.

No fólio 42, o linguista produz uma nota cujo título é *O espelho*:

O espelho

É um dos temas maiores em Baudelaire, um dos menos aparentes, dos mais reveladores.

Baudelaire não pode se encontrar senão em igualdade; não há para ele o complementar: ele tem que ser idêntico. Somente o espelho ou o ser-espelho pode fornecer-lhe o parceiro desejado⁴⁵ um outro ele mesmo, ao pé da letra. O amor-ódio que ele dedica ao outro (seja o hipócrita leitor meu semelhante, meu irmão, etc.). dos amantes

Nossos dois espíritos (“esses espelhos gêmeos” manchados formam sua unidade na morte, e os dois corações são duas grandes tochas: chamas do coração ~ espelhos do espírito. Os olhos da Beleza são “os puros espelhos que tornam todas as coisas mais belas”.

O “espelho profundo e sombrio” que é Léonard (VI).

o instrumento da tentação e da perdição, as velhas no espelho de Goya (ibid.), eu sou o espelho sinistro onde a megera se olha ⁽⁸³⁾ mar espelho do homem livre, onde ele contempla sua alma (XIV) ou “calma, espelho de teu desespero” (LXIX)¹.

Tudo isso se ilumina em 84 o Irremediável: (um coração se torna seu espelho conversa a dois sombria e límpida - a consciência do Mal. Toda a estrofe está em antíteses, como o espelho dá ao homem sua antítese. A natureza dupla do carrasco de si próprio (83) chama a imagem do espelho. (10, fº 9 / fº 42).

¹ “De meu desespero” em “A Música” (LAPLANTINE, 2008b, p. 91).

Benveniste escreve que o tema mais importante em Baudelaire, mas um dos menos frequentes, é o *espelho*. Na listagem de palavras, o linguista constata que a palavra “espelho” aparece 16 vezes em *As Flores do Mal*. E a imagem? A imagem aparece de diferentes formas. Vejamos.

Conforme o fólio 85, o espelho é uma matéria que vive em Baudelaire: “os puros espelhos que tornam as coisas mais belas”. No final do fólio 97, o linguista escreve:

⁴⁵ N.T. Poder-se-ia hesitar entre “desejado” e “negado”, considerando-se que a questão aqui é efetivamente ora uma negação, ora um desejo do outro.

[...]

Importância do espelho o outro, o semelhante, o amado – ~~eu~~
ou a si mesmo que se contempla
e o mar se torna espelho

No fólio 269, Benveniste novamente aborda a importância do espelho:

2)

Tudo então em Baudelaire é correspondência
e tudo tende a realizar uma harmonia:
« Correspondências » e « Harmonia » são justamente títulos de poemas.

Daí a importância da noção de espelho:
o homem e o mundo se refletem um no outro.

Daí sobretudo a equivalência, o signo de identidade
colocado entre alguma coisa do homem e alguma coisa da
natureza. Importância do verbo ‘ser’ colocada na junção
como igualdade: « Vós sois um céu de outono » e em
idade mais jovem: « Todos os seres amados são os jarros de fel
que bebemos de olhos fechados »

Essa unidade e essa harmonia são de várias
ordens:

Em Baudelaire não há objetos. As coisas
não existem por si mesmas. Elas só são dadas
por e para sentimentos que suscitam no homem
em suas

isto é ainda ~~para as~~ correspondências. Assim, as
pedras, os metais - e a beleza feminina -
o movimento das inundações e da alma. (22, fº 17/ fº 269).

O que o linguista escreve aqui é que a partir da palavra “espelho”, e da imagem por ela evocada, “o homem e o mundo se refletem um no outro”. Ou seja, não há como separar o homem do mundo, pois um contém e está contido no outro, por isso eles se refletem. E nisso está a equivalência entre o homem e o mundo: os dois estão em relação de igualdade, um não é superior ou inferior ao outro. O homem e o mundo se correspondem e por isso se harmonizam a partir da imagem do espelho. Isso porque em Baudelaire o mundo não existe por si mesmo: “as coisas são dadas por e para sentimentos que suscitam no homem isto é ainda em suas correspondências”. Seriam o *homem* e o *mundo* entendidos por Benveniste como dois sistemas semiológicos distintos? E, além disso, haveria uma relação de homologia entre eles na obra *As Flores do Mal*?

No final do fólio 97, conforme visto anteriormente, ao escrever sobre a importância do espelho, o linguista anota que “o mar se torna espelho”. Essa anotação também aparece no fólio 270 com alguma alteração: “o mar que ainda é espelho”. No fólio 180, ao analisar o

poema *O homem e o mar*, Benveniste transcreve um verso do poema, “O mar é teu espelho”, e anota para esse verso: “Aqui o tema complica o tema do reflexo; de um lado o homem, de outro o mar, mas o mar como reflexo e duplo do homem”. Como conclusão da análise, Benveniste escreve:

[...] O mar é o homem, tudo nele responde a sua essência, mas ela é também o espelho ~~do homem~~, onde o homem contempla onde ~~este aqui encontra~~ e afronta sua imagem. O homem preza o mar e combate-o. Sua luta é aquela de gladiadores implacáveis, o homem e seu duplo, unidos pelo gosto da carnificina e da morte. (18, fº 7/ fº 180).

O mar é espelho; o mar é o espelho do homem; o mar é o homem, pois tudo nele responde a sua essência, registra Benveniste. Ao que ele escreve: o homem contempla e afronta sua imagem no espelho. Nesse sentido, o homem preza o mar e o combate, ou, poderíamos dizer, o homem preza e combate a sua imagem, ou, ainda, o homem preza e combate o seu duplo?

Além do mar, os lagos são apresentados como espelhos no fólio 270:

[...] Baudelaire só se interessa pelos lagos que são ainda espelhos ou transparências, pelas grandes águas em movimento, e enfim e sobretudo pelo mar, não denominado de outra forma (oceano também mas bem menos e de modo meio desfavorável), o mar que é ainda caro ao homem livre]
espelho, e também doce profundeza, envolvente, canção de ninar, que leva os navios e contém segredos.
[...] (22, fº 18/ fº 270).

No fólio 60, Benveniste escreve:

Nota

Baudelaire ~~em~~ em suas imagens recorre frequentemente ao mar
mergulho
(navio, vela, nado, etc.) e por outro lado, chama seguidamente o aniquilamento, morte e seguido evoca a profundeza, mergulho ou sono, ~~não emprega~~
nenhum exemplo de:
naufrágio, submersão, afundamento,

desastre.

afogamento é só metafórico em B.

Ao contrário

sepultar, enterrar, caixão, sepultura são

bem atestados, com o cortejo de decomposição de vermes e de deterioração.

B. não vê a morte em meio

às águas, na submersão onde o corpo desaparece

Jamais « os afogados dormindo a descer aos recuões » (Rimbaud) foi possível em Baudelaire.

(12, fº 8/ fº 60).

Benveniste escreve que Baudelaire, em suas imagens, recorre frequentemente ao mar; no entanto, não há exemplo algum de “naufrágio, afundar, soçobrar, desastre. [...] B. não prevê a morte no seio da água, na submersão ou o corpo desaparecendo”. O linguista cita um verso de Rimbaud para dizer que o que encontramos nesse poeta não é possível em Baudelaire. O linguista volta à questão de Rimbaud no fólio 47, cujo título é *As imagens do mar*:

Jamais Baudelaire evoca um afogado: (o verso de Rimbaud “os afogados dormindo a descer aos recuões” ~~ele~~ ele é justamente o oposto de sua concepção de mar). Ele jamais pensa no mar como uma estadia de morte. Os animais marinhos lhe são desconhecidos: uma única vez “e dormir no esquecimento como um tubarão na onda”; peixe está ausente de seu vocabulário. Comparar a frequência dos pássaros, dos animais, em direção da terra.

[...]

sombras

nas ~~sombras~~ abismos²

Ou Baudelaire não ~~omitiu~~ reteve as alegrias que jazem no fundo do oceano onde “muita joia dorme enterrada / na escuridão e esquecimento / bem longe das picaretas e das sondas” com a ambiguidade picaretas/ sondas referindo-se indiferentemente aos dois elementos. Comparemos então nas Litanias (CXX) “onde dorme enterrado o povo dos metais” e veremos que a profundidade das terras é unicamente para ele rica e geradora de imagens. (10, fº 14/ fº 47).

² abissal > abismos (?). (LAPLANTINE, 2008b, p. 101).

O que vemos aqui é que, diferentemente de Rimbaud, o mar, para Baudelaire, não é lugar para a morte, mas lugar para o reflexo do homem, ou seja, para a vida. Não há aqui menção às profundezas do mar como geradora de imagens, somente as profundezas da terra o são. O que interessa, pois, é a superfície do mar porque evoca o reflexo.

No fólio 217, Benveniste apresenta cinco palavras sob o título *mar*: “aparelhar um navio, cavernas basálticas, barra, capitão, pavilhão”. Estaria o linguista atrás de outras

palavras que evocassem o mar e por extensão a imagem do espelho? Não sabemos, pois não há pistas que nos encaminhem a isso.

O *mar* volta a partir do título *metáforas – líquidas* no fólio 96:

(citar)

Importância do verbo derramar e de afundar
de deslizar
verter-se.

Depois os grandes líquidos estendidos
mar – oceano – rios – águas – ondas
e por atração as imagens marítimas
porto velas mastros fragatas, marinheiros barco navio nau (14, fº 17/ fº 96).

Novamente é apresentada uma lista de metáforas da água no fólio 71:

metáforas da água

- nadar
- mergulhar
- afundar
- deslizar
- flutuar (13, fº 11/ fº 71).

Em busca da imagem do espelho, e do mar como espelho, Benveniste talvez estivesse realizando um levantamento das metáforas que pudessem remeter a essa imagem.

No fólio 85, assim como o espelho, o metal é problematizado como uma matéria vivente:

se reúnem, agem

As matérias vivem 'e formam as unidades

- o povo dos metais.
- os puros espelhos que tornam todas as coisas mais belas
- os fragmentos de ouro estrelam seus olhos (14, fº 6/ fº 85).

“Povo dos metais” é um trecho de um dos versos do poema *As litánias de Satã* (CXX):
“Tu cujo olhar desvela os fundos arsenais/ Onde sepulto dorme o povo dos metais”
(BAUDELAIRE, 2006, p. 397). O que vemos nesse excerto é que os metais e o ouro, como extensão do metal, aparecem como matérias que vivem, reúnem-se e agem. Num primeiro momento, Benveniste escreveria “as matérias vivem e formam as unidades” ao que ele risca e escreve “agem”. Parece-me aqui que o metal age como imagem e não forma uma imagem. No

entanto, nada mais é referido acerca desse aspecto em relação ao metal. Qual seria a diferença entre agir como imagem e formar uma imagem?

No fólio 239, Benveniste procede a um levantamento de termos – pelos números, parece que esse levantamento não foi concluído – relacionados à imagem do metal, cujo título é *Metais*:

	pedras	
aço	ágata	
ferro	opala	
ouro	diamante	
prata	rubis (1)	
joia	safira (1)	
cobre	pérola	(21, fº 31/ fº 239).

Também a *luz* comparece na escrita de Benveniste. No fólio 97, o linguista procede a um levantamento de palavras que fazem referência às grandes emanções luminosas. Destas, ele anota que “claro” é fortemente valorizado, aparecendo 51 vezes em *As Flores do Mal*. Também registra, mas sem quantificar, “farol”, “raio”, “reflexo”, “refletir”, “luminoso”, entre outros vocábulos. Estaria a *luz*, a partir do “reflexo”, para a imagem do *espelho*?

Em relação à luminosidade, a “pupila” aparece, no fólio 31, como uma “palavra-chave”:

^{luminoso}
 A pupila é o centro do olho
 contemplado. Baudelaire olha
^{longamente} os olhos dos gatos, os olhos
 das mulheres, os olhos da Beleza (9, fº 8/ fº 31).

No fólio 86, cujo título é *Imagem*, Benveniste anota “Toda beleza tende a uma figura de imobilidade”, remetendo ao poema *A Beleza*, também citado no fólio 31. A última estrofe desse poema versa “Pois que disponho, para tais dóceis amantes,/ De um puro espelho que idealiza a realidade:/ O olhar, meu largo olhar de eterna claridade” (BAUDELAIRE, 2006, p. 153). Seria o olhar também um espelho? Estaria a luz para o reflexo do espelho? E, ainda, seria o metal, como material que vive, reúne-se e age, igualmente um espelho? Assim, não estaria em todas as notas Benveniste atrás da imagem do espelho? Seria essa a articulação mencionada pelo linguista no fólio 81?

Voltemos aos fólios 42, 97 e 269 a partir de três excertos:

[...] Baudelaire não pode se encontrar senão em igualdade; não há

para ele o complementar: ele tem que ser idêntico. Somente o espelho ou o ser-espelho pode fornecer-lhe o parceiro desejado um outro ele mesmo, ao pé da letra.

[...] Importância do espelho o outro, o semelhante, o amado – ou
ou a si mesmo que se contempla

Tudo então em Baudelaire é correspondência
e tudo tende a realizar uma harmonia:
« Correspondências » e « Harmonia » são justamente títulos de poemas.
Daí a importância da noção de espelho:
o homem e o mundo se refletem um no outro. [...]
As coisas
não existem por si mesmas. Elas só são dadas
por e para sentimentos que suscitam no homem
em suas
isto é ainda ~~para as~~ correspondências

Parece-me que a imagem *espelho* revela uma importante correspondência: a correspondência entre o homem e o mundo, o homem e as coisas do mundo, o homem e seu duplo. Nesse sentido, o *espelho* coloca em cena a própria correspondência. Correspondência esta que se harmoniza. Isso porque em *As Flores do Mal* as coisas do mundo não existem por si mesmas: elas só existem por e para sentimentos que suscitam no homem. Ou seja, não há como separar as coisas do mundo e o homem, pois esses dois sistemas estão conectados na poesia de Baudelaire. E, dessa forma, eles se harmonizam. Esta é a articulação do *espelho*.

E é por esse viés que Benveniste escreve sobre o fundamento da poética baudelaireana:

1)

Fundamento da poética baudelaireana

Toda atitude de Baudelaire em relação ao mundo, à vida, ao homem encontra sua unidade neste princípio: Baudelaire quer colocar em correspondência e em harmonia a natureza do mundo e a natureza do homem

A natureza do homem, é tudo que a civilização, a sociedade, a miséria, a maldade sufocam ou deformam: a sensibilidade profunda, a liberação dos sentidos, as forças emotivas, a beleza instintiva, o acordo dos corações.

A natureza do mundo, é o aspecto oculto, profundo das coisas, aquele que também encontra no homem seu eco (“lua, água sonora, noite abençoada... sua pura melancolia é o espelho de meu amor” - ou ao contrário o balanço das vagas, os movimentos do ar”: (22, fº 16/ fº 268).

A imagem do *espelho* seria, então, uma das maneiras de suscitar a correspondência entre o homem e o mundo.

Dessons (2008) esclarece que a partir da poesia moderna não podemos mais pensar a imagem como um privilégio da poesia: a imagem é um elemento constitutivo da linguagem. E é a partir da escrita surrealista que a imagem, desde Aristóteles vinculada à representação, é entendida como enunciação.

Estaria Benveniste no final dos anos 60 justamente problematizando que a imagem diz da linguagem e, por isso, da experiência humana? Ou, ainda, o que as correspondências dizem do estudo empreendido por Benveniste?

Voltemos ao fólio 15:

[...]

(Nota: procurar as imagens criadoras, os esquemas que se engendram, e ver como eles se produzem e que estrutura eles constituem).

[...] (8, fº 5/ fº 15).

No percurso que vivenciei nesta parte da pesquisa, entendo que Benveniste escreveu neste fólio justamente sobre o que objetivava em seu estudo. O linguista procurou por imagens criadoras, tendo realizado diferentes levantamentos e encontrado variadas palavras, dentre elas “espelho”, “mar”, “lago”, “metal” e “luz”. A partir dessas palavras, pude observar que a imagem do *espelho*, de certa forma, engendra as demais a partir da correspondência entre o homem e o mundo. Nesse sentido, o grande esquema de *As Flores do Mal* seriam as correspondências. Benveniste parecia, então, atrás de metáforas e comparações que também colocassem em cena essa correspondência. Assim, parece-me que a estrutura que os esquemas constituem é a da correspondência mesmo, que coloca em harmonia no discurso da língua de Baudelaire o homem e o mundo. Correspondências que estão para a relação de homologia entre sistemas semiológicos distintos.

A imagem, então, a partir da palavra poética, coloca em correspondência o homem e o mundo. Pela palavra, o homem olha o mundo e se corresponde: a palavra que diz do mundo, diz do homem, diz de sua emoção e de sua experiência. A *correspondência* é, então, o princípio que estrutura o universo poético baudelairiano.

5.2.2 A Estrutura Profunda do Universo Poético

Em um primeiro momento, investiguei na escrita de Benveniste a escolha reveladora de imagens como possibilidade de um estudo semiológico. Da forma como leio as rumações de Benveniste, a imagem do *espelho* coloca em cena a correspondência entre o homem e o mundo.

Neste novo tópico, pesquiso na escrita de Benveniste traços de como o linguista buscava a estrutura profunda do universo poético, ou seja, a estrutura da obra *As Flores do Mal* de Baudelaire a partir da correspondência entre o homem e o mundo. Iniciemos pelo fólio 176 intitulado de *Baudelaire*:

Ver como se atualiza em língua o princípio das ‘correspondências’: os perfumes, as cores e os sons se correspondem’.
Devem-se distinguir dois planos, o da enunciação explícita dos temas: cabeleira, perfume, veleiro, etc. e o das implicações, que é traçado - inconscientemente - pela escolha dos tempos verbais, (o que mais?) e pelas sonoridades, pela escolha dos fonemas e dos grupos.

Papel da invocação em Baudelaire: eu te adoro, ô vaso etc. (18, fº 3/ fº 176).

Nesse fólio, Benveniste escreve que objetiva ver como as correspondências, vistas como princípio na poesia de Baudelaire, atualizam-se em língua. Há, segundo escreve o linguista, dois planos: o primeiro, o da enunciação explícita de temas, aqui investigado em 5.2.1; o segundo, o das implicações, que será agora pesquisado a partir da escolha dos tempos verbais e das sonoridades, e do papel da invocação. Sigamos por esse percurso, iniciando pelo *princípio das correspondências*.

Começemos pelas correspondências presentes no verso “Os sons, as cores e os perfumes se correspondem”. Benveniste, no fólio 131, problematiza essas correspondências, escrevendo que procedem geralmente do perfume, que funciona como evocante das visões e dos sons. No fólio 182, o linguista anota em itens aspectos relacionados ao perfume, à cor e aos sons presentes no poema *Correspondências*. Ao final, escreve que a palavra-chave para as relações entre o homem e as coisas é “de pilares vivos”, parte do primeiro verso do poema: “A Natureza é um templo de viventes pilares” (BAUDELAIRE, 2006, p. 127).

Benveniste escreve que “vivants piliers”, na tradução aqui utilizada “vivos pilares”, é a palavra-chave para as correspondências, pois são as coisas que colocam em relação o homem e o mundo:

[...] O templo assume o papel
do vivente, mesmo que o homem não esteja
ausente. (18, fº 9/ fº 182).

No tópico anterior, 5.2.1, vimos que o espelho e o metal também são considerados materiais vivos em Baudelaire. As correspondências acontecem porque o mundo, e as coisas, vive(m) a partir da relação com o homem. Nesse sentido, as correspondências funcionam como princípio porque não conseguimos separar o homem da linguagem. E é isso que encontramos no fólho 330:

3)

Pois

Mas ~~no~~ ~~la~~ essa experiência,
o fato de experienciar, pode
suscitar também uma visão
das relações mesmo entre
sensações, uma espécie
de reflexão emotiva:
daí “Correspondências”:
[A Natureza é um templo
.....] (23, fº 7/ fº 330).

Benveniste volta à experiência, mais precisamente ao ato de experienciar, para refletir que é esse ato que suscita uma espécie de reflexão emotiva. E seria essa reflexão, entendida como possibilidade de relacionar as diferentes sensações, a responsável pelas correspondências. O linguista retorna a esse aspecto no fólho 287:

[...] Ele transpôs
uma impressão global, uma emoção vertiginosa
suscitada por um perfume e que se reveste de
visões e de sonoridades deliciosas, em uma
composição poética onde as palavras ao mesmo tempo
significam e evocam, onde a música,
o perfume e a cor são nomeados
e até mesmo são apresentados pelo poder
intrínseco das palavras.

Fazer falar a emoção, e que as
palavras a denunciem sem a descrever, eis o problema
do poeta. (22, fº 35/ fº 287).

Baudelaire escreve por palavras que ao mesmo tempo significam e evocam a música, o perfume e a cor, ou seja, as correspondências. Não há aqui descrição, há significação e evocação: eis o problema do poeta, escreve o linguista. Como fazer falar a emoção? Como dar a emoção a partir das palavras? Através da imagem que coloca em cena as correspondências, pois, a partir desse princípio todo o universo poético está para a experiência e para a emoção; logo, para a significação e para a evocação. Isso porque as correspondências funcionam como princípio unificador entre o homem e o mundo. Pensando nisso, busco de que forma Benveniste torna e retorna ao perfume, ao som e à cor no DB para poder chegar à significação e à evocação.

Conforme trazido anteriormente, em 5.2.1, no fólho 128, o linguista escreve que Baudelaire é o poeta da fusão dos sentidos, sendo que nos poemas XXII e XXIII é o perfume que suscita outras sensações. Ao que ele volta no fólho 79, esclarecendo que é de fato o odor que guia as sensações. No fólho 41, Benveniste escreve que há vários temas relacionados ao odor, entre eles, o “perfume” e o “odor agradável”. Além disso, há metáforas e comparações geradas pelo odor. Por último, no fólho 93, *Universo do sentido*, o linguista inicia uma série de levantamentos em que, em primeiro lugar, está o odor. Assim, o perfume estaria para o odor, sendo que este estaria para um sentido humano.

Também os sons são problematizados por Benveniste. Ele escreve sobre eles no fólho 227, em que apresenta uma lista de palavras:

sons

retumbar (muito expressivo)

ecos

som(ns) sonoro

canto, canção

melodiosa (1 vez) (21, fº 19/ fº 227).

No fólho 243, o linguista escreve o título *música* e anota somente duas palavras: “acento” e “acordes”. Já no fólho 279, Benveniste traz algumas considerações acerca disso:

Sons

Alguma coisa, na sonoridade da palavra associada ao seu sentido, se combina com a impressão evocada pelo verso inteiro (ou pelo poema). Tipo: les souffles de la nuit flottaient sur Galgala. Hugo teria conseguido escrever (mas não escreveu): les brises de la nuit. Assim é o valor evocativo de – fl – que, reduzido

a um único apoio (“flottaient”), corria o risco de desaparecer. O – fl – somente adquire seu valor repetido. (22, fº 27/ fº 279).

Também o som é colocado como um dos sentidos humano. Nesse fólio, o som é problematizado a partir do verso do poema: há um valor evocativo presente na repetição de alguns sons. A repetição de sons tem o papel de evocar algo ou mesmo alguém.

E qual o papel da cor? No fólio 231, há uma lista de cores. Parece que Benveniste faz aqui um levantamento de palavras:

cores

pálido
branco
azul
louro (2 vezes)
castanho(a) (11 vezes)
ruivo (1 vez)
rosa
vermelho
verde (esverdeado verdejante ...)
(amarelo fracamente atestado
roxo ainda menos⁴⁶)
(21, fº 23/ fº 231).

No fólio 333, as cores são incluídas na escrita de Benveniste a partir do mecanismo da imagem poética:

Mecanismo da imagem poética

Parece que essa cor...

pensa por si mesma, independentemente dos objetos que ela veste»

(I p. 501)

Segue o brilho dado por Baudelaire de sua própria estrofe sobre Delacroix:

que puras são
Veem-se aí as cores / transpostas
em imagens da língua:

lago de sangue < o vermelho

um bosque sempre verde < o verde complementar

⁴⁶ Em francês, as cores estão em ordem alfabética.

um céu triste < fundos tumultuados e agitados
fanfarras e Weber < ideias de música despertadas
 pelas harmonias (23, fº 10/ fº 333).

Benveniste escreve a partir de um excerto de um poema, marcando que a cor é um material vivente. Isso porque as cores são suscitadas a partir de imagens; não é necessário que apareça a palavra “vermelho” para que a ideia da cor esteja presente, por exemplo. O que está em foco é a imagem *vermelho* e não a palavra *vermelho*. E essa imagem pode ser evocada de diferentes maneiras, inclusive pela palavra.

E de que forma esse princípio das correspondências aponta para a estrutura do universo poético de Baudelaire? No fólio 25, o linguista escreve:

O que quer Baudelaire, no fundo
 de sua poesia? Fazer reviver intensamente
 essa experiência extática que ele encontra,
 evocada por um perfume, por um
 rosto, e que nele reanima
 o paraíso da infância, as visões
 a luz, o calor, a beleza, o vigor,
 a lembrança divina que ele revive [ver
 os ex. de reviver e de encontrar].
 Não é tanto um retorno
 ao passado
 quanto uma eternidade encontrada na
 lembrança [os ex. de lembrança são
 essenciais]: “mãe das lembranças...” (9, fº 2/ fº 25).

Seriam as correspondências a possibilidade de reviver uma lembrança? No fólio 20, Benveniste escreve sobre o processo de comparação e sua relação com a possibilidade de suscitar uma lembrança:

Processo de comparação.

A semelhança é um tema favorito e
 sempre vai do ser amado à natureza, raramente
 o contrário (“tu te pareces com esses belos horizontes, com essas
 cavernas mágicas¹ - te adoro como à abóboda noturna.
 no limite, o vivente desaparece na matéria
 A correspondência entre as coisas elas
 próprias, entre as evocações que elas suscitam
 em sua lembrança: essa correspondência
 associa entre elas e liga uma à outra as sensações;
 ela produz em sua evocação as torções
de imagens. O exemplo típico e talvez o

auge da arte de Baudelaire é a
Cabeleira. (Considerar uma análise
 distinta desse poema)⁴⁷ (8, fº 10/ fº 20).

¹Leitura incerta, mas provável de « Você se parece muito com essas cavernas mágicas » (« Os olhos de Berthe »). (LAPLANTINE, 2008b, p. 47).

O título desta nota encaminha para um processo evidenciado no segundo parágrafo: há uma correspondência – quer seja entre as coisas elas próprias, quer seja entre as evocações que elas suscitam em sua lembrança – que associa e liga diferentes sensações e que produz em sua evocação uma torção de imagens. Seria esta a comparação de que fala o título do fólio?

No fólio 7, o linguista anota que é preciso buscar a frequência de “como” e de todas suas variantes. E é isso que ele registra no fólio 48, intitulado *Frequências e contrastes*, já aqui apresentado:

[...]			
[como	328	(a palavra mais absolutamente frequente de Baudelaire)
	assim como	36	se somarmos o equivalente, o
	parecido	14	total passa de 400
	semelhante	15	
	tal	10	
	[...]	(10, fº 15/ fº 48).	

“Como” é a palavra mais frequente: somam-se 328 usos! E se somarmos os equivalentes, “assim como”, “parecido”, “semelhante”, “tal”, somam-se mais de 400! Seria a comparação, por colocar em cena as correspondências, o processo mais frequente em *As Flores do Mal*?

No fólio 37, o linguista retorna às marcas da comparação a partir do poema LXXVIII. Analisando esse poema, Benveniste sublinha em diferentes versos de que forma a comparação é construída. Também no fólio 100, *Comparação*, os poemas II, IV, V, XVI e XXX têm versos de seus textos problematizados a partir de um princípio fundamental: “como apenas acompanha verbo diferente de ser. Portanto a identificação se opõe à comparação”. Ao que ele registra a partir de dois exemplos dos poemas XXXVIII e LXXVII, em que há o verbo “ser” e “como”: “Anotar e destacar: [...] é a relação que é essencial”. Não parece haver em Baudelaire a construção de identificações: as palavras não estão para identificar algo, mas

⁴⁷ Não encontrei no DB uma análise distinta deste poema.

para comparar. Isso porque é a partir da comparação que o princípio da correspondência pode se fazer presente.

Mas isso não quer dizer que o verbo “ser” não apareça na poesia baudelaireana. Sobre o verbo “ser”, Benveniste escreve no fôlio 178:

Constância e variações do “ser”
em Baudelaire

O princípio é este: em Baudelaire

A ontologia é primordial e específica: ontologia da identidade

o “ser” é o que une a criatura *entre dois*
vivente e sofredora à natureza bela e
impassível.

Há ~~há~~ um laço estreito e necessário entre
eles, tão estreito e necessário que lhes
é consubstancial: é o papel do verbo
“ser” de marcar essa união que coloca
um signo de igualdade entre as duas entidades.

Como se estabelece esse laço? Em
geral pela fórmula: x é y onde
 x é um ser e y a natureza, o verbo marcando
a identidade. O essencial é essa equação. Os poemas
inteiros são atravessados por ela, e uma vez
apreendido esse princípio, toda a poesia de Baudelaire se
ilumina: ~~toda~~ cada parte do ser humano
tem por par um elemento da natureza. É
a “correspondência” primordial. (18, fº 5/ fº 178).

Quando presente, o verbo “ser” não está para a identificação, mas para a igualdade: estabelecer um laço entre o homem e a natureza, entre o homem e os elementos dessa natureza. E aí está, nas anotações do linguista, a correspondência primordial: se x é y , então o *homem é a natureza*. E que natureza é essa? Voltemos ao fôlio 268:

1)

Fundamento da poética baudelaireana

Toda atitude de Baudelaire em relação ao
mundo, à vida, ao homem encontra sua unidade
neste princípio: Baudelaire quer colocar em
correspondência e em harmonia a natureza
do mundo e a natureza do homem

A natureza do homem, é tudo que
a civilização, a sociedade, a miséria, a maldade
sufocam ou deformam: a sensibilidade profunda,
a liberação dos sentidos, as forças emotivas,
a beleza instintiva, o acordo dos corações.

A natureza do mundo, é o aspecto oculto,
profundo das coisas, aquele que também encontra
no homem seu eco (“lua, água sonora,
noite abençoada... sua pura melancolia
é o espelho de meu amor” - ou
ao contrário o balanço das vagas, os movimentos
do ar”: (22, fº 16/ fº 268).

Entendo que a correspondência primordial, que funciona como princípio para a estrutura do universo poético, seja a natureza do homem em harmonia com a natureza do mundo. Dito de outra forma, a harmonia entre o que a sociedade provoca e o aspecto oculto das coisas: não há como separar homem e mundo, homem e sociedade, homem e cultura. E é por essa correspondência primordial que no fólio 140 Benveniste questiona:

É essa correspondência que
dá a Baudelaire seu ~~era~~
~~ete~~¹ estilo e sua temporalidade? (17, fº 19/ fº 140).

¹ Leitura incerta (LAPLANTINE, 2008b, p. 287).

Em diálogo com essa questão proposta por Benveniste, busquemos a categoria do tempo em sua escrita. E sobre esse tópico cabe a anotação que o linguista faz no fólio 143:

Linguagem poética

A linguagem poética pertence
ao uso sugestivo da
língua (Reichenbach Logic p. 18)
e deve ser categorizada como
tal. As categorias da linguagem
poética, e em especial as
categorias temporais, devem
ser definidas a partir dessa
propriedade, e não
na estrutura da linguagem
falada. (17, fº 22/ fº 143).

O que Benveniste marca nesta escrita a partir do “devem” diz da necessidade de definir o tempo *em* Baudelaire e não a partir do que conhecemos do uso ordinário. Isso porque há um uso sugestivo, e não um uso comunicacional, na construção da categoria temporal baudelaireana.

Passemos, então, à temporalidade *em* Baudelaire.

Há 18 fólios, entre o fólio 144 e 161, em que podemos observar uma sequência sob o título *Emprego dos tempos em Baudelaire*. Há anotações da predominância do tempo em poemas de *As Flores do Mal* e *Pequenos poemas em prosa*. Por vezes, o linguista também escreve uma característica ao tempo, por exemplo, imperfeito descritivo, futuro de um anúncio, futuro de intenção demoníaca, presente da evocação, futuro eternizado. Dos poemas anotados, encontramos de:

- a) *As Flores do Mal*, os poemas de I a X, de XII a XVIII, de XX a XXVIII, de XXX a CVIII, de CX a CXXVI, CXXV, CXXLI, CXXLII e CXXLVII;
- b) *Pequenos poemas em prosa*, XIV, XVIII, XIX, XXI, XXV, XXVI, XXIX, XXXI, XXXII, XXXIV, XXXVII, XXXVIII, XLVIII e XLIX.

Dos tempos registrados por Benveniste, a maioria está no presente, algo em torno de 50 poemas. Depois, seguem poemas no imperfeito, em torno de 10, e no futuro, em torno de 5. Há também dois registros de poemas em que há predomínio do passado simples.

Um exemplo de anotação que o linguista faz nesses 19 fólios é a que segue:

[...]
 II O albatroz inteiramente no presente
 III " " "
 IV " " "
 [...]
 (17, fº 24/ fº 145)

No fólio 33, encontramos uma escrita sobre o tempo linguístico:

O tempo linguístico

Uma distinção fundamental a colocar
 e a desenvolver nessas implicações:
 o tempo na memória / o tempo fora da memória

da narrativa }
O imperfeito é o passado ^{re}vivido no presente.
 Passado revivido, o imperfeito é o tempo típico da lembrança

O perfeito é o passado distanciado do presente
 Passado distanciado, o perfeito serve a um duplo plano: pôr
 distância entre o locutor e o passado que ele envolve,
~~criar~~ um laço entre o passado distante e o momento
 criar
 em que é evocado.

O futuro do pretérito (-ria) é a transposição do futuro para o 'discurso no discurso': 'ele disse que viria'. (9, fº 10/ fº 33).

Nesse fólio, o que vemos são considerações iniciais sobre o tempo linguístico; considerações a serem desenvolvidas a partir de duas implicações: o tempo na memória e o tempo fora da memória. Benveniste retorna a essas implicações, voltando muitas vezes ao imperfeito, ao presente e ao futuro. Nessa volta, interessa em seu estudo o tempo *em* Baudelaire.

Tempo baudelaireano

O espaço de tempo onde vive Baudelaire, ao qual se combina ^{que toca} sua sensibilidade mais espontânea, onde se move e vibra seu ^{a aproximação do futuro} presente declinando para o passado sob ^{o presente declinando para o passado sob} canto mais profundo é o declínio do presente no instante em que ~~fugindo para~~ ^{ele} foge, esse ponto que está entre o passado para o qual se retorna uma última vez com nostalgia e a iminência, ameaçadora e consoladora, de um futuro que ~~é o anúncio~~ anuncia a morte ou que está ^{essa margem roída} entre o futuro já além da morte. ; ^{é o presente do} pressentimento fúnebre e o passado da lembrança radiosa.

Em breve descenderemos à fria escuridão;
adeus, viva claridade de nossos verões tão curtos.

O puro brilho intenso da estação desaparecida o mantém ~~no~~ emergente no calor da lembrança ~~no~~ no momento em que se aproxima a descida ao ~~lugares~~ frios abismos obscuros. (18, fº 4/ fº 177).

Colocando em diálogo os dois últimos fólios, podemos observar que a memória parece ser o carro-chefe para problematizar a temporalidade baudelaireana: presente declinando para o passado, o passado que retorna como nostalgia e o futuro como um anúncio no presente, consolador e ameaçador da morte. No fólio 23, Benveniste escreve:

Memória afetiva, que faz reviver de repente, provocada por um eco, um odor, todo fragmento de nossa existência. Toda a arte de Baudelaire, todo o sentido de seu esforço, é “evocar os minutos felizes”, torná-los presentes, “no presente o passado restaurado”. (8, fº 13/ fº 23).

Nesse fólio, a memória está relacionada ao afeto – memória afetiva –, colocando em diálogo a memória, a emoção e a experiência. Essa tríplice é revivida a partir da evocação suscitada pelo som – eco – e pelo perfume – odor –, que se correspondem, colocando em cena a existência, ou seja, o humano. A partir da evocação dos minutos felizes, a memória é ativada pelas correspondências.

O verso “no presente o passado restaurado!”, final do fólio 23, é do poema *O perfume*, aparecendo na segunda parte de *Um fantasma*, XXXVIII. Esse verso retorna nos fólios 28 e 38:

A memória
e o imperfeito

A predominância do imperfeito
está ligada à predominância
da recordação em Baudelaire.

O imperfeito é o tempo da
recordação “no presente o
passado restaurado” (9, fº 5/ fº 28).

Os tempos em Baudelaire

“No presente o passado restaurado” (38, 2)

É a melhor definição possível
Do imperfeito, tempo memorial,
o passado disparado no presente e
revivido como um passado restaurado.

Assim todo « A Varanda » (36) é construído
como a reanimação progressiva do passado
« Mãe das recordações, há de te lembrar (10, fº 5/ fº 38).

Benveniste volta diversas vezes à memória evocada no presente. Do passado, há predominância do imperfeito em Baudelaire, pois este é o tempo da recordação, da memória. A partir da memória, é possível reviver o passado, restaurando-o no presente. Da forma como entendo, o linguista escreve que a partir da memória é possível ressignificar o passado: “no presente o passado restaurado”. *Restaurar* seria a possibilidade de no presente refazer e reparar experiências que ficaram nas lembranças?

No fólio 135, Benveniste escreve novamente sobre a lembrança e o imperfeito:

Tempo vivido

Só dois tempos contam, são
carregados de substância poética:

O imperfeito tempo da evocação,
da exaltação do passado em
uma presença recriada, da lembrança
revivida. Baudelaire não vive, ele
revive a realidade, que é incorporada
a seu ser, e que tal incidente do
presente faz suscitar.

O futuro, tempo onde se projeta a esperança
de uma consolação, de uma liberação, de uma
exaltação. (17, fº 14/ fº 135).

Ao afirmar que Baudelaire não vive, ele revive a realidade a partir do passado suscitado no presente, e que o futuro é o tempo da projeção de seus desejos, não estaria Benveniste escrevendo justamente sobre a linguagem?

De que forma acessamos o tempo via linguagem? Sempre pelo presente, pois vivemos no presente. O presente é o tempo axial. E é sobre isso que, no fólio 213, Benveniste escreve:

//

O futuro é o presente vivido
por avanço;
o imperfeito é o
passado revivido como
presente (21, fº 5/ fº 213).

É a partir do presente que o passado e o futuro têm existência. E eles têm existência somente a partir da linguagem.

Em Baudelaire, há, acima do presente, um par
~~em~~ anterior ~ futuro que se corresponde: é uma
realidade dupla, um se reverte no outro:
o que foi será. O presente é apenas
o ponto de onde o passado se evoca e o
futuro se pressente. (22, fº 70/ fº 322).

Mais uma vez a correspondência aparece aqui: passado e futuro são um par que se corresponde. Sendo, então, o presente o tempo axial, evoca-se o passado e pressente-se o futuro. Haveria aqui uma relação de homologia entre presente e passado, presente e futuro?

O futuro aparece em diferentes notas escritas por Benveniste. Há uma anotação em diagonal no fólio 166:

futuro profético
 futuro fatídico
 futuro prospectivo
 futuro da predestinação (17, fº 45/ fº 166).

Benveniste volta a mais dois futuros: um no verso do fólho 154 e o outro no fólho 168:

futuro de realização mística (17, fº 33/ fº 154 verso).

futuro receptivo (17, fº 47/ fº 168).

Seriam estes os futuros em Baudelaire? Seriam estas as formas de viver o presente por pressentimento?

O fólho 175 tem como título justamente *O futuro em Baudelaire*:

[...]

O futuro em Baudelaire está ligado a seu² psiquismo mais profundo. Seja aquele onde ele projeta sua fervorosa esperança - seja aquele em que ele enuncia uma predestinação, seja aquele em que ele indica um destino inelutável como uma condenação,

o futuro é o tempo ao qual ele aspira onde as coisas encontrarão sua realização, onde os sentimentos se elevarão ao êxtase e ao seu apaziguamento os corpos esperarão sua decadência final

e as almas serão enfim libertas.⁴⁸ (18, fº 2/ fº 175).

² Hesitação entre “seu” e “um” (LAPLANTINE, 2008b, p. 365).

Porque em relação com o presente, o futuro em Baudelaire coloca em cena o psiquismo do homem. Seria, então, o futuro, porque marca de algo que se presente, igualmente marca da psique que constitui o homem?

Benveniste (1956/ 1995) afirma que o discurso, a partir de suas regras, seus símbolos e sua sintaxe próprios, remete às estruturas profundas do psiquismo. O linguista defende que “o inconsciente emprega uma verdadeira ‘retórica’ que, como o estilo, tem suas ‘figuras’ [...]. Na

⁴⁸ O grifo aqui cumpre o papel de mostrar que Benveniste utiliza uma caneta preta que coloca o traço de sua letra como mais forte – parece-me que ele inicia com uma caneta esferográfica e conclui com uma caneta tinteira.

verdade, aquilo a que chamamos inconsciente é responsável pela maneira como o indivíduo constrói a sua pessoa, afirma, recalca ou ignora isto motivando aquilo” (BENVENISTE, 1956/1995, p. 94). Traria o futuro em Baudelaire marcas do que Freud perguntou em vão à linguagem “histórica”? Ou, ainda, teria a poesia de Baudelaire essas marcas?

Pensando no que a escrita de Benveniste revela de um estudo semiológico, remeto ao fólio 14:

Processos.

4

O poeta cria denominando os seres novos, os seres de poesia, que vivem uma vida própria, intensa, inspiradora
A noite, a lua, o mar.

ele procura ~~os~~ o ser profundo, oculto dos homens e das coisas. O sentimento que ele desperta é o da nudez profunda, o ser profundo, oculto, encoberto das convenções sórdidas, desfigurado pelos cálculos perversos. Ele quer restituí-lo à inocência original, fazê-lo reencontrar o paraíso perdido, recriar o frescor do mundo.

Toda a sua experiência é um retorno à condição perdida, a tudo que jaz enterrado (“o povo dos metais”...), ao que dorme na lembrança, aos perfumes esquecidos (o frasco) que seu discurso ressuscita para experimentar novamente e, passando pelo verso, ~~de-exist~~ adquire existência na evocação e não existe senão como nostalgia. (o “tempo” em Baudelaire) (8, fº 4/ fº 14).

Pela observação que consta no final da nota, “o ‘tempo’ em Baudelaire”, entendo que o tempo baudelaireano é uma forma de suscitar, mais uma vez, a correspondência primordial: como separar no discurso homem, mundo e linguagem? O discurso coloca em cena, *ressuscita* nas palavras de Benveniste, a experiência humana como possibilidade de existência, ou seja, a linguagem serve para viver. Pelo tempo, é possível retornar à condição perdida, ao que jaz enterrado, à lembrança, à cor, ao som e ao odor talvez esquecidos: o presente é o tempo do discurso, da experiência humana, da relação entre o homem e o mundo.

No fólio 201, Benveniste escreve que esta é a síntese subjetiva das impressões sensoriais que a objetividade ensina a separar: as correspondências.

Baudelaire

“Sei a arte de evocar os minutos felizes”.

Todas as palavras portent⁴⁹. Todo Baudelaire está aqui definido. Baudelaire é o poeta por excelência da evocação ou seja da lembrança que se torna presente. Essa evocação reanima os “minutos felizes” ~~em~~ o sentimento nostálgico da felicidade desaparecida e o sentimento luminoso e de sua brevidade; é esse auge evanescente da felicidade que a arte de Baudelaire faz emergir na noite ~~transfigurada~~ da paixão, que sua arte instala no presente vivido.

- “Os sons e os perfumes revolvem no ar da noite...

- Os perfumes, as cores e os sons se correspondem...

Baudelaire institui aqui a síntese subjetiva das impressões sensoriais, a unificação “poética” de que a “objetividade” é ensinada a separar-se. Mas isso é enunciado em linguagem conceitual: o sincretismo é descrito nesses elementos. ~~É~~ É excepcional que seja realizado no próprio enunciado. A arte de Baudelaire é explicitar e verbalizar em linguagem de noções o que é nele sensação densa, feixe de deleite e de tristeza, turbilhão de lembranças. O “Cisne” é também, de outra maneira, um caminho lucidamente traçado, aquele da confusão de evocações que suscitam umas às outras, o Louvre, o cisne humilhado, Andrômaca derrotada, o Simois. (20, fº 7/ fº 201).

Essa síntese subjetiva está ligada à evocação em Baudelaire, termo a que Benveniste volta várias vezes. Destaco aqui três retornos:

Memória afetiva, que faz reviver de repente, provocada por um eco, um odor, todo fragmento de nossa existência. Toda a arte de Baudelaire, todo o sentido de seu esforço, é “evocar os minutos felizes”, torná-los presentes, “no presente o passado restaurado”. (8, fº 13/ fº 23).

Fazer reviver intensamente
essa experiência extática que ele encontra,
evocada por um perfume, por um
rosto, e que nele reanima
o paraíso da infância, as visões
a luz, o calor, a beleza, o vigor,
a lembrança divina que ele revive [...] (9, fº 2/ fº 25).

⁴⁹ N. T. Nesse contexto, o verbo *porter* parece precisar de um complemento, que não consta no original. *Porter*: carregar, trajar, trazer consigo.

A correspondência entre as coisas elas próprias, entre as evocações que elas suscitam em sua lembrança: essa correspondência associa entre elas e liga uma à outra as sensações; ela produz em sua evocação as torções de imagens. (8, fº 10/ fº 20).

A evocação é a possibilidade de colocar em cena o subjetivo e não o objetivo que impregna a concepção de linguagem comunicacional. A evocação é, pois, possibilidade da correspondência primordial. Além disso, é possibilidade de *reviver*, palavra destacada nos dois trechos.

Também a sonoridade é associada à evocação por Benveniste:

de evocação
Sonoridades associativas

As três palavras urne - nocturne - taciturne
vibrante
têm ressonâncias idênticas - sonoridade de sino - e elas ligam
e prolongam as relações de evocação:

taciturne com “sois belle et tais-toi” de um lado
de outro
e as “les urnes d’amour” , e ~~de outros~~ ainda com nocturne
le vase de tristesse
silence et mystère.

A evocação é uma categoria capital em Baudelaire e talvez
em geral na poesia. (16, fº 4/ fº 121).

Pela sobreposição no título, de alguma forma retomada no texto presente no fólio, as sonoridades idênticas estão também para a evocação: elas “ligam e prolongam as relações de evocação”. Evocação, escreve Benveniste, é uma categoria fundamental em Baudelaire. Categoria esta, conforme aqui trazido, relacionada à possibilidade de reviver uma lembrança. Seria, então, a evocação, além do tempo, uma possibilidade de pensar a experiência humana na linguagem?

No fólio 170, Benveniste realiza o registro do paralelismo estrófico das vogais em *A morte dos amantes*, ao que ele segue nos fólios 171, 172 e 173. Apresentarei os fólios com os versos em francês, tendo em vista a análise do som.

Paralelismo estrófico
das vogais

I 1	Nous aurons des <u>lits</u> pleins d'odeur <u>légères</u>	
II, 1	Usant à l' <u>envi</u> leurs chaleurs <u>dernières</u>	
<hr/>		
I 2	des divans <u>profonds</u>	comme des tom <u>beaux</u>
II 2	nos deux coeurs <u>seront</u> qui réfléchiront nous <u>échangerons</u> Dans nos deux <u>esprits</u>	deux vastes flam <u>beaux</u> leurs doubles lumières un éclair unique ces miroirs jumeaux
	Les miroirs <u>ternis</u>	et les flammes mortes
	un soir fait de <u>rose</u> comme un long <u>sanglot</u>	et de bleu mystique tout chargé d' <u>adieux</u>
	et plus tard un <u>ange</u> viendra ranimer	entrouvrant les portes fidèle et joyeuse (17, f° 49/ f° 170).

Na sequência, encontramos uma espécie de resumo deste estudo :

Paral. Estrófico

Em resumo¹ rima da 5^a síl. e rima da 10^a

<u>5^a</u>	<u>10^a</u>
i	ère
i	ère
i	o
i	orte
ont	aux
ont	aux
ont	ère
ont	ique
eurs	ères
ous	eaux
ose	ique
ot	ieux
ange	orte
er	yeux (17, f° 50/ f° 171).

¹ Leitura incerta (cf. Laplantine, 2008b, p. 357)

Seguindo a ordem dos versos :

i	ère
onds	eaux
eurs	ères
ou	eau
i	ère
eurs	eaux
ont	ères
i	eaux
ose	ique
ons	ique
ot	ieux
ange	ortes
é	eux
i	ortes (17, f° 51/ f° 172).

Podemos observar que o registro trata dos sons vocálicos de cada verso de duas maneiras: na primeira, há uma organização por rima; na segunda, por verso.

Quadro 7 – Organização da análise das vogais empreendida por Benveniste

Fólio 171 – organização por rima	Fólio 172 – organização por verso
Nous aurons des lits leins d'odeurs légères, Usant à l'envi leurs chaleurs dernières, Dans nos deux esprits, ces miroirs jumeaux [o]. Les miroirs ternis et les flammes mortes.	Nous aurons des lits leins d'odeurs légères, Des divans profonds comme des tombeaux Et d'étranges fleurs sur des étagères Éclores pour nous sous des cieus plus beaux.
Des divans profond [ont]s comme des tombeaux Nos deux coeurs seront deux vastes flambeaux, Qui réfléchiront leurs doubles lumières Nous échangerons [ont] un éclair unique,	Usant à l'envi leurs chaleurs dernières, Nos deux coeurs seront deux vastes flambeaux, Qui réfléchiront leurs doubles lumières Dans nos deux esprits, ces miroirs jumeaux.
Et d'étranges fleurs sur des étagères Éclores pour nous sous des cieus plus beaux. Un soir fait de rose et de bleu mystique, Comme un long sanglot, tout chargé d'adieux; Et plus tard un Ange, entr'ouvrant les portes, Viendra ranimer, fidèle et joyeux,	Un soir fait de rose et de bleu mystique, Nous échangerons un éclair unique, Comme un long sanglot, tout chargé d'adieux; Et plus tard un Ange, entr'ouvrant les portes, Viendra ranimer, fidèle et joyeux, Les miroirs ternis et les flammes mortes.

Fonte : elaborado pela autora

Estaria Benveniste neste estudo problematizando de que forma a sonoridade e o verso estão para a evocação? Ou, ainda, de que forma a evocação está para a sonoridade e o verso?

No fólio 165, o linguista realiza uma análise das vogais, registrando algumas repetições de sons vocálicos presentes no poema *Duellum*. Da mesma forma, no fólio 166, o linguista escreve em relação às consoantes. No fólio 164, no anverso, há anotação de algumas consoantes e no verso de algumas vogais, como um esquema. No fólio 174, podemos constatar que se trata ainda do poema *Duellum*, mais precisamente do oitavo verso: “– O fureur des coeurs mûrs par l’amour ulcérés” (BAUDELAIRE, 2008, p. 144). No verso do fólio 147, há uma anotação desse esquema⁵⁰:

Analisar assim a estrutura consonântica:

^or^ür^{oe}r de c^{oe}r m^ür p^ar l^am^ur ü^ls^er^e

- 1) Predominância de r : sete r – dois l – depois l f d k m p s
- 2) uma só sílaba aberta, a última (admitindo que é proclítica)
- 3) todas as sílabas terminam em r.

O fureur des coeurs mûrs par l’amour ulcérés

o ü oe e oe ü a a u ü e e (XXXV Duellum)

o ü oe

e o^xü

a a u

ü e e

(17, fº 26/ fº 147 verso).

No fólio 26⁵¹, Benveniste destaca os sons nasais de três versos do poema *Correspondências*. Destaque este para o efeito de eco: seria aqui o eco a possibilidade de suscitar algo em retorno?

Nasais – efeito de eco distante

Comme de longs échos qui de loin se confondent
dans une ténébreuse et profonde unité

les parfums les couleurs et les Sons se répondent
(9, fº 3/ fº 26).

Também no fólio 76 o linguista escreve sobre as nasais dos dois primeiros versos de *Mulheres Malditas (Delfina e Hipólita)*, um dos poemas condenados em 1857:

⁵⁰ No anverso, há análise da predominância dos tempos verbais nos poemas de *As Flores do Mal*.

⁵¹ Essa nota foi escrita em uma ordem do dia do Institut de France, Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, datada de 10 de fevereiro de 1967 (LAPLANTINE, 2008b).

A surda ressonância das nasais
 não é melhor ilustrado que
 no contraste de 110 b

 A la pâle clarté des lampes languissantes
 sur de profonds coussins (13, fº 16/ fº 76).

O fólio 290 traz marcas de uma reflexão sobre o levantamento da sonoridade:

Harmonia do verso

O poder evocador dos sons só é perceptível
 àquele que conhece o sentido.

ao som somente.

Assim ele está ligado ao significante, não ~~aes-se~~

Daí resulta que o evocado só se torna possível
 e só se caracteriza como tal a partir
 do significado. Deve-se conhecer o significado para
 perceber o evocado.

O evocado é portanto portanto um sistema de
segundo grau. Ele se caracteriza pelo processo
 que acredito poder descrever assim:

É devido à identificação do
 que evoca profunda
~~evocando~~ a natureza do objeto que
 o som do que evoca se torna “imitativo”. (22, f 38 / f 290).

Ao escrever sobre a evocação e a sonoridade, Benveniste traz algo muito importante neste fólio: a relação necessária entre linguagem ordinária e linguagem poética. Isso porque é preciso que o som da palavra poética encontre o som da palavra ordinária para que a evocação ocorra. “O evocado é, portanto, um sistema de segundo grau” que necessita do sistema de primeiro grau, o da linguagem ordinária, para poder significar como segundo.

Além da evocação a partir do som, também a *invocação* torna e retorna na escrita de Benveniste. No fólio 106, encontramos:

XXXVI A varanda – todo inteiro em invocação

XXIX je te donne – mon nom

XL Semper eadem. vous / nous

XLII Que diras-tu – nous mettrons (14, fº 27/ fº 106).

Pela numeração dos quatro poemas presentes nesse fólio, parece-me que para cada um deles o linguista destaca algo sonoro. Para o primeiro, *A varanda*, ele anota que todo poema é invocação – para os três seguintes, ele anota o som, mas nos versos. O “oh” como invocação aparece tanto pela interjeição quanto pelas vogais das palavras.

Sobre a invocação, Benveniste anota no fólio 127:

Função da invocação em Baudelaire
Ora a invocação é o pedido de ajuda
através da oração (17, fº 6/ fº 127).

Benveniste retorna à função da invocação no final do fólio 176:

[...] Função da invocação em Baudelaire: eu te adoro, oh vaso etc. (18, fº 3/
fº 176).

No fólio 122, o linguista registra a invocação como um quarto item de uma série:

[...]
4) Uso frequente de invocação,
das formas de chamamento (vocativo)
de exclamações (oh...) (17, fº 1/ fº 122).

O que a escrita desses três fólios ruma parece ser o papel vocativo do “oh”. No fólio 137, o linguista registra que “oh” aparece nos poemas em torno de 90 vezes.

Oh é o título do fólio 88:

Oh

contraste : realidade / sonho,
traduz o susto diante do espetáculo do mundo, oposto ao sonho ou à
imaginação das origens: Assim V “apavorantemente”: oh monstruosidades!
XX surpresa da descoberta (oh blasfêmia da arte! oh surpresa fatal)
É sempre o signo da exterioridade mesquinha
Do próprio O homem e o mar: homem! (evita oh homem), em seguida oh mar
enfim: oh lutadores eternos, oh irmãos implacáveis.

|| Distinguir o oh da invocação dirigida aos seres: oh tu que a
 || noite torna tão bela - oh minha alma
 com um abstrato geralmente: oh furor dos corações maduros
 e o oh da exclamação interiorizada, que traduz a
 reação do poeta: surpresa de uma descoberta, de um contraste; pavor,
 desespero. Jamais surpresa feliz, sempre deploração, nesse
 sentido geralmente redobrado: mas o oh redobrado se dirige
 às vezes também aos seres e tem por efeito transformá-los em entidades
 ou figurações: muito característico é XXIV, idêntico à abóbada noturna
 imensidão
 oh vaso - oh grande... que tu ~~me foges~~ .. oh besta implacável
 Esse oh é sempre final de estrofe ou de poema
 cf. 97 estr. 4 oh encanto de um nada loucamente vestido!
 e sobretudo quando é redobrado: oh irmãos inimigos
 mesmo quando é vocativo: 64 oh minha tão branca oh minha tão fria
 e A uma passante oh tu que eu teria adorado, oh tu (14, fº 9/ fº 88).

Conforme escrito por Benveniste, a invocação – evocada pelo som –, num primeiro momento, precisa encontrar escuta a partir do sistema de primeiro grau para, a partir dele, transcender e experienciar a emoção a partir de um sistema de segundo grau: a obra *As Flores do Mal*. Escutamos em *oh* uma surpresa, mas na obra de Baudelaire esta surpresa jamais é feliz. Presente geralmente em final de verso ou final de poema – significando também por esse lugar –, *oh* traduz a reação do poeta diante de algo que o poema suscitou. Seriam, nesse sentido, para Benveniste, o uso ordinário e a obra literária sistemas semiológicos distintos?

Dessons (2008, p. 31) pontua que é como discurso que um poema significa. Nesse sentido, a análise de um poema deve levar em conta “[...] todas as unidades da linguagem que o constitui: fonema, sílaba, léxico, sintaxe...”. O poema, porque discurso, implica que todos os elementos que o compõem sejam tomados em relação, como um sistema, para assim poder significá-lo.

No entanto, Benveniste vai além. Não há no DB a análise individual dos poemas, mas uma análise em relação, ou seja, uma análise do poema em relação aos poemas de *As Flores do Mal*, ou, ainda, do poema na obra. O que também nos autoriza a dizer que há uma análise da obra literária *As Flores do Mal* porque há um estudo dos poemas e do discurso que o constitui em relação. E esse ir além diz do estudo de Benveniste pela particularidade e singularidade do discurso da língua de Baudelaire: as imagens criadoras, o princípio das correspondências, o tempo, a sonoridade, a evocação e a invocação.

Voltemos ao fólio 176:

Ver como se atualiza em língua o princípio das ‘correspondências’: os perfumes, as cores e os sons se correspondem’.

Devem-se distinguir dois planos, o da enunciação explícita dos temas: cabeleira, perfume, veleiro, etc. e o das implicações, que é traçado - inconscientemente - pela escolha dos tempos verbais, (o que mais?) e pelas sonoridades, pela escolha dos fonemas e dos grupos.

Papel da invocação em Baudelaire: eu te adoro, ô vaso etc. (18, fº 3/ fº 176).

A escrita de Benveniste não busca apenas como se atualiza o princípio das correspondências no poema *Correspondências* ou em um outro qualquer. O linguista busca esse princípio nos poemas e em cada poema em relação aos demais porque na obra *As Flores do Mal*. Também há anotações de *Pequenos poemas em prosa*. Nesse sentido, estaria o linguista estudando o princípio das correspondências em Baudelaire? Além disso, o tempo, as sonoridades e os fonemas são problematizados dessa forma; além do papel da invocação. Na escrita do linguista, não interessa ver como se atualiza em língua algum aspecto isolado: interessa observar esse aspecto em relação, ou seja, no discurso da língua de Baudelaire – que não circunscreve apenas um poema ou uma obra.

No percurso que vivenciei em 5.1, entendo que Benveniste escrevia buscando as relações de homologia entre diferentes sistemas para poder instituir uma relação de interpretância entre a escrita de Baudelaire e a língua. A partir de um estudo de base semiológica foi possível produzir significância para a particularidade e a singularidade do discurso da língua de Baudelaire. Foi olhando para a escrita de Baudelaire que Benveniste pôde pensar a língua e problematizar a linguagem.

Esse estudo semiológico colocou em cena o caráter radicalmente específico da língua poética, conforme apresento a seguir.

5.2 O CARÁTER RADICALMENTE ESPECÍFICO DA LÍNGUA POÉTICA

É justamente desta forma que Benveniste escreve no fólio 323: “Será bom, em todo caso, / tomar como hipótese de trabalho o caráter radicalmente específic[o] / da língua poética em todos os seus aspectos e em sua estrutura inteira”. O caráter radicalmente específico da língua poética era na escrita desse fólio a hipótese de trabalho do linguista. A palavra “radical” retorna no fólio 80:

Preliminares

A principal dificuldade - uma dificuldade muito grande –
linguístico
do estudo da língua poética vem de que dificilmente
se está consciente da especificidade das categorias dessa forma
de linguagem.

Alguns progressos foram feitos em direção a esse reconhecimento.
Em particular R. Jakobson (aqui especificar)

É preciso ver bem que os esquemas funcionais próprios
à análise
da linguagem em geral e feitos para isso que é
chamado de “prosa”, não convêm à análise da poesia.

Nós tentamos essa conversão de ponto de vista e essa
~~exploração na minha tentativa~~ criação de um novo
modelo, convencidos ao mesmo tempo de sua necessidade e de sua
presente insuficiência: nossa tentativa parecerá radical. Nós estamos
certos de que um dia havemos de nos censurar por não ter sido suficiente.
(14, fº 1/ fº 80).

Nesse fólio, não há mais uma escrita que anuncie uma hipótese, mas uma tentativa de trabalho com a língua poética. Tentativa esta radical, mas ainda não suficientemente radical. Benveniste escreve, em um primeiro momento, que não há consciência da especificidade e das categorias dessa forma de linguagem. Em seguida, o linguista escreve que ele tentou a conversão de um ponto de vista – analisar a linguagem poética pela linguagem poética mesmo e não pelo que se conhece da linguagem ordinária -, pois os esquemas funcionais precisam ser outros. Por último, Benveniste escreve que essa conversão de ponto de vista gerou a criação de um novo modelo, ainda insuficiente. Esse novo modelo, então, seria a tentativa não suficientemente radical?

No fólio 319, Benveniste retorna a esse aspecto de seu estudo. Nessa volta, o linguista escreve que, na verdade, não se saberia como ser radical nesse estudo:

São na realidade duas atitudes opostas.
Elas se separam sobre um ponto essencial a ser colocado
em evidência: sobre o que eu chamaria de gramática
semântica (ou poética?).

(Penso, afinal das contas, que a análise da
língua poética exige em tudo o entendimento do domínio
linguístico das categorias distintas. Não se saberia

ser muito radical. Será preciso então estabelecer: uma fonética poética, uma sintaxe poética, uma gramática poética, uma lexicologia poética.)

Eu poderia destacar de meu artigo essa frase do Projeto de prefácio de Flores do mal:

Deve-se insistir, para bem defini-la, na originalidade da gramática poética de Baudelaire.

“Questões de arte – terrae incognitae”

Aparentemente, o discurso de Baudelaire é tão coeso, tão regular, tão inteligível, tão bem cuidado, que parece da pura tradição clássica. O que desconcerta mesmo os poetas que o leem hoje com - no entanto - a dupla consciência da potente originalidade de Baudelaire (mas onde ela reside então?) e de todas as inovações (22, fº 67 / fº 319).

Essa dificuldade de ser radical seria porque Benveniste cita categorias de análise que dialogam com aquelas do uso ordinário? Ou seja, não é porque falamos em termos próximos à análise do uso ordinário que os termos da análise do uso ordinário sejam como os da linguagem poética. Trata-se aqui de um sistema segundo, de uma realidade segunda, conforme escrito por Benveniste.

Para pensar o caráter (radical) da língua poética, busco termos ruminados por Benveniste no DB. Essa busca não está para a totalidade, mas pelo que ela pode nos auxiliar a pensar esse caráter radical. Foquemos na natureza e no modo de funcionamento da língua poética.

5.2.1 A Natureza

Em relação à natureza, busco na escrita de Benveniste aspectos acerca do **material** e da **unidade de base** da língua poética. A partir dos trechos em que o linguista escreve sobre o material da língua poética, podemos observar que esta é a *palavra*. Não a palavra lexical, mas a *palavra escrita*. Em relação à unidade, podemos constatar que esta é também a palavra. Mais uma vez, não a palavra lexical, mas a *palavra como ícone*⁵². Vejamos.

- O pintor dispõe as cores, o escultor modela um material, o músico combina os sons.

As cores, o material, os sons são os materiais dos artistas pintor, escultor, músico.

E o poeta? O poeta combina as palavras. As palavras são o material com o qual ele trabalha. É portanto

⁵² Remetemos aqui ao que Benveniste anota na Aula 8 em *Últimas Aulas no Collège de France (1968-1969)*: “[...] ‘signo icônico’ (ou ‘simbólico’, como se queira, a escolha dos termos independe totalmente da terminologia de Peirce) [...]” (BENVENISTE, 2014, p. 132).

evidente que, tornando-se material do poeta, as palavras não podem mais ser os “signos” do uso comum.

Cada poeta utiliza à sua maneira esse material. Não existem dois que dele tirem o mesmo partido.

Mas o pintor, com a ajuda de suas cores, faz um quadro; o escultor, com seu material, faz uma escultura, o músico, com os sons, faz uma composição musical.

E o poeta? O poeta, com suas palavras, faz um ‘poema’, uma criação que explora as palavras para certos fins. ~~estéticos~~

Quais são esses fins? Antes de tudo, despertar o homem ~~o ser~~ para a verdade das coisas e dos seres, estabelecer um contato direto com a natureza verdadeira do mundo. O homem (22, fº 57/ fº 309).

Neste primeiro fólio, Benveniste está, a exemplo do que fez em *Semiologia da Língua*, pensando sobre o material de diferentes artistas: o pintor, o escultor, o músico e o poeta. É em comparação a outros artistas que o linguista delimita o material do poeta: a palavra. A palavra como material de um sistema semiológico.

No entanto, nos fólios 197 e 212, um dos que apresenta data, Benveniste pontua que ter a palavra como material de uma obra de arte não a coloca no mesmo patamar do material do músico ou do pintor, pois não se trata do mesmo sistema semiológico.

1/10/67

A língua de Baudelaire

Baudelaire é o poeta da interioridade do ser, de sua verdade profunda, dos sofrimentos do homem na natureza e na sociedade. Sua poesia visa a descrever a interioridade, as aspirações, os sonhos, os delírios, as lembranças aplicando-lhes o estilo que convém à exterioridade.

Não há nele tentativa de reduzir as palavras a um material que seria o equivalente dos sons para o músico, das cores para o pintor: será esforço de Mallarmé tratar a linguagem à maneira de um material sonoro.

[...] (20, fº 3/ fº 197).

O poeta combina e
distribui)
(sua matéria como o
músico os seus sons e o
pintor suas cores mas
diferentemente do pintor
e do músico que
empregam as matérias,
o poeta emprega as

palavras, que significam.
 A poesia é então
 algo contraditório:
 uma arte de signi-
ficações (21, fº 4 / fº 212).

A palavra é o material do poeta porque ele a usa *como* um material. Destaco o *como* porque a palavra presente na poesia, num primeiro momento, é a mesma do uso ordinário, com a significação deste. No entanto, ao usá-la na poesia, é à vontade que o poeta a emprega, ou seja, a significação do uso ordinário não é um *a priori* para a produção poética. Talvez aí esteja a contradição: a arte em poesia está no obstáculo que a palavra impõe. A *palavra em estado de arte* é então algo contraditório: contradiz a objetividade, o binarismo e a razão. A *palavra em estado de arte* é, pois, subjetiva, trinitária e emocional: eis a arte de significações, sempre no plural.

O fato essencial é que o poeta constrói essa visão interior com palavras. Ele usa palavras como um material, ele as emprega à vontade e sem levar em conta o “uso”.

Mas então duas possibilidades se oferecem teoricamente e foram ambas realizadas.

Uma é a de tratar essas palavras-materiais em vista de um efeito musical (frase-canto contínua onde a palavra perde sua individualidade), é o Mallarmé dos poemas, ou em vista de um efeito visual, por disposição e ao desafio da “gramática” as palavras sobre a página, é o Mallarmé do Jogo de dados.

A outra é a de constituir um discurso a partir dessas palavras-materiais explorando as imagens que elas suscitam em virtude do sentido ou da sonoridade.

O discurso será construído então sobre as imagens, e ele unirá essas imagens produzidas pelas palavras em uma proposta coerente, que terá a ~~estrutura~~

“gramática”

formal de um enunciado ‘ordinário’. Esta é a língua poética de

BAUDELAIRE

(22, fº 66/ fº 318).

Assim, a palavra é o material do poeta enquanto *palavra-material*. Porque material, a palavra é utilizada tendo em vista, conforme a escrita de Benveniste, pelo menos, dois efeitos: seu efeito musical no verso e no poema, e seu efeito visual na disposição da página. Ou seja, espera-se que a palavra gere *um efeito poético* porque material do poeta. Além disso, porque

material, a palavra, ao explorar as imagens constitui *um discurso*. Ou seja, “o discurso será construído então sobre as imagens /e ele unirá essas imagens produzidas em palavras em uma proposta coerente”.

E, conforme dito aqui, a palavra como material do poeta se relaciona com a palavra do uso ordinário. Essa relação é necessária, conforme vimos em 5.2.1, para que a evocação e a emoção sejam possíveis. Nesse sentido, Benveniste escreve que a proposta coerente que encontramos nas palavras de Baudelaire dialogam com a gramática formal do uso ordinário. Mas não são as palavras do uso ordinário. E esta é a língua poética de Baudelaire: uma língua que evoca e emociona a partir da língua ordinária. Benveniste sublinha esse aspecto no fôlio 350: “Na evocação a palavra é tratada como material”. A palavra-material não diz da emoção, ela dá a emoção a partir da evocação, por isso material.

Por último, Benveniste escreve que a palavra como material do poeta coloca em cena a escrita:

É preciso tratar as palavras
como materiais para
suscitar a visão, pois essa
visão é visão de alguma
coisa que ainda não foi
vista e o único meio que se
tem de fazê-la ver em
espírito é trabalhar as
que são
palavras o único intermediário
entre aquele que escreve e
aqueles que leem.
Mas então não se trata mais da linguagem,
é a escrita. (23, fº 16/ fº 339).

Porque a palavra é material do poeta, ela é o *intermediário* entre aquele que escreve e aquele que lê. Como bem esclarece Benveniste, a linguagem não é um instrumento de comunicação; logo, não é com a linguagem que o poeta trabalha. Poeta e linguagem são indissociáveis. Ao ter a palavra como material, o poeta trabalha com a escrita. É a partir da escrita que o poeta pode tomar a palavra como material e produzir as imagens que evocarão a experiência e suscitarão a emoção na língua poética. O material da língua poética coloca em cena que o poema, enquanto sistema semiológico, é um sistema não linguístico.

A partir dos fólhos em que Benveniste escreve sobre a unidade da língua poética, podemos observar que esta é a *palavra* como *ícone*.

O intentado em poesia é tudo: é o equivalente poético do ‘raciocínio’ ou da ‘situação’ que a prosa toma por objeto em geral.

O intentado poético é um estado poético, uma vibração particular da sensibilidade, a interiorização de uma sensação, de uma impressão.

É isso que governa a escolha das palavras pelo poeta: ele terá para escolher e associar as palavras mais vivas, as mais sugestivas, que suscitarão no leitor ~~o mesmo~~ o estado emocional cuja conversão em palavras o poeta tem como tarefa.

Isso quer dizer que a palavra é a unidade fundamental, mas uma unidade de natureza diferente daquela que é admitida para a palavra lexical. (22, fº 60/ fº 312).

O que o fólho 312 coloca em cena pela escrita de Benveniste é que a palavra poética, dada sua natureza icônica, suscita uma emoção, diferentemente da palavra lexical, cuja natureza suscita um pensamento. E é isto que governa a escolha das palavras: a vivacidade e a sugestão, pois será a partir disso que as palavras suscitarão no leitor a emoção – tarefa maior do poeta. A palavra-ícone a partir da palavra-material precisa suscitar a emoção.

Em primeiro plano vem, obsessão desde o início desta reflexão, o problema da palavra.

A palavra é para o poeta uma coisa bem diferente do que é para o locutor. Há uma teoria da palavra na linguagem poética que ainda está para ser elaborada, mas que não começará a existir senão a partir do momento em que se tiver ~~ab~~ renunciado à noção da palavra recebida da teoria da linguagem comum.

Isso resulta do fato de que o poeta pode escolher a palavra para dar a impressão da noção que ele quer exprimir: tulipa ou bondade ou tosão e milhares de outras podem, devidamente combinadas a outras palavras igualmente imprevisíveis, evocar poeticamente uma parte do céu ou o rosto da amada, ou qualquer outra coisa. (22, fº 29 / fº 281).

Benveniste escreve nesse fólho o quanto é difícil – ele chega a falar em obsessão – pensar a palavra na língua poética, pois é preciso abandonar o que se sabe sobre a palavra no uso ordinário. Vemos bem o quanto Benveniste retorna a esse tema e o quanto não é a razão

que conduz a escolha das palavras em um poema, mas a emoção; não a objetividade do mundo, mas a subjetividade do homem.

2

Em que o poeta quer nos interessar? Na natureza humana. Ele quer nos mostrar essa natureza nos fazer sentir que ela é nossa também.

(isso que é próprio do poeta)

Como ele vai fazer sentir - e não dizer ~~o~~ (o que não nos tocaria e que não é, de qualquer modo, o trabalho do poeta)? Por meio de uma linguagem especial, que não é mais a linguagem ordinária embora formada das mesmas unidades, mas um sistema próprio, organizado segundo suas próprias categorias e funções.

Essa linguagem deve referir-se a certa realidade.
e duplamente particular /

Essa realidade é sempre particular / ao mesmo tempo, porque ela é a realidade da poesia e porque ela é a realidade de um poeta. Na linguagem comum, a realidade é ~~repre~~ retratada pelo conjunto de signos que provê o inventário (o dicionário) da língua, com as escolhas e as frequências relevantes de cada emprego (ordinário) da língua (ordinária).

A linguagem poética tem outra realidade, que, embora coincida materialmente com tal parte do inventário (8, fº 2/ fº 12).

Como unidade, a palavra é a mesma do uso ordinário. No entanto, quando em uso, ou seja, quando no poema, a palavra é o ícone. Entendo, então, que não há duas línguas: uma língua ordinária e uma língua poética. Ao usar “poética” após “língua”, Benveniste marca que a *língua quando em estado de arte* é diferente de *quando ordinária*: “língua poética” diz então que há uma realidade segunda instaurada pela língua em estado de arte: o universo poético. Da forma como leio, o universo poético é o *discurso de Baudelaire* – ou mesmo o *discurso do poeta*.

Como o que lemos em um poema é a escrita do poeta, é preciso acessar a *língua em estado de arte* para adentrar no discurso do poema (do poeta?) e então deixar-se tocar pela evocação e pela emoção suscitada pela arte. Para ler poeticamente, é preciso ultrapassar a noção de signo como princípio único, como bem diz Benveniste em *Semiologia da Língua*, e aventurar-se na linguagem, ou seja, na emoção e na experiência.

Em dois fólios produzidos em papel áspero verde-claro amarelado – por isso a crença de que se trata de uma continuação –, encontramos o que segue:

O poeta faz ver e sentir.
 Ele não suscita o ‘sentido’ a não ser pela
 sensação. Tudo está na sensação
 comunicada pelas palavras; e a ‘ideia’ é aquela que a sensação somente
 pode suscitar.

Por consequência as ‘palavras poéticas’
 não remetem jamais a um pensamento
 explícito; mas por sua junção
 elas “dão a entender”, elas liberam uma
 intuição, despertam uma impressão que (23, fº 28/ fº 351)

conduz a uma representação ou
 a uma ideia.

É então 1º) a escolha
 2º) a junção que torna as
 ‘palavras poéticas’.

Mas qual é a ‘unidade’
 da língua poética, como
 correlato do ‘signo’ na
 linguagem cognitiva? (23, fº 30/ fº 353)

Esta questão que Benveniste coloca parece respondida quando ele analisa os poemas de Baudelaire: pela escolha e junção das palavras poéticas é a imagem que aparece a partir das palavras utilizadas. Nesse viés, a palavra, porque intermediária entre o poeta e o leitor, funciona no poema como um ícone e não como signo. A *leitura poética* não está para o reconhecimento de algo. A *leitura poética* está para a intuição de uma emoção ou de uma experiência: “tudo está na sensação/ comunicada pelas palavras”. E se pudermos falar de uma *ideia comunicada pelas palavras*, será somente como uma sensação suscitada por elas e não como um pensamento explícito nelas.

No percurso que vivenciei em 5.2.1, entendo que Benveniste escrevia buscando o material e a unidade do poema para, a partir deles, problematizar a significação poética. Sendo a palavra-escrita o material e a palavra-ícone a unidade do poema, entendo que o linguista o reconhece como um sistema semiológico diverso da língua. Nesse aspecto, parece haver uma certa dificuldade em lidar com essa questão; além disso, poder-se-ia ter mostrado aqui muito mais fólios em que Benveniste volta à relação “contraditória” entre língua ordinária e língua poética.

O caráter radicalmente específico da língua poética está, então, em compreender que a partir do material e da unidade do poema a língua pode ser outra coisa ao mesmo tempo, ou seja, ela não é a palavra do uso ordinário, mas também não difere desta.

5.2.3 O Funcionamento

Em suas últimas aulas, Benveniste (2014, p. 189) anota que “Não podemos construir nada com unidades. Não podemos encadeá-las nestes contínuos que são as frases”. Ou seja, a palavra como ícone em estado isolado não produz frases. É preciso que ela *funcione como ícone* – como unidade do poema – para significar. No entanto como as palavras que funcionam como signo no uso ordinário funcionarão como ícone no poema? Eis o problema da poesia:

O problema da poesia é
 fazer passar as palavras, do estado
 conceitual de signos, ao estado
 atual de ícones.
 (Ícones muito particulares, pois
 eles evocam o objeto, eles instalam
 sua presença)
 Mas a experiência das coisas
 as fazem passar em mim. As
 coisas ficam em mim, elas
 são doravante interiorizadas.
 E então elas se tornam
 poesia. (23, fº 4/ fº 327).

Há algo importante aqui: Benveniste escreve que a poesia se torna poesia quando interiorizada pelo leitor. O funcionamento do poema enquanto sistema semiológico necessita da língua do leitor para *acontecer* como poesia. Mas não se trata aqui de qualquer língua: é preciso que o leitor acesse a língua como estado de arte.

Benveniste volta a essa questão no fólio 258:

O discurso da língua ordinária encontra seu sentido fora de si mesmo porque coloca em relação dois parceiros e porque remete ao “mundo exterior”.

O discurso poético encontra seu sentido nele mesmo porque o “sentido” remete à forma poética.

Na verdade, a língua poética é icônica
 tal é o princípio de seu funcionamento.
 oferece

Isso quer dizer que ela ~~imita~~ com as palavras
 a imagem da coisa que ela diz, e não a ideia.
 Todas as palavras e as alianças de palavras são

tomadas em sentido imagético. [Retomar aqui as coisas que tenho escritas sobre esse assunto em outra nota] (22, fº 6/ fº 258).

Entender, então, o ícone como unidade do sistema poético é também entender que a língua poética funciona a partir dessa compreensão: se é a imagem que rege o funcionamento do poema, então a experiência emotiva está diretamente relacionada ao *acontecer poético*. Relação esta que coloca em cena pelo menos dois diferentes mecanismos de significação:

O mecanismo da significação poética é diferente.
 Restituição e transmissão da experiência que o fundamenta, pode escolher duas vias:
 ou recorrer a uma verbalização autodescritiva, que se volta sobre si mesma como linguagem ~~ex~~ o brilho das coisas descritas (Baudelaire);
 ou abandonar deliberadamente o plano do inteligível e empregar a palavra como material de uma linguagem dotada de sua própria virtude musical e evocativa (Mallarmé) (23, fº 35/ fº 358).

Em Baudelaire, há, então, uma verbalização que se volta sobre si mesma como linguagem, ao contrário de Mallarmé, que abandona o plano do inteligível.

Benveniste “convoca” Mallarmé para pensar a poesia baudelaireana pelo menos em 17 fólhos do DB. Dessa aproximação, o linguista escreve que Baudelaire, de certa forma, antecipa Mallarmé (fólio 73), pois a fissura que aquele faz aparecer entre a língua poética e a língua literária não poética, este consumará de fato (fólio 359). Porém, a palavra presente na poesia de ambos, salvo exceções, é a mesma presente no dicionário. Neste ponto, pergunta-se Benveniste: “No entanto não é a mesma língua. Por quê?” (20, fº 12/ fº 206), ao que ele responde no fólio 277:

A palavra na poesia.

Nós eliminamos da poesia o conceito de signo que nós julgamos inteiramente inadequado, já que nós rejeitamos a noção de referente e de denotação. Deve-se seguir essa consequência que pode ser considerada de grande alcance: a palavra, de signo,

torna-se símbolo. Ela se identifica com a coisa denominada ao ponto de prender a aparência e as propriedades psíquicas. Como ela pode se identificar assim com as coisas? Pelo som. A sonoridade na poesia se torna evocativa da coisa porque nela emana
[...]. (22, fº 25/ fº 277).

Nesse fólio, Benveniste escreve “símbolo” em vez de “ícone” – o que ocorre somente nessa nota. Para além disso, o que aparece na escrita do linguista é a busca de como o poema funciona, ou seja, como a significação se dá a partir do ícone. O que ele repete nos fólios 256 e 257:

[...] O que o poeta diz em verso não pode ser dito senão em verso.
Não há erro maior nessa questão do que falar do “sentido” de um poema. O “sentido” não tem o mesmo valor em poesia que tem na linguagem comum. É necessário colocar (22, fº 4/ fº 256).

isto já no início de todo estudo sobre a linguagem poética: 1) a dicotomia forma : sentido tem aqui ainda menos sentido do que em qualquer outro lugar.
2) o “sentido” em poesia é interior à “forma”.
A linguagem comum visa a uma realidade uma situação que ela denota, que ela descreve. ?
Mas a língua poética não denota,
desenha
ela emociona, ela ~~imita~~ em sua forma sonora o sentimento que ela sugere [...] (22, fº 5/ fº 257).

É nesse viés que podemos falar que a poesia baudelaireana é uma língua que se volta sobre a língua como linguagem? É isso que Benveniste escreve quando anota que o sentido é interior à forma? E isso diz do funcionamento do poema ou somente do poema baudelairiano?

No fólio 5, Benveniste escreve que a linguagem icônica não rompe com o sistema geral da língua; no entanto, difere deste tendo em vista a forma como significa:

A linguagem icônica não rompe com o sistema geral da língua, ela não emprega elementos fônicos nem significados que sejam estranhos à língua, e Baudelaire conserva uma sintaxe que é no geral

a da língua comum.

Mas a linguagem icônica é, contudo, uma linguagem particular pelo fato de que o sistema signífico é utilizado como sistema icônico, ou melhor dizendo: o princípio icônico sobrepõe-se ao princípio signífico.

(É a diferença entre a linguagem de Baudelaire e a de poetas mais recentes, a partir do Mallarmé mais recente até os surrealistas: ~~que~~ estes querem substituir¹ a linguagem icônica pela linguagem signífica

Quando em Baudelaire a linguagem signífica é

substituída pela linguagem icônica, é para um efeito ^{estilístico} ~~particular~~. Ele ~~em-~~ ~~produz~~ prega esse processo para concluir: ~~para uma sentença~~ ~~onde~~ a ironia toma um rumo ~~ironicamente~~ ~~sábio~~ e destacado. ~~uma descrição~~ em um final sentencioso: “tudo que o diabo faz, faz bem feito” - e no final das Corujas. “ (6, 1º 5/ 1º 5).

¹ *Substituer* em sobreposição a “re”. (LAPLANTINE, 2008b, p. 17).

E como funciona o princípio icônico? Parafraseando Benveniste a partir de *Semiologia da Língua*, podemos dizer que o poema, enquanto sistema semiológico, funciona na relação que une os ícones e lhes confere função distintiva. E que relação é essa? Nesse artigo, o linguista não aborda o poema; no entanto, ele aborda a linguagem artística para falar das relações significantes:

As relações significantes da “linguagem” artística são descobertas NO INTERIOR de uma composição. A arte não é jamais aqui senão uma obra de arte particular, na qual o artista instaura livremente oposições e valores que ele manipula soberanamente, não tendo nem “resposta” a dar, nem contradição a eliminar, mas somente uma visão a exprimir, segundo critérios, conscientes ou não, de que a composição inteira dá testemunho e torna manifesto. (BENVENISTE, 1969/1989, p. 60).

Neste ponto, o linguista afirma que podemos distinguir, pelo menos, dois tipos de sistemas: um em que a significância é posta pelo autor na obra e outro em que a significância remete a uma convenção identicamente recebida entre parceiros. Para o primeiro, é possível depreender a significância a partir das relações que o organizam. Para o segundo, a significância é inerente aos próprios signos (BENVENISTE, 1969/ 1969).

Laplantine (2008a, p. 156) apresenta que no rascunho desse artigo, Benveniste escreve uma observação neste ponto: “[Dever-se-ia ver se a semiótica literária não será ela mesma

ressaltada da mesma condição: não se teria mais que colocar questões sobre a significação objetiva; o caminho será aberto na direção de um outro tipo de análise]”.

A partir dos fólios aqui em estudo, entendo que Benveniste estudou o funcionamento do poema a partir do discurso *de* Baudelaire. A significância não é inerente à palavra ou mesmo ao ícone: a significância é a emoção suscitada pela palavra, se é que podemos falar em “significância” a partir do discurso *de* Baudelaire. E nesse viés é necessário um outro tipo de análise, um novo sistema de significações:

Poesia

A língua poética não reúne as
palavras-conceito, mas as palavras-imagem.
A “imagem” em sentido próprio, é
a propulsora profunda da poesia.
Trata-se de impor a visão direta
das coisas, a verdade das coisas.
Toda linguística da
poesia deverá proceder da
noção de imagem e
conceituá-la para dela extrair
a articulação de um novo
sistema de significações. (19, fº 2/ fº 188)

No fólio 55, Benveniste escreve sobre a diferença entre *significar a ideia* – palavras-conceitos – e *iconizar a emoção* – palavras-imagem:

Na linguagem ordinária, as palavras significam
a ideia; na linguagem poética, as palavras
iconizam a emoção.
O iconizante objetivará reproduzir
o mais próximo possível a impressão ‘pathética’
e o iconizado será conseqüentemente um
significado que se torna presente na imaginação.

Assim NUIT tomado como ~~palavra~~^{significante}
iconia será distinto de nuit como
signo, embora o poeta o empregue também como
tal (“jour et nuit” = sem parar) às vezes
e será cada vez de modo particular. Por exemplo
O iconizante
~~O significante~~ nuit será - paradoxalmente mas
de acordo com a verdade icônica distinta da verdade
signífica - vinculado a es o iconizante luit (XCI luisant
comme ces trous où l’eau dort la nuit... e a rima
reluit) e o iconizado NUIT será então
ou reino
um domínio ~~de~~ certa claridade distinta da

(cf. IV vasta como a noite e como a claridade) diurna (12, fº 3 / fº 55).

O que vemos na escrita desse fólio é já um pensamento bastante elaborado acerca do poema como sistema. No uso ordinário, temos o signo: significante e significado. No uso poético, temos a iconia: iconizante e iconizado. De alguma forma, a palavra na poesia *toca* o signo, a exemplo de *nuit* em diálogo com *jour*: mas ela toca para *transcender*. A palavra como iconia toca o signo para poder impulsionar-se a outro universo de significação, o da evocação.

Nesse fólio, Benveniste escreve “iconia” em vez de “ícone”. E isso acontece em mais dois fólios:

uma

iconia ou um iconismo
se decompõe em

iconizante
iconizado
adj. icônico

O ‘referente’ será designado

como empatia
patheme (13, fº 4/ fº 64).

No fólio 64, Benveniste produz uma espécie de esquema em que explica como funciona uma iconia (ou um iconismo). Haveria uma diferença entre o ícone e a iconia?

Além disso, parece haver uma aproximação entre o que Benveniste pensa para a iconia e aquilo que Saussure colocou para o signo linguístico: a iconia une um iconizante e um iconizado; assim como o signo une um significante e um significado.

No fólio 57, encontramos outro esquema:

Forma e sentido se distribuem de maneira diferente
em poesia do que na linguagem comum.

Deve-se partir do nível do signo.

O signo poético é bem, materialmente, idêntico
ao signo linguístico. Mas a decomposição do signo em
significante - significado não basta: é necessário acrescentar
uma dimensão nova, a da evocação:

que refere
~~em relação~~ não à ‘realidade’ (conceito da linguagem
comum) mas à ‘visão poética da realidade’

Assim à relação significante
significado { ~ referente

a linguagem poética acrescenta (ou substitui) evocador ~ emoção
evocado inicial

Seria preciso, então, um termo novo que
seria para a linguagem poética o que “signo” é
para a linguagem ordinária. Eu proponho:

eicasme eicastique⁵³

Um eicasme se decomporia em evocador { eicaçesant
evocado { eicaçesé

(12, fº 5/ fº 57)

Neste fólio, de fato, Benveniste escreve que há uma aproximação entre o signo e o que ele propõe como *éicasme*. Laplantine (2008a, p. 270) afirma que *éicasme* significa “a representação, a imagem”. Além disso, a linguista defende que todos os termos relacionados à *éicasme* colocam em cena a semelhança, a comparação. Em 5.1, vimos justamente que a correspondência é o princípio fundamental da língua poética baudelaireana: seria este fólio uma escrita que buscava um caráter mais radical para nomear a unidade do poema? Seria esta uma tentativa, inclusive, de não ser confundido com Peirce?

O esquema do fólio 57 também coloca em cena o que o linguista escreveu sobre o papel evocador da sonoridade: é necessário, primeiramente, que a palavra acesse o uso ordinário para, então, poder evocar uma emoção. O poema é, de fato, para Benveniste, uma realidade segunda.

Assim, o que aparece escrito nesses fólios é que o poema evoca uma emoção associada às palavras-imagens que a portam e a iconizam. Nesse sentido, a iconia – **o ato de iconizar a emoção** – é o princípio de funcionamento do poema. Esse funcionamento deve ser pensado, então, a partir do iconizante – a imagem – e do iconizado – a emoção. Por isso o poeta dá a emoção e não diz a emoção: o ícone (imagem e emoção) instaura correspondências suscitadas pela emoção e pela experiência.

Também no fólio 58 Benveniste escreve sobre a iconia:

Em outro lugar o iconizado NOITE é ambíguo, às
vezes obscuro e cintilante: seria preciso citar
na íntegra Os olhos de Berta (CXL)

⁵³ No fólio, Benveniste escreve “éicasme” e “eicastique” em grego.

O iconizado se determina pelos
sintagmas: às vezes bom, doce como a noite
a doce noite
ou noites assustadoras (seria preciso citar todo o repertório).
Em poesia o sintagma se estende para além de
limites
suas dimensões gramaticais; ele compreende
a comparação, o entorno maior,
às vezes a rima. Proporíamos para
sympathème ?
renomeá-lo symphorie ou symphronie

O paradigma é memorial
e emocional. A iconia põe em
movimento as associações que não são mais
somente semânticas ou ideais, mas
pathemáticas. (12, f° 6/ f° 58).

E mais uma vez o linguista pensa a iconia a partir do signo: há o sintagma e o paradigma no poema. O sintagma está para o iconizado – a emoção – e vai além dos limites gramaticais do uso ordinário, compreendendo a comparação, o entorno maior – a evocação? – e às vezes a rima. Ao final da anotação, Benveniste propõe renomear o sintagma, mostrando-se em dúvida entre três termos: *sympathème*, *symphorie* ou *symphronie*. O paradigma está para o iconizante – a imagem –, sendo este memorial e emocional, ou seja, a escolha das imagens está para além do semântico, envolvendo principalmente associações pathemáticas – que visam a comover, a emocionar.

Laplantine (2008a, p. 258) afirma que *sympathème*, *symphorie* e *symphronie* não são os mesmos termos. Mesmo sem sabermos de fato qual termo Benveniste usaria, o que interessa é que esses termos colocam em cena, segundo a linguista, a “[...] dimensão de uma leitura subjetivante [...]” que de certa forma se opõe ao sintagma, “[...] uma ordem bem mais objetiva”.

Porque a poesia é uma linguagem carregada de emoção, ela não diz: ela suscita, ela evoca, por isso é necessária uma sintagmática poemática (fólio 314). Uma organização de palavras que comporte o não dizer e o não saber, que comporte o simples sentir, a emoção, a experiência, impronunciáveis pelas palavras do uso ordinário. Por isso escreve-se um poema: para tocar a emoção, a linguagem, o humano.

— Entrevejo um princípio fundamental da língua poética,
conforme ela é submissa à forma (ou à estrutura) do
verso, da rima, da estrofe, que é a estrutura do poema.

Essa língua poética é então condicionada às vezes por sua natureza própria e pela forma do poema. e A composição poética determina em parte a língua poética.

O princípio é que cada palavra poética tem seu paradigma poético poemático; este é constituído pelo conjunto de possibilidades de rima que a palavra em questão comporta. Esse paradigma, chamaremos poemático porque ele é dado na estrutura do poema, e é exigido por essa estrutura. É para a parte terminal do verso somente.

Haverá, paralelamente, uma sintagmática poemática para reconhecer: aquela comandada ~~determinada~~ pela medida do verso (interdição de exceder um dado número de sílabas, divisões internas, etc.)

Tudo que é poemático é de condição (22, fº 62/ fº 314).

estrutural externa (= nenhuma previsão quanto à expressão poética) (22, fº 63/ fº 315).

Mais uma vez Benveniste volta aos eixos paradigmático e sintagmático. E mais uma vez ele escreve, a partir deles, que a significação poética está diretamente ligada à forma do poema, ou seja, à sonoridade e à distribuição na página. O funcionamento do poema coloca em cena que a palavra-escrita necessita suscitar o som que evocará a emoção e a experiência. O material é a escrita, mas o funcionamento transcende a escrita, pois precisa encontrar a língua e o discurso. Ou seja, a escrita funciona como poema mediante uma semiologia de segunda geração: é preciso transcender o signo como princípio único de funcionamento e adentrar no discurso.

O poeta
~~Se~~ recria uma semiologia nova,
 pelas junções novas e livres das palavras.
 Por sua vez o leitor-ouvinte encontra-se em presença de uma linguagem que escapa à convenção essencial do discurso. Ele deve a este ajustar-se, recriar por sua conta as normas e o 'sentido'.

Pode-se dizer que na linguagem ordinária, as palavras são subordinadas ao intentado, ao mesmo tempo enquanto signos e em sua faculdade latitude e inversamente sintática combinatória, e esse intentado se transfere em signos porque é da mesma natureza,

sempre
 e passível de ser verbalizado, o pensamento é consubstancial
 aos signos. Todo enunciado, toda proposição é
 implicitamente passível de formulação em signos e na sintaxe
 que os signos requerem. São mutuamente ~~conversíveis~~
 conversíveis. (22, fº 53 / fº 305)

Benveniste, no fólho 305 escreve que o poema é de fato uma semiologia nova, diferente da semiologia do signo. Reparemos na palavra “livre” sublinhada. Estaria dialogando com *Semiologia da Língua* quando Benveniste (1969/1989, p. 60) afirma que “[...] o artista instaura **livremente** oposições e valores que ele manipula soberanamente não tendo nem ‘resposta’ a dar, nem contradição a eliminar, mas somente uma visão a exprimir [...]” [grifo meu]? E que visão seria essa em Baudelaire?

Com certeza, não é o pensamento consubstancial ao signo. No poema, a língua pode ser outra coisa ao mesmo tempo: “o privilégio da língua é de comportar **simultaneamente** a significância dos signos e a significância da enunciação” [grifo meu] (BENVENISTE, 1969/1989, p. 66). Eis a língua poética: a língua em seu funcionamento discursivo. O funcionamento da língua é, pois, discursivo.

Assim, na língua poética, não há um pensamento que se converta em signos – há uma *emoção* e ao mesmo tempo um *sentido poético* suscitados no e pelo discurso.

Ela tem sobretudo um funcionamento diferente, um fim distinto. Ela não está destinada a levar uma mensagem, ela deve fazer viver uma impressão, comunicar uma experiência. A arte não tem outro fim senão o de abolir o “sentido comum” e fazer experimentar outra realidade, mais verdadeira, que não teríamos sabido descobrir sem o artista. O esforço do poeta recai sobre as palavras, e as palavras são o que atraem a atenção do leitor ou do ouvinte. As palavras estão lá como um objeto em si: sobre elas convergem os olhares, são elas que o espírito interroga; nós as contemplamos por elas mesmas. Elas formam um discurso todo particular, rítmico sem dúvida, mas antes criador de uma significação específica. É dessa significação que nos esforçamos para extrair o princípio. (22, fº 52/ fº 304).

Benveniste escreve aqui que ainda é preciso extrair o princípio da significação poética. Em Baudelaire, seria o princípio das correspondências? No poema, seria o princípio de que cada poeta constrói o *seu* próprio princípio de significação?

Não temos uma resposta de fato a essas questões; no entanto, temos já pistas de como essa significação se dá. É necessário:

- 1) abolir o sentido comum, a realidade primeira, e viver uma impressão, experienciando uma realidade segunda;
- 2) exorcizar da palavra a coisa, contemplando a palavra como um objeto;
- 3) reconhecer o discurso como particular e singular.

Benveniste volta a essa questão nos fólhos 253 e 254 a partir do problema linguístico:

A linguagem poética

Creio ver agora a chave do problema que coloca a linguagem poética (ou seja, para mim, a de Baudelaire) e como problema linguístico.

É que a linguagem poética não tem denotação no sentido em que a linguagem comum tem a função de denotar. É essencialmente a razão que torna o poema inconversível em prosa.

É uma linguagem sem denotação, e que no entanto mantém a aparência de uma língua, e toma a forma de um discurso. Como compreender esse paradoxo?

Que a língua poética não tenha denotação situa o problema não no nível do signo mas do discurso inteiro ou melhor ~~da função~~ do poema como realização de certo exercício da língua poética. É o discurso inteiro que revela a natureza da língua na qual ele é construído.

Na língua comum a denotação é o retorno à “realidade” do mundo. A língua poética imita a denotação, mas ~~a “realidade”~~ remete a uma “realidade” inteiramente fictícia, que é criada pela sensibilidade e emoção. p.169)
~~Uma arte~~ A poesia é “uma arte consagrada às ficções” (Mallarmé

As regras de adequação à realidade que regem o discurso comum são substituídas pelas regras (?) de adequação à emoção ou à imaginação. (22, fº 1 / fº 253)

Como ele obtém essa “denotação de emoção”?

Por suas disposições particulares das palavras, que permanecem signos, mas valorizados de maneira renovada pelas novas alianças.

é

A “realidade” ~~sendo~~ assim dada como o estado

~~do poeta~~

emocional (que suscita o discurso poético, o qual deve por sua vez produzir no leitor ou ouvinte o mesmo

estado emocional.

Como então se realiza essa linguagem? Pelas combinações de palavras, ~~apropriadas para produzir esse efeito e~~ como signos tomadas do léxico da língua, mas ~~as~~ escolhidas e arranjadas de modo novo⁵⁴.

A emoção é um sentimento extremo, talvez toda¹ ~~senti~~ paixão ~~mente~~ que se exprime em poesia está fadada a tomar a uma forma extrema. É certo que a poesia não sendo obrigada senão a responder a um sentimento e a produzi-lo, ~~comportamento~~ não conhece nenhum limite em seu ~~comportamento~~ ~~atitu~~ em relação ao mundo real. O poeta manipula o universo, recria a humanidade, dirige-se a todos e a ninguém, modera-se com não importa que poder. Chamar uma mulher de “rainha das adoradas” ~~é é~~ o exemplo do que o poeta pode permitir-se, (22, fº 21 / fº 254).

¹ Tudo > toda (LAPLANTINE, 2008b, p. 523).

Benveniste volta aqui aos mesmos anseios e às mesmas questões repetidas vezes:

[...]

A coisa de que ele [o objeto] trata nasce da organização das palavras, e daí somente. Essas palavras modificadas, tudo que elas exprimem desaparece.

A poesia não se refere a nada. É por isso que ocorre de se perguntar diante de um verso ou uma parte de verso: “O que isso quer dizer?” Enquanto que na linguagem ordinária, a questão normalmente não é colocada, salvo precisamente em relação “àqueles que falam sem nada dizer”. Não havendo referência, a linguagem poética não é ~~inteiramente~~ jamais repetível, ela não

deve ~~passar~~ idêntica em vários ~~autores~~ ~~formas~~ nem ser assumida por vários autores, poemas (22, fº 8 / fº 260).

ela está inteiramente neste poema, neste verso, instâncias a cada vez únicas.

A ‘realidade’ à¹ qual remete o verso² ~~de~~ ~~poema~~ é uma realidade indefinidamente criada pelo próprio poeta, por meio de seus versos. Ele a faz ver, ele lhe dá existência pela sonoridade

⁵⁴ Aqui se trata da expressão “à neuf”, entendida não como mera repetição, mas como *invenção*.

dos versos. Aquele que repete esses versos acessa esse segundo universo, que está inteiramente incluso nas palavras dispostas pelo poeta. O milagre permanente, oh confusa maravilha que é essa ficção se tornando suprema realidade nas e pelas palavras.

Tudo está pois, se há um problema linguístico da poesia, na natureza própria das palavras enquanto formadoras da linguagem poética.

Deve-se ter cuidado com isso. O poeta ~~não descreve, ele~~ não fala de alguma coisa, não mantém um discurso sobre um objeto: (22, fº 9 / fº 261).

ele o cria ao mesmo tempo em que escolhe e dispõe suas palavras. As palavras do poeta têm então dupla função: a de dizer e a de ser.

Tomadas separadamente, as palavras do poeta são as da língua comum. Elas não são então da poesia enquanto não estão agrupadas e ordenadas. ~~Que quer dizer?~~ É como tal que elas têm a função de dizer e a função de ser.

Elas dizem e elas são essa realidade segunda que é a realidade da imaginação e ~~de sentir~~ da emoção. Elas a criam ao expressi-la. Essa realidade não existe a não ser a partir do momento em que o poeta a enuncia.

Eis em que sentido a “realidade” é,

tanto

em poesia, interior às palavras, ~~portanto~~
como elas a exprimem, enquanto
que em prosa, ela é exterior às
palavras, que a ela remetem, tanto como
a denotam. (22, fº 10 / fº 262).

¹ de > à

² sem > verso (LAPLANTINE, 2008b, p. 539).

Benveniste escreve que ao dizer da poesia, já não se trata mais da poesia, pois, no momento que se modificam as palavras, o *sentido poético* desaparece. Essa realidade segunda, própria da língua poética, *diz* e é somente na língua poética. Trata-se aqui da referenciação. A referência em poesia é da ordem do *subjetivo-emocional*, pois muito mais do que uma ideia a comunicar, porque partiria do signo, a palavra, porque este transcende, evoca uma emoção a fazer sentir. Vier e Verbist (2015, p. 218), problematizando a referenciação em arte, defendem que “a referência, então, é o encontro de subjetividades transbordadas em emoção mesma, e não o que provoca a emoção na arte. O artista, na e pela linguagem, tem em mãos a possibilidade de tornar sensível a emoção”. E é disso que trata a referência: porque está no

poema e somente no poema, a palavra transborda emoção, suscitando uma realidade segunda a fazer sentir. E esse transbordar está somente no poema; quando a palavra-poética é enunciada via palavra-ordinária, tem-se outra enunciação; logo, outra referenciação.

No fólio 306, Benveniste escreve que as palavras são escolhidas por elas mesmas e não pelo intentado. Nesse sentido, o linguista reconhece três planos sucessivos no discurso poético:

- 1) o primeiro – primeiro sob todos os aspectos – trata-se da invenção das palavras e de seu agrupamento de novo⁵⁵;
- 2) as palavras assim juntas fazem nascer um “sentido poético” que precisa ser descoberto, que pode ser mesmo incerto ou obscuro, mas que não deixa de estar lá,
- 3) ao mesmo tempo esse “sentido poético” irradia uma emoção, pathética ou estética, relacionada à forma sonora do verso. (22, fº 54/ fº 306).

Seria esta escrita, enfim, marca da síntese do funcionamento do poema para Benveniste? Da forma que leio sim, pois ela agrega a *ruminação* aqui deflagrada quanto ao funcionamento do poema como sistema semiológico. No entanto, dizer do funcionamento desse sistema somente a partir de três pontos parece ser muito pouco para a dimensão do universo poético: se o poema como arte é uma contradição de significações, também postular princípios para o seu funcionamento o é.

No percurso que vivenciei em 5.2, entendo que Benveniste escrevia, a partir das relações de homologia entre diferentes sistemas deflagradas nos poemas de Baudelaire, sobre o caráter radicalmente específico da língua poética. É a palavra no poema, a língua em estado de arte, que coloca em cena essa radicalidade. E olhar para a especificidade da língua poética só foi possível porque Benveniste transcendeu o estudo da língua como forma para encontrar na própria linguagem as possibilidades de sentido: eis a semiologia de segunda geração.

5.3 SEMIOLOGIA DE SEGUNDA GERAÇÃO

Fenoglio (2012a) afirma que o período entre 1967 e 1969 foi para Benveniste um momento de atividade intensa. E é nesse período, mais exatamente entre 25 de agosto e 1º de setembro de 1968, que ocorreu o primeiro *Simpósio de semiótica*, em Varsóvia. O tópico apresentado pelo linguista nesse simpósio é o que gerou o artigo *Semiologia da Língua*. Este texto é dividido em duas partes: a primeira apresenta o que é semiologia, situando a língua em relação à semiologia geral; a segunda traz aspectos mais específicos, situando a língua em

⁵⁵ Aqui se trata novamente da expressão “à neuf”, que deve ser entendida como *invenção*.

relação a outros sistemas semiológicos. Também sua publicação aconteceu em dois momentos: a primeira, na revista *Semiotica*, I, 1 (p. 1-12); a segunda, na revista *Semiotica*, I, 2 (p. 127-135), ambas em 1969. Fenoglio (2012a) destaca que a escrita do artigo, porque relacionado ao *Simpósio de semiótica*, aconteceu em 1968. Além disso, não podemos esquecer que os fólios datados do DB compreendem o final do ano de 1967, ou seja, o estudo empreendido por Benveniste parece ser concomitante à reflexão tecida no simpósio e no artigo.

No artigo *Semiologia da Língua*, Benveniste esclarece que a linguística e a semiologia estão relacionadas pela noção de signo. É o caráter semiótico que confere à língua seu lugar entre os sistemas semiológicos. E que lugar é esse? Segundo o linguista, a língua, porque também apresenta um caráter semântico, é o interpretante de todos os sistemas semiológicos, tendo em vista que os demais não apresentam um caráter duplo: há aqueles que funcionam somente a partir do semiótico e aqueles que funcionam somente a partir do semântico.

E o poema? Conforme estudado, o poema impõe ao linguista problemas. Quanto à sua natureza, o poema tem a palavra-escrita como unidade. Como escrita, o poema necessita da língua para uma relação de interpretância. Mas aqui temos um problema: a palavra escrita do poema assemelha-se à palavra do uso ordinário. Nesse sentido, não é qualquer relação de interpretância que se pode estabelecer, pois, quando no poema, a palavra torna-se ícone, transcendendo o signo linguístico. É preciso, pois, estudar o modo de funcionamento das palavras no(s) poema(s) para poder estabelecer uma relação de homologia entre diferentes sistemas e entre esses sistemas e a língua, para poder, a partir dessas relações, compreender o modo de funcionamento do poema e poder interpretar a palavra ali presente. A partir disso, então, poder-se-á estabelecer uma relação de interpretância entre os dois.

Flores (2013, p. 149-150) vê em Benveniste um movimento radical quando este propõe “[...] que todos os outros sistemas de signos lembrados por Saussure [...] supõem a língua, que *os produz e os interpreta*. Enfim, na visão de Benveniste, também as relações entre sistemas fariam parte do objeto da semiologia e não apenas os sistemas em si” [grifos do autor]. Seria essa a radicalidade necessária para pensar a língua poética? Ou seja, a radicalidade está justamente em transcender o signo linguístico para pensar a língua em uso?

Em um dos fólios do DB vemos um registro de Benveniste sobre a relação de homologia: é o único no dossiê em que essa relação aparece assim explícita.

Baudelaire não quer ver o mundo; ele quer abraçá-lo,
ele quer possuí-lo. Seus movimentos primordiais são

os de abraço, os do nadador que se coloca na
 água profunda, os do pássaro ou os do nadador
 inverso, que se coloca nos ares. Ele quer os membros
 a potência graciosa
 vigorosos e a aparência livre daqueles que dominam
 os elementos, dos navios que deslizam, dos pássaros
 que planam.

Ele quer abraçar para possuir, é o gesto dos solitários,
 e para apreender o outro, que sempre se esquia.

do universo mudo e gracioso

Baudelaire dirige-se aos elementos. Ele converteu esses
 seres em elementos, ele não pode louvá-los, enaltecê-los,
 descrevê-los sem os comparar às grandes
palpitações ~~o céu~~
~~das~~ cósmicas, a noite estrelada, a abóboda noturna
 a claridade ~~diurna ou noturna~~. O sol brilhando sobre
 o mar. A beleza tornou-se elemento,
 imobilidade.

Um outro universo, completamente oposto, é a cidade. É uma
 transposição do universo solitário (←(mostrar as homologias) (6, 1/1).

E isso vimos no estudo efetuado nesta tese: Benveniste estava atrás de relações de homologia, suscitadas pelo verso do poema *Correspondências* e ampliadas para a língua de Baudelaire. Nesse fólio, Benveniste escreve sobre a palavra de Baudelaire, que não descreve, pois ela abraça o mundo (e o outro), colocando os seres em comparação. E nesse aspecto a palavra do poeta (do homem) encontra a natureza e a cidade: mas o universo da cidade e o da natureza se opõem. O poeta vê na natureza aquilo que deseja, ele vê na cidade a sua superação. Em tudo o homem se vê: não há, pois, como separar o humano do não humano. O homem e o mundo se correspondem!

E o que esse fólio diz da semiologia? Muito!

Primeiro: não podemos separar o *humano* do *não humano* porque a língua constitui o que os mantêm em relação, a sociedade.

Segundo: não podemos separar o *humano* do *não humano* porque a linguagem fundamenta e instaura essa relação.

Isso é o que Benveniste escreve ao final do fólio 284:

[...]

- Trata-se, como escrevi mais acima, de colocar em contato e em acordo ~~o ser~~ a natureza do ser e a natureza das coisas. Mas o instrumento dessa conjunção é ainda e sempre a

linguagem. Que será ela para assumir uma missão tal, exceto aquela cujo uso social incumbe? (22, fº 32 / fº 284).

Está, pois, desenhada, neste estudo efetuado por Benveniste, a semiologia de segunda geração: a estrutura e o funcionamento da língua não dependem somente do signo saussuriano, mas não o desconsideram. É preciso, a exemplo do que Benveniste viu na língua de Baudelaire, transcender o signo linguístico e encontrar o discurso.

Em uma das notas preparatórias (inéditas até hoje) para o *Simpósio em Varsóvia*, em 1968, encontramos⁵⁶:

Semiologia

A ultrapassagem das posições saussurianas se faz por dois processos:

1º) interiormente à linguagem, pela abertura de uma nova ~~poss~~ dimensão, a dimensão semântica, em relação a qual a dimensão saussuriana se definirá como semiótica

2º) exteriormente à linguagem, por uma projeção translinguística sobre um domínio que a linguagem sozinha comanda, o do texto (literário, poético), mas que tem sua autonomia, porque a linguagem aí é instrumento de algo e porque aquele que se serve dela a trabalha, a modela, para conformá-la a sua visão. (FENOGLIO, 2012a, p. 144).

Essa nota por si só geraria uma tese. Dela, recorto o que interessa ao estudo aqui empreendido: o texto literário é comandado pela linguagem. Parafraseando Benveniste, é na linguagem e pela linguagem que o texto literário se constitui.

Um trecho semelhante encontramos no artigo *Semiologia da Língua*:

Essa ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralingüística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;
- na análise translingüística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação. (BENVENISTE, 1969/1989, p. 67).

O que esse trecho acrescenta ao anterior é o lugar da linguística na análise do texto literário: é um lugar translinguístico. É preciso transcender a linguística do signo para encontrar a linguagem. E é esse transcender que Benveniste denomina de *semiologia de segunda geração*. Semiologia que ele apenas anuncia nesse texto.

Nas últimas aulas no Collège de France, Benveniste escreve:

⁵⁶ “BnF, Pap. Or. DON 0616, pasta 6. Esse conjunto não está ainda foliotado” (FENOGLIO, 2012a, p. 144).

Percebemos, portanto, uma distinção entre dois mundos e duas linguísticas:
 - o mundo das formas de oposição e distinção, o semiótico, que se aplica a inventários fechados, e se apoia em critérios de distintividade, mais ou menos elaborados. Deste mundo depende também a distinção que aparece em várias línguas ameríndias entre duas séries consonânticas para as categorias do diminutivo e do aumentativo (karok, wiyot, wishram), alternâncias consonânticas morfofonológicas. O mesmo ocorre com o intensivo do tarahumara. A distinção está nas próprias coisas;
 - o outro mundo é o do *sentido produzido* pela enunciação: o semântico. [grifo do autor]. (BENVENISTE, 2014, p. 192).

Da forma como entendo, não devemos abandonar a linguística centrada somente no signo, mas a transcender: é a partir do signo linguístico que a metassemântica será construída.

Voltemos à escrita de Benveniste presente no DB. Foi colocando as palavras em relação que Benveniste vislumbrou a homologia intuída por Baudelaire, tanto entre diferentes sistemas evocados pelos poemas, quanto por esses sistemas e a língua. E é nessa perspectiva que as palavras de Baudelaire evocam de uma parte e significam de outra: por vezes, evocando e significando ao mesmo tempo, por vezes evocando porque significaram primeiro. Além disso, o princípio das correspondências, que coloca em relação de homologia diferentes sistemas, põe em contato a natureza do homem e a natureza do mundo (das coisas). Contato este estabelecido pela linguagem, tendo a língua o papel de interpretante dessas correspondências.

A *ruminação* analisada na escrita de Benveniste converge para o que encontro no fôlio 198, escrito no final de 1967:

3/10/67

Poesia

Poder-se-ia dizer que, em poesia, o signo se torna símbolo?
 Em todo caso, parece-me que, em poesia:

- 1º) Não há signo isolado que, em si, possa ser considerado como próprio da língua poética ou que realize o efeito poético (exceto alguns clichês “espada” “onda” “azul celeste”)
- 2º) Tudo está na junção. A obra do poeta consiste literalmente em reunir as palavras em conjuntos submetidos à medida.
- 3º) O linguista portanto tem que estudar: 1º) o princípio dessa sintagmática particular 2º) as relações de significado assim obtidas.
- 4º)

Princípios

- 1º) Em poesia a distinção da forma e do conteúdo (supondo-se que ela tenha em si um sentido) é eliminada. O “fundo” da poesia é sua “forma”.

2º) Em poesia o conjunto prevalece e determina a unidade.

3º) Em poesia (aqui se inicia a passagem mais difícil) a relação entre significado e denotado (fundamento da semiótica - na verdade a à limitar-se na linguagem ordinária) não funciona.

4º) De fato - no ponto de partida de todo propósito razoável na poesia, precisa-se colocar o seguinte: o signo é sempre conceitual. Ele é inteligível. (20, fº 4 / fº 198).

Colocando em estudo as relações de homologia possíveis a partir dos poemas *de* Baudelaire e da língua *de* Baudelaire, Benveniste encontrou o discurso *de* Baudelaire. E qual o papel do linguista a partir dessa constatação? Cabe ao linguista estudar:

- a) o **princípio** da sintagmática particular da língua de cada homem: na língua de Baudelaire, a sintagmática poética coloca em cena o princípio das correspondências;
- b) as **relações de significado** obtidas a partir dessa sintagmática: no discurso de Baudelaire, a palavra evoca uma realidade segunda.

Quando escreve sobre o funcionamento, Benveniste anota no terceiro tópico algo fundamental sobre o estudo linguístico: a relação entre significado e significante – fundamento da semiótica – no poema não funciona. Por que não funciona? Simplesmente porque é a linguagem, e não a língua, que comanda o poético e por extensão o texto literário.

É disto, então, que trata a semiologia de segunda geração: produzir um discurso sobre o discurso de um homem que assume a língua. Ao fazer linguística, não há algo a ser reconhecido – porque partiria do signo –, mas algo a ser compreendido – porque é discurso. O que acessamos do outro é sempre discurso! E como pesquisar o discurso? A partir da semiologia. Desconsidera-se o signo? Não!

No entanto, é preciso entendê-lo a partir de outra perspectiva. Uma perspectiva que coloca o signo como ponto de partida e não como ponto de chegada de um estudo: ponto de partida da consideração semiótica. A partir de uma pesquisa semiológica, que coloca em relação os sistemas semiológicos, a língua funciona, em um primeiro momento, como interpretante semiológico dos sistemas. É preciso que haja um ponto inicial no universo para que possamos enunciar. A partir disso, é possível singularizar e particularizar um dizer: adentramos na consideração semântica da língua. Trata-se do discurso e não mais de uma relação semiótica: trata-se do sentido produzido na e pela enunciação.

Assim, é sempre de relações que falamos quando colocamos a língua em uma pesquisa, de um estudo instaurado e de uma análise vivenciada, e não de um dado a ser

coletado e de uma verdade a ser reconhecida. No entanto, precisamos partir da semiologia de primeira geração – das categorias formais da língua – para adentrar na semiologia de segunda geração – o sentido na enunciação.

Na realidade, o problema do sentido é o problema da própria língua, e, como a língua aparece para mim como uma paisagem que se move (ela é o lugar de *transformações*) e como se compõe de elementos diferentes (verbos, nomes etc.), o sentido se resume a procurar o modo de significar próprio a cada um dos elementos em questão.

O estudo de conjunto seria a semiologia. [grifo do autor]. (BENVENISTE, 2014, p. 194).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro contato que tive com o DB, fiquei encantada com a escrita de Benveniste presente nos fólios 196 e 195:

“Todo corpo mergulhado na água...”

O poeta sonha:

“Todo corpo? Que corpo? E que água?
 É o meu corpo, sim meu estimado corpo mergulhado **nas**
~~ondas~~
~~no mar~~ tépidas da Sicília? ~~De~~ Arquimedes?
 no banho? Sentir seu corpo na água, existir
 por seu corpo, acolher em seu corpo esta vida
 ~~esparsa no mar~~ **o movimento**
~~nova~~ que nasce do mar, que ~~a~~ água
~~surde~~ jorra
 da água infunde ~~a água viva~~ nos membros... ~~que~~
 da nascente **sim**
~~sentem~~ “todo corpo mergulhado na água”... (20, fº 2 / fº 196).

O cientista e o poeta

O cientista enuncia um teorema brilhante:

“Todo corpo mergulhado na água...”

O poeta sonha com essas primeiras palavras, carregadas de uma estranha incerteza: “Todo corpo – que corpo? O corpo – tudo a ele retorna. Eu sinto meu corpo, mergulhado na água tépida da Sicília, esse doce toque da vaga em Siracusa. É lá que Arquimedes... ?” (20, fº 1 / fº 195).

E é inspirada nesses fólios que teço minhas considerações finais. Considerações estas que visam retomar e responder aos tópicos acadêmicos instituidores desta tese.

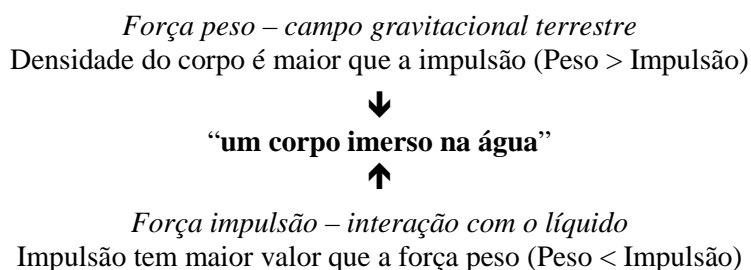
Benveniste escreve sobre o cientista e o poeta a partir do princípio de Arquimedes, importante sábio grego que viveu entre 287 e 212 a.C. em Siracusa, Sicília, considerado por muitos o precursor do método experimental nas ciências exatas⁵⁷. Conta-se que Arquimedes, a pedido do rei de Siracusa, investigava se uma coroa, feita por um ourives, continha somente

⁵⁷ Disponível em: <if.ufrgs.br>. Acesso em: 25 dez. 2015.

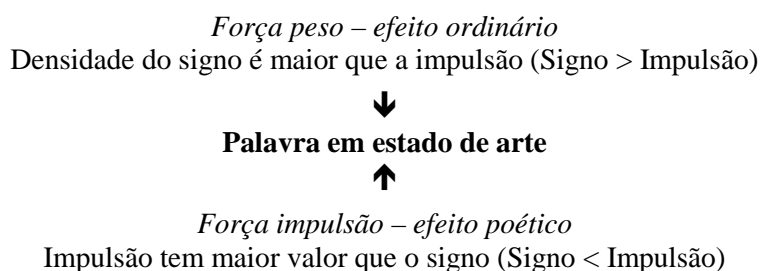
ouro – entregue pelo rei – ou se havia nela a presença de outro metal. Um dia, enquanto tomava banho, o sábio observou a água em movimento e teve a ideia de colocar uma barra de ouro exatamente igual à que o rei havia dado ao ourives em um recipiente com água. Em seguida, fez o mesmo com a coroa e coletou a sobra de água de ambos os recipientes. A sobra de água do recipiente com a coroa era menor do que com a barra de ouro. A partir disso, Arquimedes formula o princípio da impulsão: todo corpo mergulhado na água recebe deste uma impulsão vertical, de baixo para cima, de valor igual ao do peso do volume do líquido deslocado.

Retomando o estudo efetuado nesta tese, acredito que não seja à toa que Benveniste escreve sobre o cientista e o poeta a partir de um corpo mergulhado na água. Vejamos.

Um objeto afunda ou flutua na água dependendo da força de impulsão que este exerce sobre a água:



Tendo como objetivo geral verificar como a escrita de Benveniste presente no DB se esboça um estudo semiológico de uma obra e, portanto, do poético na linguagem, depreendo a seguinte analogia do princípio de Arquimedes:



Podemos ler o fôlio 195 assim: **uma obra literária** terá sua significância dependendo da impulsão que as relações semiológicas propiciarem:

- a) se, na leitura, o peso maior for o efeito ordinário, o sentido se dará a partir da realidade cotidiana;

b) se, na leitura, o peso maior for o efeito poético, o sentido se dará a partir da emoção que evoca uma realidade segunda.

Benveniste escreve que, para um cientista, pensar nesse princípio é o ponto de partida para a pesquisa acadêmica; para um poeta, é o ponto de partida para o sonho. Isso porque a palavra em estado de arte está para uma realidade segunda, que questiona o poeta: palavra do outro? minha palavra? a palavra... – tudo a ela retorna. O poeta se reconhece e reconhece o outro na palavra: a emoção emana da palavra!

Assim, a semiologia de segunda geração precisa estar muito mais próxima do sonho do que da realidade. Isso porque não é a realidade, tal qual entendida como forma binária, que reconhece a palavra imersa na linguagem e, portanto, trinitária: é o sonho.

Retomando o princípio de Arquimedes, é preciso compreender que a água transborda e deixa sobras. Pesquisar a linguagem é permitir-se transbordar e sobrar: não é dar conta do todo, é encarar a matéria estranha. E isso é o que vimos no estudo de Benveniste e talvez por isso ele não tenha sido publicado na *Langages*: o estudo do linguista ainda hoje é bastante inovador! Ainda hoje é difícil pesquisar cientificamente um objeto permitindo que este sobre, transborde, ou mesmo que falte.

E aí está o novo horizonte de pesquisa linguística intuído por Benveniste em seu estudo sobre *As Flores do Mal*: estudar uma obra a partir do signo linguístico e não pelo signo linguístico. A linguística do signo é ponto de partida de um estudo da linguagem, mas não o ponto de chegada. E qual o ponto de chegada? Não sabemos. Afinal, há a necessidade de um ponto de chegada?

Flores (2010), ao escrever sobre o livro *Literatura e Enunciação*, afirma que “há quem diga que a linguística nada pode dizer sobre a especificidade do texto literário; há quem diga que o texto literário não se presta à análise linguística, ciosa que é da estabilidade do sentido, da cientificidade de seu método”. Por fim, pondera que talvez fosse melhor assumir que entre linguística e literatura há um fosso intransponível⁵⁸.

Defendo que o fosso entre linguística e literatura é o signo linguístico. Para ultrapassá-lo, é preciso transcender a linguística e a literatura como áreas do saber e encontrar a linguagem constituidora da obra literária. Não é de linguística que se trata, tampouco de literatura: é de linguagem. É como linguagem que a *imagem espelho* evoca o homem. É como linguagem que as *correspondências* funcionam como princípio em *As Flores do Mal*. É como linguagem que a palavra transcende o signo linguístico e encontra a emoção e a experiência

⁵⁸ Cabe destacar que Flores (2010) afirma que Cavalheiro (2010), no estudo da obra *Metamorfose*, de Kafka, transpõe esse fosso ao encontrar a linguagem e o sujeito.

humana. Parafrazeando Benveniste, a obra literária serve para viver! Chamo atenção ao uso do “eu” no fôlio 195: “Eu sinto meu corpo [...]”. O poeta sente(-se) quando imerso nas águas literárias. O poeta reconhece(-se) na incerteza o outro. É a experiência humana que está no poema.

Teixeira (2006, p. 121) afirma que “é na arte que os acidentes ilegítimos e perturbadores da racionalidade científica encontram uma forma de representação, porque na arte, como no inconsciente, há um saber fundamental e primitivo que falta à ciência”. Será que foi pela arte de Baudelaire que Benveniste intuiu a semiologia de segunda geração? Não sabemos. E *não saber* diz da semiologia de segunda geração: não há uma receita para vivenciar um estudo semiológico. Há um percurso instaurado e vivenciado por um linguista no DB. A cada nova obra literária e a cada novo (outro) linguista, um novo percurso de pesquisa é instaurado.

Propiciemos, então, que a escrita de Benveniste, porque traço de um estudo semiológico de uma obra, não traga respostas, mas suscite estudos de outras obras literárias que partam da linguística e encontrem a linguagem e, por extensão, a experiência humana.

Nesse sentido, outros estudos do DB a partir da escrita de Benveniste poderiam ser realizados. Nos fôlios, encontramos, pelo menos, 20 usos da primeira pessoa do singular – a exemplo do que vimos no fôlio 195. O que essa inscrição aponta? Da forma como leio, não há uma ruminação nesse uso, ou seja, a inscrição ocorre de diferentes formas. Seria interessante, talvez, pesquisar sobre isso. Além disso, as palavras *língua* e *discurso* aparecem muitas vezes na escrita de Benveniste. Em alguns momentos, o linguista descarta uma delas e escreve a outra – ou mesmo outra palavra. O que essa insistência diz sobre a semiologia? Com certeza, muitos (e outros) estudos são possíveis a partir do que se traçou nesta tese.

Fenoglio (2012b) explica que o DB estava na mesa de trabalho de Benveniste no momento em que sofreu o ataque que o deixou afásico e paralisado em dezembro de 1969, junto aos manuscritos sobre a Axiologia da linguagem. A linguista-geneticista defende que os dois conjuntos não têm nada em comum. Discordo disso.

Benveniste, no manuscrito Axiologia da linguagem, se interrogava sobre a noção axiológica de valor, a partir da leitura de *A Ciência aplicada ao homem pode abrir mão de ser axiológica?*, do filósofo peruano Augusto Salazar-Bondy (FENOGLIO, 2012b).

[...] A questão, nos termos em que Augusto Salazar-Bondy a faz, saltará aos olhos do linguista como uma questão anterior: “A linguística é ou não é axiológica?”, mas antes de tudo: A linguística é uma ciência ‘aplicada ao homem’?.

Não, a linguística é a ciência da língua, ou ela é a ciência das línguas, não é uma ciência “aplicada ao homem”... (BENVENISTE apud FENOGLIO, 2012b, p. 158).

De todos os fólios trazidos pela linguista-geneticista, destaco aquele em que Benveniste escreve “redação definitiva”:

[...]

Para meu artigo (redação definitiva)

Assim a linguística não admite a redução axiológica.

Por quê? Porque ela é uma ciência da significação, portanto uma semiologia, com características particulares: de um lado ela é formada, como outros sistemas de unidades discretas e que dependem de outro, ela possui uma dimensão semântica; enfim do semiótico; ~~de outro~~ ela é a metalíngua na qual efetuamos a análise semiológica do conjunto dos sistemas significantes. ① Ver nossos artigos em Semiotica.

Entre a a axiologia e a semiologia há um termo comum e um único, ao que parece, é o termo “valor”.

relação entre

É preciso portanto ilustrar a ~~distinção de~~ o valor axiológico e do valor semiológico.

Aqui se apresenta Saussure. (FENOGLIO, 2012b, p. 172).

Não seria justamente isso que Benveniste estudava em *As Flores do Mal*? A linguística, porque uma ciência da significação – sublinhada pelo linguista –, é uma metalíngua na qual se efetua a análise semiológica do conjunto dos sistemas significantes (FLORES, 2013). E isso não é axiológico, conforme já esclarecido aqui.

Benveniste defende que o único termo em comum entre a semiologia e a axiologia é o “valor”. É preciso, portanto, esclarece o linguista, definir o valor semiológico e o valor axiológico. E neste ponto encontramos Saussure. E neste ponto retomo e encerro estas considerações.

Um estudo semiológico de uma obra literária inclui a linguística do signo, mas não se encerra nela. Porque acessamos a língua para instaurar uma interpretação, produzimos um discurso sobre uma obra. Esta é a semiologia de segunda geração.

Por isso, não há como pensar em um eixo – em uma fonte, em uma origem – ou mesmo em uma ciência aplicada ao homem: a linguística por Benveniste é a ciência da significação; portanto, sobre o homem. E porque sobre o homem, uma linguística que se institui como sempre nova e sempre outra: precisamos sempre de uma *nova linguística*.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. *Les problèmes du discours poétique* selon Benveniste. Un parcours de lecture. **Semen**, n. 33, Franche-Comté, avril, 2012, p. 25-54.
- AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho (Homo Sacer III)**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BADER, F. Une anamnèse littéraire d'E. Benveniste. **Incontri Linguistici**. n. 22. Università di Trieste. Roma, 1999. p. 11-56. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/Inedits/Bader_Anamnese.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2014.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- _____. Linguistique et littérature. **Langages**, v. 3, n. 12. Paris, 1968. p. 3-8. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1968_num_3_12_2349>. Acesso em: 24 mai. 2014.
- BAUDELAIRE, C. **Les Fleurs du Mal**. Org. Josef Nygrin. 2008. Disponível em: <<http://www.paskvil.com/>>. Acesso em: 24 mai. 2014.
- _____. **As Flores do Mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Trad. Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- _____. **Dernières Leçons. Collège de France 1968 et 1969**. Édition établie par Jean-Claude Coquet et Irène Fenoglio. Seuil: Gallimard, 2012.
- _____. **Baudelaire**. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.
- _____. [1970] O aparelho formal da enunciação. In: _____. [1974] **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.
- _____. [1969] Sémiologie de la langue. In: _____. [1974] **Problèmes de linguistique générale, 2**. Paris: Éditions Gallimard, 2008. p. 43-66.
- _____. [1969] Semiologia da língua. In: _____. [1974] **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 43-67.
- _____. [1969] **Vocabulario de las Instituciones Indoeuropeas**. Madrid: Taurus Ediciones, 1983.
- _____. [1968] Esta linguagem que faz história. In: _____. [1974] **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 29-40.

_____. [1967] A forma e o sentido na linguagem. In: _____. [1974] **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 220-242.

_____. [1966]. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.

_____. [1966] A forma e o sentido na linguagem. In: _____. [1974] **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 220-242.

_____. [1965] A linguagem e a experiência humana. In: _____. [1974] **Problemas de lingüística geral II**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1989. p. 68-80.

_____. [1963]. Saussure após meio século. In: _____. [1966] **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 34-49.

_____. [1959] As relações de tempo no verbo francês. In: _____. [1966] **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 260-276.

_____. [1958] Da subjetividade na linguagem. In: _____. [1966] **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 284-293.

_____. [1956] Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In: _____. [1966] **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 81-94.

_____. [1952-53] A classificação das línguas. In: _____. [1966] **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 105-126.

_____. [1950] A frase nominal. In: _____. [1966] **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 163-182.

_____. [1947] Fundamentos sintáticos da composição nominal. In: _____. [1966] **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 147-164.

_____. [1946] Estrutura de relações de pessoa no verbo. In: _____. [1966] **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 247-259.

_____. Le text du Draxt Asürík et la versification pehlevie. **Journal Asiatique**. oct-dez, 1930. Disponível em: <http://farsibg.com/library/Benveniste,E.-Le_texte_de_draxt_i_asurik.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2015.

BRUNET, É.; MAHRER, R. **Relire Benveniste**. Réceptions actuelles des *Problèmes de Linguistique Générale*. Bruxelles : Academia L'Harmattan, 2011.

CAPT, V. L'autre du signe. « Problème de l'autre » à partir du Baudelaire de Benveniste. In : **Émile Benveniste**: vers une poétique générale. Org. Sandrine Bédouret-Larraburu et Chloé Laplantine. Pau : Institut Claude Laugénie, 2015. p. 203-216.

CAVALHEIRO, J. **Literatura e enunciação**. Manaus: UEA Edições, 2010.

COQUET, J-C. Quelques remarques sur le langage iconique. **Semen**, n. 33, Franche-Comté, avril, 2012, p. 91-98.

DESSONS, G. D'étranges contrées du langage. Benveniste et l'aventure du Baudelaire. In : BEDOURET-LARRABURU, S. ; LAPLANTINE, C. (org.). **Émile Benveniste**: vers une poétique générale. Pau : Institut Claude Laugénie, 2015. p. 191-202.

_____. *Le Baudelaire* de Benveniste. Entre stylistique et poétique. **Semen**, n. 33, Franche-Comté, avril, 2012, p. 55-70.

_____. La place du poème dans la théorie du discours. In: MARTIN, S. **Émile Benveniste**: pour vivre langage. Mont-de-Laval: IUFM Basse-Normandie, 2009. p. 71-81.

_____. **Introduction à l'analyse du poème**. Paris : Armand Colin, 2008.

_____. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions In Press, 2006.

DELAS, D. De l'inachèvement de la poétique de Benveniste. In : BEDOURET-LARRABURU, S. ; LAPLANTINE, C. (org.). **Émile Benveniste**: vers une poétique générale. Pau : Institut Claude Laugénie, 2015. p. 25-32.

DUFOUR, D-R. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FENOGLIO, I. **Manuscritos de linguistas e genética textual**: quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplo através dos "papiers" de Benveniste. Tradução Simone de Mello de Oliveira, Verli Petri da Silveira, Zélia Maria Viana Paim. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2013.

_____. Benveniste auteur d'une recherche inachevée sur « le discours poétique » et non d'un « Baudelaire ». **Semen**, n. 33, Franche-Comté, avril, 2012a, p. 121-161.

_____. Émile Benveniste. Notes manuscrites sur « l'axiologie ». **Genesis**, n. 35, 2012b, p. 157-187.

_____. Les notes de travail d'Émile Benveniste: où la pensée théorique naît via son énonciation. **Langage et société**, n. 127, 2009, p. 23-49.

FLORES, V. do N. **Introdução à teoria enunciativa de Émile Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: TEIXEIRA, M.; FLORES, V. do N. **O sentido na linguagem. Uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 149-166.

_____. Apresentação. In: CAVALHEIRO, J. **Literatura e enunciação**. Manaus: UEA Edições, 2010.

_____. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte). In: **Letras de Hoje**. v. 36, n. 4, Porto Alegre, dez. 2001, p. 7-67.

_____. ; TEIXEIRA, M. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. **ReVEL**, edição especial, n.7, 2013. p. 1-12. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 5 mai. 2014.

_____. Linguística da Enunciação – uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. Entrevistador: ReVEL. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011, p. 406-425. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 3 mar. 2012.

_____. **Introdução à Lingüística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FRIEDRICH, H. **A estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

JUNQUEIRA, I. Introdução. In: BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Fronteira, 2006.

KEHL, M. R. O eu é um outro. **Artigos e Ensaios**, 2005. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/conteudo.php?id=125>>. Acesso em: 4 set. 2015.

KLAFKE, S. R. **Da (re)criação enunciativa da experiência humana: a fotografia como testemunho**. 2015. 102 f. Projeto de qualificação (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

KRISTEVA, J. Prefácio. Émile Benveniste, um linguista que não diz, nem oculta, mas significa. In: BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Edição estabelecida por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Trad. Daniel Costa da Silva et al. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 29-66.

LAPLANTINE, C. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso. Entrevistadores: Marlene Teixeira e Valdir do Nascimento Flores. **Calidoscópio**, v. 11, n. 2, São Leopoldo, mai-ago 2013, p. 221-224.

_____. « La langue de Baudelaire », une culturologie. **Semen**, n. 33, Franche-Comté, avril, 2012, p. 71-90.

_____. Présentation. In: BENVENISTE, É. **Baudelaire**. Edição Chloé Laplantine. Limoges: Lambert-Lucas, 2011a.

_____. **Émile Benveniste, l'inconscient et le poème**. Limoges: Lambert-Lucas, 2011b.

_____. La poétique d'Émile Benveniste. In: MARTIN, S. **Émile Benveniste: pour vivre langage**. Mont-de-Laval: IUFM Basse-Normandie, 2009. p. 25-38.

_____. **Émile Benveniste : poétique de la théorie**. Publications e transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire. Tese (Doutorado). Ecole Doctorale Pratiques et théories du sens. Université Paris 8. Saint-Denis. 2008a. Disponível em: <<http://www.bibliotheque-numerique-paris8.fr/eng/notices/141555-Emile-Benveniste-po-et-tique-de-la-th-et-orie-publication-et-transcription-des-manuscrits-in-edits-d-une-po-et-tique-de-Bau....html>>. Acesso em: 13 mai. 2012.

_____. **Annexes**. Fascicule 1 - Transcription diplomatique et reproduction des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire par Emile Benveniste. Tese (Doutorado). Université Paris 8. Saint-Denis. 2008b. Disponível em: <<http://www.bibliotheque-numerique-paris8.fr/eng/notices/141555-Emile-Benveniste-po-et-tique-de-la-th-et-orie>>

publication-et-transcription-des-manuscrits-iné-dits-d’-une-poé-tique-de-Bau....html>. Acesso em: 13 mai. 2012.

LATOURE, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A.; ROQUE, Ricardo. **Objectos impuros**: experiências em estudos sobre a ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

_____. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia moderna. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MARTIN, S. **Émile Benveniste**: pour vivre langage. Mont-de-Laval: IUFM Basse-Normandie, 2009.

MARTINS, R. de F. **A experiência do estranho no romance *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigges*, de Rainer Maria Rilke**. 2011. 167 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2011.

MOÏNFAR, M. D. L'œuvre d'Emile Benveniste. **Linx**, Lectures d'Émile Benveniste. n.26. 1992. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/linx_0246-8743_1992_num_26_1>. Acesso em: 10 jul. 2014.

MORICHEAU-AIRAUD, B. Benveniste, um (des) père(s) pour la stylistique. In: BEDOURET-LARRABURU, S.; LAPLANTINE, C. (org.). **Émile Benveniste**: vers une poétique générale. Pau: Institut Claude Laugénie, 2015. p. 65-86.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Aurora**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Ed. Escala, 2007.

_____. **Escritos sobre educação**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. 2.ed. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

ONO, A. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

PEREIRA, M. H. da R. Em volta das *palavras aladas*. **Revista Colóquio**. Letras. n. 80. Lisboa, jul. 1984. p. 35-48. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=80&p=35&o=r>>. Acesso em: 3 set. 2015.

RABATEL, A. D'un mode de signifiante sémantique pathémique-iconique fréquent en poésie à un mode d'énonciation subjectif-empathique. In: BEDOURET-LARRABURU, S.; LAPLANTINE, C. (org.). **Émile Benveniste**: vers une poétique générale. Pau: Institut Claude Laugénie, 2015. p. 111-138.

RUMINAR. In: **Aulete Digital**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/ruminar>>. Acesso em: 25 dez. 2015.

SANTOS, B. de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1989. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/livros/introducao-a-uma-ciencia-pos-moderna.php>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

SAUSSURE, F. [1916] **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAVANG, J-F. Rythme et signifiante. In : BEDOURET-LARRABURU, S. ; LAPLANTINE, C. (org.) **Émile Benveniste: vers une poétique générale**. Pau : Institut Claude Laugénie, 2015. p. 25-32.

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

TAUVERON, M. Le rôle du poète et du lecteur de poésie : construire le « sens » du poème pour Benveniste. In : BEDOURET-LARRABURU, S. ; LAPLANTINE, C. (org.). **Émile Benveniste: vers une poétique générale**. Pau : Institut Claude Laugénie, 2015. p. 111-138.

TEIXEIRA, M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Desenredo**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. v. 8, n.1, Passo Fundo, jan-jun, 2012a. p. 71-83.

_____. **Un lieu épistémologique pour l'analyse de la subjectivité dans des pratiques des soins infirmiers**. Premier Congrès de la Société Internationale d'Ergologie, Strasbourg. 28 set. 2012b.

_____. A abertura do campo da enunciação ao diálogo interdisciplinar. In: MATZENAUER, C. L. B. (org.). **Estudos da linguagem: VII Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 105-116.

_____. Transgressão dos sujeitos em canções de Chico Buarque. In: DE CARLI, A. M. S.; RAMOS, F. B. (orgs.). **Palavra-Prima: as faces de Chico Buarque**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 114-127.

_____. A constituição heterogênea do sujeito discursivo: um exercício de análise em "Partido Alto" de Chico Buarque. In: CORACINI, M. J.; PEREIRA, A. E. (orgs.). **Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso**. Pelotas: EDUCAT, 2001. p. 257-300.

TERRA, J. E. M. **O Deus dos Indo-europeus: Zeus e a Proto-Religião dos Indo-europeus**. São Paulo: Loyola, 1999.

VASSEUR, A.; PLACE, J-M. **Bibliographie des revues et journaux littéraires des XIXe et XXe siècles, t. 3, (1915-1930)**. Éditions de la Chronique des Lettres Françaises, 1977, p. 245-256. Disponível em: <<http://www.revues-litteraires.com/articles.php?pg=1045>>. Acesso em: 8 ago. 2015.

VIER, S. **A singularidade na/da linguagem poética: um estudo enunciativo em canções de Chico Buarque**. Dissertação (Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Unisinos, 2008.

_____. ; VERBIST, S. R. K. Palavras para fazer ouvir interrogações. **ReVEL**, v. 13, n. 25, 2015. p. 207-225. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em : 25 dez. 2015.

VIPREY, J-M. Le discours poétique et son vocabulaire. Benveniste sur les « mots » et leur « jonction ». **Semen**, n. 33, Franche-Comté, avril, 2012, p. 99-120.

ANEXO A – DOSSIE BAUDELAIRE

Fonte: _____. **Annexes**. Fascicule 1 - Transcription diplomatique et reproduction des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire par Emile Benveniste. Tese (Doutorado). Université Paris 8. Saint-Denis. 2008b. Disponível em: <<http://www.bibliotheque-numerique-paris8.fr/eng/notices/141555-Emile-Benveniste-po%eacute-tique-de-la-th%eacute-orie-publication-et-transcription-des-manuscrits-in%eacute-dits-d%e2019-une-po%eacute-tique-de-Bau....html>>. Acesso em: 13 mai. 2012.